



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

RUBIA SIBELE NOGUEIRA RODRIGUES

**MEU CORPO, MEU POST, MINHA LUTA:
Ciberativismo gordo e as possibilidades da
comunicação contraperformativa feminista no
Instagram Brasil**

Campo Grande - MS

FEVEREIRO / 2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



MEU CORPO, MEU POST, MINHA LUTA: Ciberativismo gordo e as possibilidades da comunicação contraperformativa feminista no Instagram Brasil

RUBIA SIBELE NOGUEIRA RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídia e Representação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Katarini Giroldo Miguel

RUBIA SIBELE NOGUEIRA RODRIGUES

**MEU CORPO, MEU POST, MINHA LUTA: Ciberativismo gordo e as possibilidades da
comunicação contraperformativa feminista no Instagram Brasil**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Mídia e Representação Social. Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade.

Campo Grande - MS, fevereiro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Katarini Giroldo Miguel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr^ª. Daniela Cristiane Ota
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Zaira de Andrade Lopes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento
001.

Dedico este trabalho a todas as mulheres que estão lutando pelo direito de existirem e serem felizes dentro de seus corpos reais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Katarini Giroldo Miguel por seu suporte e orientação durante a produção desta dissertação.

Agradeço também à minha banca de qualificação da qual fizeram parte as professoras Daniela Ota e Jacy Corrêa, por suas observações, avaliações e sugestões que muito me ajudaram a concluir este trabalho.

Agradeço aos professores do PPGCOM-UFMS que fizeram parte desta jornada, contribuindo para minha formação e estudos.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a meu marido Fábio Vitor por seu suporte constante e amor, à amiga Mayara Dempsey pelo apoio e incentivo no trabalho científico, à minha família e amigas pela presença e força.

Honrar a nós mesmas, amar nossos corpos, é uma fase avançada na construção de uma autoestima saudável.

bell hooks

RESUMO

A vasta divulgação do pensamento feminista pela internet possibilitou a amplificação e matização do ciberativismo feminista, dentro do qual se desenvolve a potência do movimento ciberativista gordo na rede social Instagram. Considerando esse contexto, o presente trabalho objetivou investigar as expressões comunicativas utilizadas para visibilizar e mobilizar as temáticas da aceitação corporal e ativismo gordo, tendo como sujeitos os movimentos ciberativistas Corpo Livre (@movimentocorpolivre) e Vai Ter Gorda (@vaitergorda). O procedimento metodológico utilizado é a Análise de Conteúdo (AC) Categorical, compreendendo que todos os dados são analisados à luz do feminismo crítico. A hipótese desta dissertação é de que os movimentos ciberativistas gordos no uso das novas tecnologias da informação estão alinhados ao conceito de contradição performativa de Judith Butler (2018), atuando nesses perfis do Instagram, por meio da resistência e agenciamento no interior das próprias redes de poder, articulando-se como sujeitos em busca de autonomia. O período estudado contempla 45 dias (15 de setembro de 2022 a 31 de outubro de 2022). A metodologia da AC categorial foi escolhida por ser uma técnica quantitativa, mas também qualitativa que busca permitir a criação de inferências e produção de dados sobre determinado conteúdo. O Movimento Corpo Livre (@movimentocorpolivre) foi selecionado por seu pioneirismo e representatividade no cenário do ciberativismo gordo brasileiro enquanto o perfil Vai Ter Gorda (@vaitergorda) foi selecionado por se tratar de um perfil mais híbrido, com ações presenciais-offline e online. Entre os resultados encontrados em nossa pesquisa, verificamos os perfis atuando em diversas frentes, como: conscientização, denúncia e combate à gordofobia, exposição do corpo gordo, saúde e bem-estar, além de observarmos resultados a curto prazo como a Democratização do Acesso a itens de vestuário para gordas maiores; Contradição performativa na Capa da Revista Vogue e Celebração da diversidade corporal e saúde da mulher gorda.

Palavras-chave: Comunicação; Rede Social; Análise de Conteúdo; Corpo Gordo; Gordofobia

ABSTRACT

The wide dissemination of feminist thought over the internet has enabled a greater amplification and nuance of feminist cyberactivism, within which the power of the fat cyberactivist movement develops on the social network Instagram. Considerando esse contexto, o presente trabalho objetivou investigar as expressões comunicativas utilizadas para visibilizar e mobilizar as temáticas da aceitação corporal e ativismo gordo, tendo como sujeitos os movimentos ciberativistas Corpo Livre (@movimentocorpolivre) e Vai Ter Gorda (@vaitergorda). Considering this context, the present work aimed to investigate the communicative expressions used to make visible and mobilize the themes of fat acceptance movement, having as subjects the profiles *Movimento Corpo Livre* (@movimentocorpolivre) and *Vai Ter Gorda* (@vaitergorda). The methodological procedure used is Categorical Content Analysis (CA), understanding that all data are analyzed in the light of critical feminism. This dissertation has the hypothesis that the fat cyberactivist movements, in the use of new information technologies, are aligned with Judith Butler's (2018) concept of performative contradiction, acting on these Instagram profiles, through resistance and agency within the networks of power, articulating themselves as subjects in search of autonomy. The period to be studied includes 45 days (September 15, 2022 to October 31, 2022). The categorical CA methodology was chosen because it is a quantitative technique, but also a qualitative one that seeks to allow the creation of inferences and production of data on a certain content. The Free Body Movement (@movimentocorpolivre) was selected for its pioneering spirit and representativeness in the Brazilian fat cyberactivism scenario, while the Vai Ter Gorda profile (@vaitergorda) was selected because it is a more hybrid profile, with face-to-face, offline and online actions. Among the results found in our research, we verified the profiles acting on several fronts, such as: awareness and denunciation against fatphobia, exposure of the fat body, health and well-being, in addition to observing short-term results such as the Democratization of Access to clothing items for larger fat women, Performative Contradiction on the Cover of Vogue Magazine Brazil, Celebration of body diversity and fat women's health.

Keywords: Communication; Social network; Content analysis; Fat body; Fatphobia.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Vídeos com maior número de reproduções.....	73
Quadro 2 - Postagens com maior número de comentários.....	74
Quadro 3 – Exemplos de posts com contradição performativa.....	84
Quadro 4 – Exemplos de posts da série “Time Corpo Livre”.....	88
Quadro 5 – Exemplos de posts ciberativistas que nem sempre tem “cara” de ativismo.....	90
Quadro 6 - Posts sobre a criação e lançamento da Coleção Toalhas para Todes.....	96
Quadro 7 - Posts sobre a exposição de corpos gordos.....	98
Quadro 8 – Coleta completa do perfil Movimento Corpo livre.....	112
Quadro 9 – Coleta completa do perfil Vai ter Gorda.....	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Causa principal identificadas nos posts do perfil Movimento Corpo Livre..	72
Gráfico 2 – Principais hashtags utilizadas pelo perfil Movimento Corpo livre.....	77
Gráfico 3 – Principais hashtags utilizadas pelo perfil Vai ter Gorda.....	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotos da “Galeria corpo livre”.....	58
Figura 2 - Alexandra Gurgel.....	59
Figura 3 - Fotos compartilhadas no perfil Vai ter Gorda, mostrando ações do movimento pelo Brasil.....	61
Figura 4 – Montagem com fotos compartilhadas no perfil Movimento Corpo Livre....	78
Figura 5 – Influenciador Caio Revela.....	81
Figura 6 – Influenciadora Lara Cunha.....	82
Figura 7 – Postagens da influencer Alexandra Gurgel.....	83
Figura 8 – Cards com mulheres gordas malhando.....	83
Figura 9 - Reposts com imagens de mulheres em exposição no museu, que questionava “Quanto custa caber?”.....	84
Figura 10 – Cards do #Time Corpo Livre (carrossel de texto + imagens).....	86
Figura 11 – Presença do movimento toalha para todes.....	95
Figura 12 – Campanha de Câncer de Mama do perfil Vai ter gorda.....	98
Figura 13 - Alexandra Gurgel na capa da Vogue Brasil - Especial Influência.....	101
Figura 14 – Caso de Vitor Augusto que morreu enquanto aguardava uma maca grande.. ..	104
Figura 15 – Democratização de acesso pelo movimento Toalhas para Todes.....	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

CMC – Conversação Mediada pelo Computador

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMC – Índice de Massa Corporal

ISAPS – Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética

OMS – Organização Mundial da Saúde

PNS – Pesquisa Nacional de Saúde

SBCP – Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

SBEM – Sociedade Brasileira de Endocrinologia

TI – Tecnologia da Informação

TICs – Tecnologias da Comunicação e Informação

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CAPÍTULO 1 - O CORPO COMO CAMPO POLÍTICO: DA OPRESSÃO DO PATRIARCADO ÀS ESTRATÉGIAS DE INSUJEIÇÃO E BUSCA DE AUTONOMIA PELOS FEMINISMOS EM REDE	20
2.1	Uma história de resistência - Da subordinação ao patriarcado aos feminismos interseccionais e emancipatórios	20
2.2	O corpo no palco da performatividade	30
2.3	Patologização, estigmatização, abjeção e precarização das pessoas gordas	34
3	CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPRESSÕES DO CIBERATIVISMO GORDO NO INSTAGRAM	44
3.1	Das redes sociais do ciberespaço ao Instagram dos ativismos múltiplos	45
3.2	O ativismo em rede e a busca da sujeita por autonomia	49
3.2.1	Os ativismos em rede no contexto da nova ecologia midiativista	53
3.3	Breve histórico dos movimentos sociais de aceitação corporal	55
3.4	O ciberativismo interseccional e imagético do Movimento Corpo Livre	57
3.5	Movimento @vaitergorda e a criação dos espaços de autonomia	61
4	CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL DOS PERFIS @MOVIMENTOCORPOLIVRE E @VAITERGORDA	64
4.1	Contextos e conceito do procedimento metodológico	64
4.2	códigos, codificação e criação de categorias	66
4.3	Análise dos dados quantitativos do perfil Movimento Corpo Livre	69
4.4	As inferências e interferências do perfil Movimento Corpo Livre: Análise qualitativa sob olhar da pesquisadora	77
4.5	Perfil Vai Ter Gorda – Análise Quantitativa	92
4.6	As inferências e interferências do perfil Vai Ter Gorda: Análise qualitativa sob olhar da pesquisadora	94
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICES	113
	Apêndice A – Coleta do perfil Movimento Corpo Livre	113
	Apêndice B – Coleta do perfil Vai ter Gorda	139

INTRODUÇÃO

“Ser sujeito e não mero objeto é a essência da condição humana” (PERUZZO, 2004, p.23)

Esse trabalho nasce da fome e se constrói em busca de uma possível saciedade. Fome por respeito, dignidade, amor-próprio, direitos. Escrevo da complexa localização de uma pesquisadora participante que experienciou desde a primeira infância a violência concreta e simbólica da gordofobia médica, familiar e social. Em discursos parentais e médicos relacionados ao meu corpo que se instalaram a partir dos meus 5-6 anos de idade e seguiram sendo reproduzidos pela adolescência e juventude. Discursos fortemente reforçados, e legitimados pela mídia, com as imagens ideais de beleza em corpos que reproduziam padrões aos quais o meu corpo -assim como da maioria das garotas e mulheres- não se adequava.

Minha primeira experiência de gordofobia médica ocorreu aos seis anos quando fui levada ao endocrinologista por meus pais, por preocupações com meu peso e aparência. Eu não estava acima do peso previsto para a idade e não era uma criança considerada obesa, segundo as medições da Sociedade Brasileira de Endocrinologia. Ainda assim, o médico decretou: “Sua filha precisa se exercitar todo dia ou vai ser uma pessoa gorda.” Tal diagnóstico caiu como uma bomba para os meus pais, já preocupados com esta questão e carregados de gordofobia. O terrorismo do emagrecimento iniciou-se na minha rotina e emagrecer/ fazer atividade física adquiriu uma importância desproporcional. A vigilância alimentar começou e não terminou até o dia em que deixei a casa de meus pais para morar em outra cidade, aos 28 anos. Meu presente de 15 anos foi uma bicicleta ergométrica. Na adolescência desenvolvi o Transtorno da Compulsão Alimentar; na vida adulta o Transtorno da Ortorexia.

Ao serem internalizados, tais discursos impactaram de forma devastadora a minha construção identitária atirando-me em um regime de extrema confusão e caos não apenas em relação à minha auto-imagem mas na relação com a comida, com a atividade física, nos relacionamentos, carreira, trabalho, e tantas outras áreas da vida.

A aversão parental ao meu corpo, adicionada à gordofobia médica e social, se tornaram minhas, gerando uma autorejeição e ódio ao meu corpo (e a mim mesma globalmente), com sentimentos de abjeção, culpa, vergonha, monstruosidade, exclusão e precariedade que frequentemente me mantinham fora de esferas sociais da vida da pólis (BUTLER, 2018).

Na minha trajetória, o encontro com o ciberativismo gordo promoveu um movimento de ruptura com os traumas deixados pela gordofobia, que juntamente com um trabalho terapêutico possibilitou uma reapropriação do meu corpo e um aprendizado sobre minhas próprias performances de gênero e como eu gostaria de desconstruí-las e reconstruí-las de forma a buscar uma retomada de poder e amor-próprio. O primeiro contato que tive com o movimento foi através dos blogs plus size no início dos anos 2010 e posteriormente pela hashtag #bodypositive no Instagram, em torno de 2014.

Apesar de serem poucas iniciativas, o impacto que as influenciadoras de body positive tiveram foi explosivo e definitivo. Primeiramente, havia um poder inigualável em nomear a violência que sofriamos. Além disso, ver mulheres gordas existindo sem pedir desculpa, ocupando espaços, falando sobre moda e beleza, tudo já indicava que se revelava ali um movimento contraperformativo. O tema da aceitação corporal começou a ser debatido com mais profundidade, assim como foram ganhando força as denúncias sobre gordofobia, emergindo o ciberativismo gordo interseccional da forma mais próxima como observamos hoje no Instagram.

É importante ressaltar que há aqui uma escolha metodológica para priorizar uma epistemologia feminista crítica como base estrutural desta dissertação. Nosso objetivo foi utilizar a Análise de Conteúdo (AC) categorial como metodologia de análise para a organização das informações produzidas (dados), a fim de investigar como se desenvolvem as expressões comunicativas utilizadas com o intuito de visibilizar e mobilizar as temáticas da aceitação corporal e ativismo gordo nos movimentos ciberativistas Corpo Livre (@movimentocorpolivre) e Vai Ter Gorda (@vaitergorda).

O Movimento Corpo Livre_(@movimentocorpolivre) é um perfil coletivo ciberativista do Instagram, criado em janeiro de 2020 pela jornalista e pioneira do movimento ativista gordo brasileiro Alexandra Gurgel. De acordo com a jornalista, “corpo livre” é uma

tradução livre do movimento *body positive*, fundado nos Estados Unidos, que se popularizou no Brasil no início dos anos 2010. Segundo Gurgel, a expressão “corpo livre” leva em conta a realidade brasileira, possibilitando uma visão mais política do conceito:

O que queremos é que todos os corpos tenham os mesmos direitos, respeito e acesso. [...] Queremos mostrar que podemos ser livres, que a gente pode viver nosso corpo, todos os corpos. Mas isso é um processo, somos uma rede de apoio e queremos ir além da internet (GURGEL, 2020, s.p).

Atualmente, o perfil possui 452 mil seguidores (levantamento realizado durante a coleta de dados em outubro de 2022), enquanto a hashtag #corpolivre apresenta mais de 560 mil publicações na rede social.

O movimento Vai Ter Gorda teve seu início por meio de mobilizações online em rede em 2016 para a organização de um ato político na Praia do Farol da Barra - BA. De acordo com a fundadora do movimento, Adriana Santos, em reportagem para o site online Razões para Acreditar¹, o objetivo da ação não era apenas enorajar as mulheres gordas a irem à praia, mas o empoderamento do corpo feminino gordo de forma global, na luta pelos direitos de acesso ao trabalho, mobilidade e saúde das mulheres gordas.

O perfil @vaitergorda no Instagram possui 14.770 seguidores, com mais de 770 posts publicados (levantamento realizado durante a coleta de dados em outubro de 2022) nos quais é possível constatar que as ações de ocupações de praias foram replicadas por mais de 10 cidades brasileiras, em muitos casos ocorrendo anualmente ou semestralmente.

De acordo com Castells (2013), só se pode gerar e garantir a autonomia dos sujeitos quando os movimentos obtêm a capacidade de se organizar no espaço livre das redes e, paralelamente, exercer sua força transformadora reclamando o espaço das cidades para os cidadãos, âmbito no qual o perfil Vai Ter Gorda atua ativamente. Em nossos resultados, observamos o ativismo mais híbrido com ações presenciais frequentes e contínuas, além das ações online.

Da mesma forma, observamos no perfil Movimento Corpo Livre ações e postagens tendem mais a temas de foro pessoal/íntimo, de denúncia, conscientização de direitos, informação e encorajamento, ou seja, um ativismo de ordem mais subjetiva do que prática, no entanto é fundamental, pois é na conscientização de cada indivíduo, de cada mulher sobre o

¹ SANTOS, Adriana. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/contra-preconceito-gordofobia-ato/>. Acesso em 28 jul 2020.

que é a gordofobia, sobre o valor de todos os corpos, entre outras conscientizações de ordem mais sérias, que vão das piadas, bullying e humilhações, até as agressões e outras violências graves.

Um caso que chocou o país, no período de desenvolvimento dessa dissertação, foi a morte de Vitor Augusto Marcos de Oliveira, um jovem gordo de 25 anos, no dia 5 de janeiro de 2023, no Hospital Geral de Taipas, na zona norte de São Paulo. Vitor morreu enquanto aguardava uma maca grande, adequada para pessoas gordas, depois de passar por seis unidades de saúde/Hospitais na capital de São Paulo.

Após horas de espera, o jovem sofreu três paradas cardíacas e foi atendido pelos socorristas do Samu dentro da ambulância, mas não resistiu. Um vídeo em que a mãe de Vitor, mulher gorda e preta, aparece na frente de uma ambulância, chorando e pedindo atendimento para que seu filho pudesse “lutar pela vida” viralizou na internet.

O caso foi amplamente noticiado pela imprensa brasileira² e o movimento ciberativista gordo se manifestou diante da gordofobia e descaso que levaram à morte de Vitor. Mesmo estando fora de nosso corpus, devido à sua relevância, consideramos importante trazer as abordagens dos perfis sobre o caso. Lembrando que há também nesse caso recortes de classe e raça.

O Movimento Corpo Livre se manifestou por meio de um vídeo no perfil em que Alexandra Gurgel, visivelmente abatida, sem maquiagem e chorando, falava sobre a dor e o absurdo do ocorrido e sobre a difícil luta contra a gordofobia. “O QUE MAIS A GENTE PRECISA FAZER PRA SER VISTO E TRATADO COMO SER HUMANO????? (sic)³. É absurdo ao extremo. É descaso, é negligência, é desumanização, é marginalização. É doloroso, é um sentimento de impotência gigantesco. Parece inacreditável” (GURGEL, 2023, s.p).

² Notícia divulgada pelo portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/06/video-mostra-mae-gritando-por-socorro-em-hospital-de-sp-antes-de-filho-morrer-sem-atendimento-por-falta-de-maca-para-obeso.ghtml>

Notícia divulgada pelo Portal UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/06/video-mostra-mae-desesperada-com-falta-de-maca-para-filho-obeso.htm>

Notícia divulgada pela Rádio Bandeirantes e YouTube da Rádio Bandeirantes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLSSPIDFgGA>

³ GURGEL, 2023. Post do Instagram de 11 de janeiro de 2023.

A influenciadora disse que diante da tragédia a Equipe Corpo Livre estava fazendo o máximo no off-line para buscar conexões com pessoas que poderiam realmente mudar esse sistema que culpabiliza os corpos gordos e mata. O perfil conversou com a Deputada Federal Erika Hilton, que entrou com ação no Ministério Público. No processo, a Equipe Corpo Livre descobriu que houve mais uma morte além de Vítor com o mesmo motivo.

O perfil Vai Ter Gorda também acompanhou o caso, repostando vídeos impactantes da história de Vitor. No primeiro vídeo, repostado da Influenciadora @atletadepeso, encontramos a mãe de Vitor com a van da funerária e um carro de polícia. Assistindo ao vídeo, entendemos que a mãe de Vitor chamou a polícia, pois encontrou uma grande quantidade de lixo no caixão em que seu filho seria enterrado. O trauma e o desespero são palpáveis. No vídeo, a mãe acusa a Funerária de gordofóbica⁴.

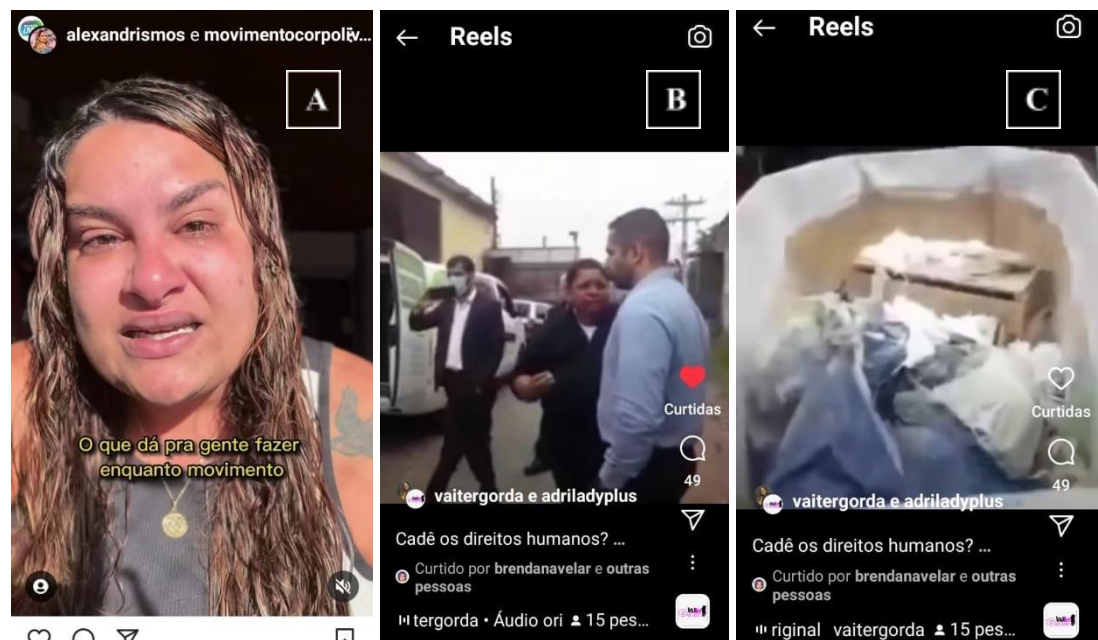
O segundo vídeo, também repostado, já foi retirado do feed. Mostrava rapidamente um trecho da cerimônia de sepultamento de Vitor, com o discurso da influenciadora @AtletadePeso confortando e encorajando a mãe e a esposa de Vitor. Acreditamos que, por ser um momento familiar, o vídeo tenha sido excluído.

A morte de Vitor personifica os conceitos de precariedade e marginalização que exploramos nesta dissertação revelando a realidade de uma sociedade que cobra saúde de pessoas gordas e supõe o emagrecimento como remédio para todos os males, enquanto não provê meios para que a saúde chegue aos cidadãos gordos, desde exames básicos até situações como esta de vida ou morte, determinadas por uma maca adequada.

Neste caso, os dois perfis que pesquisamos publicaram postagens relacionadas à tragédia. As abordagens, no entanto, foram diferentes. Além de publicar um vídeo em tom de denúncia (figura 14), o Movimento Corpo Livre informou que estava buscando tomar o máximo de medidas no off-line, entre elas buscar justiça, por meio da representante política e do processo no Ministério Público. Consideramos esta uma ação fundamental para que casos como o de Vitor não voltem a ocorrer e mudanças possam ser instituídas na rede de saúde pública.

⁴ Instagram, @vaitergorda. Post publicado em 11 de janeiro de 2023.

Figura 14 – Caso de Vitor Augusto que morreu enquanto aguardava uma maca grande



Legenda: A - Alexandra Gurgel fala do caso de Vitor; B - Mãe fala com a polícia sobre lixo encontrado no caixão; C- Detalhe de lixo no caixão.

Fonte: Instagram Movimento Corpo Livre; Vai ter Gorda; Adriladyplus (2023, s.p)

Já o perfil Vai Ter Gorda, deu visibilidade a vídeos que escancaram a gordofobia e o racismo enfrentados pela família de Vitor. Os vídeos estão em baixa qualidade, mas são compreensíveis. Veículos da mídia tradicional, ou mesmo perfis do Instagram mais preocupados com a estética do seu feed teriam maior dificuldade em fazer tais compartilhamentos. No entanto, o perfil Vai Ter Gorda tem em sua linha editorial as denúncias sobre gordofobia em seu ativismo online.

Apesar de se tratar de um homem e mesmo estando fora de nosso corpus, decidimos trazer esse caso e estas postagens devido à sua relevância, noticiabilidade e ao impacto que teve nos veículos de imprensa e sociedade. Consideramos importante trazer as abordagens dos perfis sobre o caso e suas diferenciações, complementando nossa visão sobre a atuação de cada um.

A hipótese desta dissertação é de que os movimentos ciberativistas gordos no uso das novas tecnologias da informação estão alinhados ao conceito de contradição performativa de Butler (2018). Quando estudamos o “Movimento Corpo Livre” e o movimento “Vai ter

Gorda”, observamos que, assim como teoriza Butler, as participantes atuam nesses ativismos por meio da resistência e agenciamento no interior das próprias redes de poder, articulando-se como sujeitos em busca de autonomia.

Ao olhar o feminismo como um movimento social, principalmente no que se refere à defesa da expressão, da liberdade e da luta pela igualdade de direitos, extrapolamos o âmbito acadêmico e nos inserimos no seio de uma sociedade com urgência em apreender as representações do ser mulher e as tantas performances de gênero. Assim, partimos do pressuposto que emerge no Brasil e na América Latina, especialmente na última década, uma nova potência feminista, impulsionada pelas novas Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs), pelos regimes de visibilidade e interseccionalidade. Estas novas mobilizações trouxeram à tona uma insurgente denúncia social das mais diversas pautas feministas e um novo sentimento de urgência pelas suas resoluções (HOLLANDA, 2019). Compreendemos que esta vasta divulgação do pensamento feminista pela internet possibilitou uma maior amplificação e matização do ciberativismo feminista, dentro do qual se desenvolve a potência do *movimento ciberativista gordo* na rede social Instagram, cujos processos comunicacionais são investigados neste trabalho.

Em relação ao ciberativismo gordo expresso nos movimentos a serem analisados, observamos uma estratégia de ação mobilizadora que utiliza a rede social Instagram para o esclarecimento de pautas, convocação de ativistas, divulgação de manifestações, entre outras ações de resistência e insujeição ao poder (QUEIROZ, 2017; BUTLER, 2018). Por meio dessas estratégias ciberativistas, são divulgadas as diversas formas de discriminação estruturais ao corpo gordo - discriminações sociais que reforçam estereótipos, estabelecem bloqueios de acessos à ocupação das cidades e à uma vida minimamente qualificada, impondo às mulheres gordas e a seus corpos, situações degradantes de desvalorização, estigmatização, hostilidade e precariedade (RANGEL, 2019; BUTLER, 2018).

Para esta dissertação apresentaremos três capítulos. No capítulo um investigamos o corpo como campo político, tendo em vista seu papel tanto nos processos de submissão feminina quanto nas lutas por emancipação.

Iremos então investigar a forma como se desenrolam os processos subjetivos, de construção social e representativa sobre o corpo gordo, na edificação das imagens do

feminino e do imaginário coletivo, abordando em especial a gordofobia e suas consequências nos processos de precarização dos corpos, tendo como referência para este fim as pesquisadoras sobre ativismo gordo Natália Rangel (2019) e Alômia Abrantes (2020) e encontrando especialmente na filósofa Judith Butler (2018) os conceitos de performatividade, corpo abjeto, precariedade assim como de insujeição e contradição performativa - conceito que se relaciona diretamente ao ativismo gordo - entendendo este como uma estratégia de ação da sujeita em busca de autonomia, em resposta a esse sistema de opressão, num exercício de reapropriação do poder (RANGEL, 2019; BUTLER, 2018).

No capítulo dois contextualizamos as redes sociais e a plataforma Instagram como palco dos ativismos em rede tendo como principais referenciais teóricos a pesquisadora brasileira de redes sociais e fluxos de informação no ciberespaço, Raquel Recuero (2004; 2012) e a pesquisadora sobre redes sociais e ativismo de aceitação corporal Letícia Ribeiro Schinestsck (2020). Em seguida, discutimos as características dos movimentos sociais em rede e do midiativismo, baseados nos estudos do sociólogo espanhol Manuel Castells (2013), pesquisador da sociedade e ativismos em rede; e da pesquisadora em comunicação, midiativismo e cultura, Ivana Bentes (2018), além de outros artigos, textos e autoras selecionadas que cooperam de forma integrada e transversal para a construção de nossa investigação. A partir dos conceitos discutidos seguimos para uma apresentação exploratória das nossas sujeitas, em diálogo com os conceitos previamente expostos: O movimento Corpo Livre e o movimento Vai Ter Gorda.

Para entender melhor a dinâmica dos processos comunicacionais dos perfis, no Capítulo três, apresentamos o estudo empírico realizado utilizando a AC categorial. A partir de nosso corpus e coleta de dados trabalhamos em uma codificação que pudesse responder às necessidades de nossa pesquisa.

Assim, a partir dos códigos e categorias criados, pudemos analisar, estudar e organizar os dados, enquanto os compreendíamos com mais profundidade no processo. Em suma, nossa categorização se compôs da seguinte forma (o levantamento completo com as tabelas está nos apêndices desta dissertação): Data; Legenda; Resumo da Postagem; Formato de Post (com os códigos: Vídeo; Texto; Foto; Ilustração. / Conteúdo Próprio; Repost; Colaboração); Intenção do Post (com os códigos: Ativista; Motivacional; Engraçado (meme); Educativo;

Informativo); Tema principal (com os códigos: Conscientização/denúncia sobre gordofobia; Saúde & bem-estar; Educação política sobre diversidade corporal; Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/ denúncia sobre a indústria performativa da magreza; Exposição do corpo gordo; Autoestima/Amor-próprio; Feminismo e Outros); Causa principal (com os códigos: Ativismo gordo; Feminismo; Ativismo Antirracista; Ativismo Anticapacitista, Ativismo LGBTQIAP+; Antietarismo; Autoestima; Saúde Mental e Outros); Interação e Hashtags.

A AC categorial estruturada dentro dos pilares científicos necessários da validade, confiabilidade e credibilidade nos permitiu realizar uma análise quantitativa e qualitativa com mais embasamento, visto que possibilitou compreender melhor o potencial de cada um dos perfis estudados, assim como suas principais estratégias comunicacionais e até mesmo conquistas, como movimentos ciberativistas.

1 - O CORPO COMO CAMPO POLÍTICO: DA OPRESSÃO DO PATRIARCADO ÀS ESTRATÉGIAS DE INSUJEIÇÃO E BUSCA DE AUTONOMIA PELOS FEMINISMOS EM REDE

Neste capítulo iremos investigar o corpo como campo político, tendo em vista que este sempre foi uma estrutura fundamental tanto nos processos de submissão feminina quanto nas lutas por emancipação das mulheres.

Em um primeiro momento, buscamos compreender a construção histórica da dominação feminina por meio do patriarcado, investigando as origens dos discursos sobre o corpo feminino na história ocidental e sua relação com a criação e manutenção das formas de poder patriarcais; compreendendo essas estruturas de poder partiremos para o entendimento das formas de resistência a elas, ou seja, as lutas das mulheres por meio dos movimentos feministas, investigando em que momento o movimento feminista crítico inicia suas mobilizações de oposição aos discursos essencialistas e tradicionalistas, propondo rupturas e novas formas de pensar e fazer o feminismo, tanto na academia ou nos movimentos sociais, por meio de autoras que propõem uma abordagem interseccional e discutem a insujeição ao poder.

Para compreendermos o panorama do corpo na modernidade e na contemporaneidade, trabalharemos a forma como se desenrolam os processos subjetivos e de construção social e representativa sobre o corpo gordo, na edificação das imagens do feminino e do imaginário coletivo, abordando em especial a gordofobia e suas consequências nos processos de precarização dos corpos abjetos (BUTLER, 2018), para assim chegarmos ao movimento ativista gordo que irá responder a esse sistema de opressão, denunciando, resistindo e propondo uma nova narrativa de reapropriação do poder (RANGEL, 2018).

1.1 Uma história de resistência - Da subordinação ao patriarcado aos feminismos interseccionais e emancipatórios

Até o século XIX, tradicionalistas, religiosos e até mesmo acadêmicos consideravam o patriarcado como uma forma de organização social universal, como se a submissão das mulheres fosse algo fixo, natural e por isso uma condição permanente e cabal. Sendo pelo viés “científico” e sua fixação no determinismo biológico focado na capacidade reprodutiva feminina ou pelo olhar religioso com o discurso de uma subordinação “determinada por

Deus”, a dominação feminina pelo sexo masculino era vista como um fato histórico naturalizado (LERNER, 2019; COLLING, 2014). Em ambos os casos o que pode ser observado na realidade é uma construção social de ideias e discursos que normatizam o que é e para que serve uma mulher.

Essa construção social irá impactar diretamente a maneira como os corpos femininos são vistos, tratados e representados socialmente, desde sua objetificação e coisificação até sua desumanização, tendo em vista a conjuntura atual em que a gordofobia é naturalizada e reproduzida pelas diversas instituições sociais, desde a família, passando pela educação, saúde/medicina, mídia, entre outras (ABRANTES, 2019; RANGEL, 2020). Assim, para compreendermos as raízes deste processo, precisamos compreender como nasce a construção da reificação (ou coisificação) dos corpos e da sexualidade feminina; e para esta compreensão é necessário voltarmos o olhar para o processo de criação do patriarcado, construção que levou à dominação social e econômica das mulheres.

Segundo a historiadora Gerda Lerner (2014) o patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo de instauração que teve início no ano 3100 a.C. e só se consolidou no ano 600 a.C. Para Lerner, o patriarcado se inicia com o Estado Arcaico. Antes desse período as diversas sociedades existentes se organizavam de formas variadas e predominantemente mais equilibradas no que dizia respeito aos gêneros e à disposição do poder. O que muda a partir do Estado Arcaico é a constituição da família patriarcal como unidade básica da sociedade e do que viria a ser tornar o patriarcado como sistema de dominação:

A princípio, o patriarcado apareceu como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. [...] Os papéis e o comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais. Também, e de forma mais significativa, eram manifestados em metáforas primordiais, as quais se tornaram parte da construção social e do sistema explicativo. A sexualidade das mulheres, consistindo de suas capacidades e seus serviços reprodutivos e sexuais, foi modificada ainda antes da criação da civilização ocidental (LERNER, 2014, p.350).

Os estudos de Lerner não apenas colocaram uma data no início da relação de dominação-sujeição das mulheres, mas revelaram como “suposições androcêntricas” que defendiam o conceito da universalidade da submissão masculina estavam sendo amplamente contestadas por pesquisadores com uma visão crítica que foram à campo e fizeram um amplo trabalho de investigação e revisão de dados pelo qual descobriram, sociedades nas quais a assimetria sexual não tinha conotação de dominação ou submissão, mas sim, pelo contrário, as atividades e trabalhos realizados por indivíduos de ambos os sexos eram considerados

indispensáveis e mesmo que seus papéis e status fossem diferentes, eram vistos como complementares e nivelados, sem dinâmicas de dominação em curso. Dessa forma:

Ainda que não mencionemos as alegações biológicas duvidosas de superioridade física masculina, a explicação do homem-caçador foi refutada por evidências antropológicas em relação a sociedades de caçadores-coletores. Na maioria dessas sociedades, a caça de grandes animais é uma atividade auxiliar, enquanto o fornecimento dos principais alimentos vem de atividades de coleta e caça de pequenos animais, que mulheres e crianças executam. Além disso [...], é precisamente em sociedades de caçadores-coletores que encontramos muitos exemplos de complementaridade entre os sexos e sociedades nas quais mulheres têm status relativamente alto, contradizendo de modo direto as afirmações da escola de pensamento do homem-caçador. Antropólogas feministas vêm contestando nos últimos tempos muitas das generalizações iniciais – segundo as quais a dominação masculina era praticamente universal em todas as sociedades conhecidas –, tratando-as como suposições patriarcais da parte de etnógrafos e pesquisadores daquelas culturas (LERNER, 2014, p. 55).

Essas pesquisadoras enxergavam a necessidade de mudanças sociais no contexto presente e por isso compreendiam que “se o sistema de dominação patriarcal tem origem histórica, pode ser extinto em circunstâncias históricas diferentes” (LERNER, 2014, p.53).

A partir do entendimento que a subordinação feminina não era universal, uma nova e importante questão se apresentou, especialmente para as(os) historiadoras(es): Como, quando e por quê a submissão feminina passou a existir? Em um primeiro momento as principais teorias que buscaram responder essas questões foram de natureza econômica e maternalista.

A primeira obra que se tornou referência foi *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels, publicada em 1884. O texto foi muito influente e determinante para questões fundamentais feitas por acadêmicas feministas nas próximas décadas. Engels (2006) descreve “a grande derrota histórica do sexo feminino” como evento decorrente da criação e desenvolvimento da propriedade privada, propondo a existência de sociedades comunistas - matriarcais ou não - sem classes, antes da formação da propriedade privada. Na hipótese do teórico marxista estas sociedades possuíam um tipo de divisão primitiva do trabalho entre os sexos e eram igualitárias.

No entanto, segundo Lerner (2014, p.61), as informações etnográficas nas quais Engels embasou suas afirmações foram consideradas “generalizações” e refutadas. Além disso, foi observado que “a suposição de que existe uma fórmula e um padrão para a divisão sexual do trabalho” foi considerada equivocada, tendo em vista que os tipos de trabalhos específicos desempenhados por homens e mulheres muda consideravelmente em cada contexto cultural, estando em grande parte atrelado à situação ecológica favorável ou contrária em que estas sociedades se encontram. Um dado representativo é que: “em

sociedades mais primitivas do passado e em todas as sociedades de caçadores-coletores que ainda existem hoje, as mulheres provêm, em média, 60% ou mais da alimentação” (LERNER, 2014, p.61).

Apesar das críticas e equívocos levantados por teóricas feministas sobre seu embasamento etnográfico e sobre seu possível ponto de vista masculinista sobre a natureza da sexualidade feminina, a obra de Engels foi reconhecida por trazer importantes contribuições em relação à posição da mulher na história e na sociedade, como ressalta Lerner (2014, p.63):

(1) Ele apontou a ligação entre mudanças estruturais nas relações de parentesco, e mudanças na divisão do trabalho, por um lado, e a posição das mulheres na sociedade, por outro. (2) Mostrou a conexão entre instituição da propriedade privada, casamento monogâmico e prostituição. (3) Apresentou a relação entre a dominação política e econômica pelos homens e seu controle sobre a sexualidade feminina. (4) Determinando “a grande derrota histórica do sexo feminino” no período da formação de estados arcaicos, com base na dominação das elites donas de propriedades, deu historicidade ao evento.

Outro teórico que ofereceu uma explicação para a subordinação das mulheres foi o antropólogo estruturalista belga-francês Claude Lévi-Strauss que propôs no livro as Estruturas Elementares do Parentesco de 1949, um novo ponto de vista para a questão do incesto, que segundo o autor, foi um mecanismo histórico fundamental para todo o sistema de organização social humano:

A proibição do incesto é menos uma regra que proíbe o casamento com a própria mãe, irmã ou filha do que uma regra que obrigue o oferecimento da mãe, irmã ou filha a outros. É a regra suprema da doação. (LÉVI-STRAUSS, 1969, p. 481, *apud* LERNER, 2014, p.65).

Dessa forma, o tabu do incesto serviria ao propósito da “troca de mulheres” entre famílias, tribos e sociedades quando estas se viam sem “reprodutoras” suficientes, considerando os altos índices de mortalidade no parto e mortalidade infantil, o que reduzia os números do grupo e prejudicava sua sobrevivência, especialmente quando o contexto ecológico era desfavorável. No entanto, apesar do comércio de mulheres ter possibilitado o intercâmbio entre os grupos diversos, estruturando interações pacíficas e originando alianças, todo esse processo ocorreu às custas da “coisificação” e objetificação da mulher:

A “troca de mulheres” é a primeira forma de comércio, na qual mulheres são transformadas em mercadoria e “coisificadas”, ou seja, consideradas mais coisas do que seres humanos. (...) marca o começo da subordinação das mulheres. Isso, por sua vez, reforça uma divisão sexual do trabalho *que institui a dominação masculina* (LERNER, 2014, p.65, grifo nosso).

O comércio de mulheres deixa claro como as relações sociais dentro do sistema de

parentesco influenciam drasticamente a posição da mulher na sociedade e nas relações da divisão sexual do trabalho, como já havia apontado anteriormente Engels. Tal fato revela que historicamente os homens como grupo tinham direitos sobre as mulheres e que as mulheres como grupo não tinham direitos sobre os homens. Na realidade, a “troca de mulheres” discutida por Strauss revela um sistema no qual mulheres não têm plenos direitos sobre elas mesmas. Em uma resenha sobre o livro de Lévi-Strauss, Simone de Beauvoir, ressalta estas dinâmicas de poder:

As mulheres aparecem imediatamente como destinadas a serem trocadas e esta perspectiva cria imediatamente uma oposição entre dois tipos de mulheres: a irmã e a filha que devem ser cedidas e a esposa que é adquirida, ou seja, a parente e a aliada. Não se trata aqui, como pensava Frazer, da solução de um problema econômico: os processos econômicos não são isoláveis; é um ato de consciência primitivo e indivisível que faz apreender a filha e a irmã como um valor ofertável e a filha e a irmã de outrem como um valor exigível. Antes mesmo que *a coisa* a trocar se apresente, a relação de troca já está dada: antes do nascimento de sua filha, o pai sabe que deverá entregá-la ao homem – ou ao filho do homem – de quem recebeu a irmã em casamento. (BEAUVOIR, 1949, p. 186)

Este entendimento nos conduz a uma questão posterior fundamental sobre o patriarcado, que irá impactar no presente objeto de pesquisa:

Devemos observar que, na teoria de Lévi-Strauss, os homens são os atores que impõem um conjunto de estruturas e relações às mulheres. Tal explicação não pode ser considerada satisfatória. Como isso aconteceu? Por que mulheres foram trocadas, e não homens ou crianças de ambos os sexos? Mesmo admitindo a utilidade funcional desse sistema, por que as mulheres teriam concordado com ele? O impacto considerável de Lévi-Strauss sobre teóricas feministas resultou em uma mudança de atenção – da procura por origens econômicas para o estudo dos sistemas de símbolos e significados das sociedades. (LERNER, 2014, p.66)

Ao falarmos de signos e símbolos, nos aproximamos dos conceitos de representação, da forma em que se operaram os dispositivos concretos e subjetivos que legitimaram a dominação masculina para além da econômica, em todas as esferas sociais. Nos aproximamos dos discursos de dominação sobre o corpo feminino nos diversos períodos históricos e assim da opressão e precarização do corpo feminino que não se enquadra nos papéis sociais e ideais impostos pelas estruturas de poder o que irá reforçar os processos de coisificação e desumanização do corpo gordo que provocarão os regimes de ruptura e resistência do ativismo gordo.

Se formos investigar, por exemplo, os processos subjetivos simbólicos existentes no conceito da “troca de mulheres” de Claude Lévi-Strauss, iremos chegar ao que ele chama de reificação das mulheres, a qual ocorreu como sua consequência. É essencial compreendermos que não são de fato as mulheres que são reificadas e coisificadas, mas sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva. A distinção é fundamental e profundamente simbólica. Porque,

diferente da coisificação do povo preto, na violência impetrada pelo escravagismo, as mulheres nunca se tornaram “coisas” de fato na percepção social e nem eram assim percebidas, mas mantinham-se como sujeitos subordinados. A dominação é ideológica e não concreta:

As mulheres, não importando quanto tinham sido exploradas e sofrido abusos, conservaram seu poder de ação e escolha [...] – com frequência limitada – [...]. Para as mulheres, da mesma forma que para homens de grupos oprimidos e subordinados, a história consistiu de sua luta por emancipação e liberdade devido à necessidade. Porém, as mulheres lutaram contra formas de opressão e dominação diferentes das dos homens, e a luta delas, até hoje, encontra-se mais atrasada em relação à dos homens. (LERNER, 2019, p.353)

Em relação à busca pela liberdade, Pateman fala na existência de um “Contrato Sexual” que seria o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno. A autora afirma que a liberdade civil não é universal, mas sim um atributo masculino que depende de um contrato social e sexual que regem o direito patriarcal e o direito sexual masculinos:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de ‘lei do direito sexual masculino’. (PATEMAN, 1993, p. 16-17).

Pateman denuncia o caráter masculino do contrato original, ou seja, um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres. No livro *Gênero, Patriarcado e Violência*, Safiotti analisa a obra de Pateman e chama a atenção para a discussão sobre a esfera pública e privada, na questão do contrato social e sexual:

Integra a ideologia de gênero, especificamente patriarcal, a ideia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Ainda que não se possa negar o predomínio de atividades privadas ou íntimas na esfera da família e a prevalência de atividades

públicas no espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo, e, portanto, as diferenças entre o público e o privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados. Para fins analíticos, trata-se de esferas distintas; são, contudo, inseparáveis para a compreensão do todo social. “A liberdade civil depende do direito patriarcal”. (SAFIOTTI, 2011, p.54)

Ao deslocarmos a discussão para os corpos femininos e os corpos femininos gordos, como podemos analisar a questão do contrato social e sexual? Entendendo que a diferença sexual é convertida em diferença política, passando a se exprimir ou em liberdade ou em sujeição, sendo o patriarcado uma forma de expressão do poder político, esta abordagem vai ao encontro da máxima legada pelo feminismo: “o pessoal é político” (SAFFIOTI, 2011, p.55). Ou seja, na prática, muitas vezes temos um contrato social moralmente invertido em que o corpo privado da mulher gorda é tratado como público - como aberração, fracassado, feio, disponível a olhares, dedos apontados e comentários não solicitados. E nas manifestações do contrato sexual temos a invalidação daquele corpo como sexual, humanizado, temos o consenso da masculinidade hegemônica dominante do corpo gordo como abjeto, e até mesmo a fetichização da gordura e violência. Assim como todas as mulheres em seus diversos contextos interseccionais, a mulher gorda irá lidar com as consequências do contrato sexual e social.

A cultura patriarcal estabeleceu papéis sociais distintos para homens e mulheres tanto na esfera pública quanto na esfera privada, o que impôs uma relação de dominação do masculino sobre o feminino de forma naturalizada. Para a mulher, o espaço privado, o lar e a família patriarcal sempre foram locais atrelados à sujeição, subordinação, discriminação e violência sufocadas por uma cultura machista que manteve por séculos a realidade das mulheres silenciada de forma sistemática. Essa estrutura foi um dos fatores que dificultou o processo das lutas por emancipação das mulheres - o fato delas não se enxergarem como um grupo ou uma categoria:

Os privilégios de raça e de classe servem para destruir a capacidade das mulheres de se enxergarem como parte de um grupo conexo, o que de fato não são, uma vez que mulheres de todos os grupos oprimidos existem em todas as camadas da sociedade. A formação de uma consciência de grupo de mulheres deve ocorrer ao longo de diferentes linhas. Essa é a razão pela qual formulações teóricas apropriadas a outros grupos de oprimidos são tão inadequadas ao explicar e conceituar a subordinação das mulheres. Há milênios, as mulheres participam do processo da própria subordinação por serem psicologicamente moldadas de modo a internalizar a ideia da própria inferioridade (LERNER, 2019, p.360)

Ao analisarmos as lutas feministas no decorrer da história, observamos que uma das grandes conquistas dos movimentos foi justamente trazer à consciência das mulheres o entendimento de que eram sujeitas passivas de processos semelhantes de subordinação, opressão e privação de direitos. No entanto, o entendimento de que as mulheres formavam

uma categoria única, coesa e universal foi questionada pelo chamado feminismo crítico.

Em 1985, o artigo da bióloga, filósofa e escritora Donna Haraway, intitulado Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX, chega não apenas para fortalecer, mas levar esses questionamentos a outros patamares reflexivos, propondo um olhar revolucionário tanto para teoria quanto para os movimentos feministas. Publicado originalmente na *Socialist Review*, credita-se a este artigo a origem do termo “ciberfeminismo”.

Nele, Haraway (1985) descreve a crise identitária do movimento feminista, considerando especialmente a influências das novas tecnologias. O texto é considerado polêmico ao propor uma postura feminista crítica capaz de refletir sobre a influência da ciência e da tecnologia do final do século XX sobre as relações sociais. Um dos pontos levantados por Haraway é o questionamento da “categoria mulher”. Para a autora, tanto os feminismos socialistas quanto os radicais interpretaram a categoria mulher a partir do que seria considerado comum a todas elas, por meio de uma *política da identidade*. Haraway sugere uma ruptura com essa política para dar lugar a uma *política de afinidades* capaz de considerar as diferenças entre as mulheres, dialogando assim com a interseccionalidade muito antes da nomeação e amplo uso deste conceito.

No manifesto, Haraway propõe também a metáfora do ciborgue, uma criatura híbrida formada por máquina e organismo, mistura de realidade social e ficção, um ser que não constitui um corpo concreto com componentes definidos, como uma metáfora dessa nova possível categoria de mulher.

Na visão dela, essa feminista-ciborgue, assim como as novas tecnologias, contribuem para a superação de dualismos e pressupostos científicos e políticos que por muito tempo guiaram a cultura ocidental e serviram à subordinação das mulheres. Assim, o início da abordagem interseccional nos movimentos e na teoria feminista começa a se fazer presente na chamada terceira onda feminista do norte global. Situada entre os anos 80 e 90, o período configura um feminismo marcado pela institucionalização e maior segmentação do movimento, pautando demandas da política, saúde, raça, identidade de gênero e diversidade sexual (FELGUEIRAS, 2017). A autora feminista negra Kimberlé Crenshaw (2002) foi a primeira a empregar o termo interseccionalidade e fundadora da teoria interseccional – e explica que é preciso compreender que apesar de todas as mulheres estarem sujeitas ao peso da discriminação de gênero, é fundamental enxergar que outros fatores relacionados às suas identidades sociais pesam na forma como os diversos grupos sociais de mulheres vivenciam a

discriminação.

De acordo com a autora, as desigualdades relacionadas às mulheres não são simplesmente passíveis de hierarquização, é a interação dessas categorias que atuam na produção e manutenção das injustiças:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHWAN, 2002, p. 177).

As pesquisadoras Perez e Ricoldi (2019), avaliam que os movimentos feministas hoje, em especial no Brasil, vivenciam um momento qualificado por três características principais: adoção da interseccionalidade e dos diversos feminismos; mobilização via meios de comunicação digitais; e a formação de coletivos, ou seja, organização de forma fluida e distantes no discurso e nas práticas das organizações tradicionais e mais estruturadas.

A interseccionalidade e as desconstruções conceituais avançam e diversos regimes de visibilidade ganham espaço por meio, especialmente, das TICs. Nesse sentido, é fundamental enxergar os fatores relacionados às identidades sociais que pesam na forma como os diversos grupos sociais de mulheres vivenciam a discriminação.

Para a socióloga negra estadunidense Patricia Collins (2020, p.13): “A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana”. Tal definição se relaciona diretamente com as especificidades da realidade da mulher gorda em suas relações sociais, subscrevendo assim os aspectos que irão formular as bases da luta por sua emancipação no ativismo gordo. Como explica a socióloga Natália Rangel (2018, p.53):

As feministas nesse momento se inserem em campos interseccionais em seus estudos buscando não anular uma opressão por outra, como ocorreu por muito tempo dentre movimentos de esquerda, e sim cruzá-las, reconhecê-las e pensar em táticas de luta contra essas opressões de maneira diferenciada. Então, por exemplo, em concomitância à opressão entre classes, há em outro nível a opressão da mulher, e em outro nível a opressão da mulher negra, em outro nível a opressão da mulher gorda [...] O aumento de sua relevância dentro dos feminismos é recente e não-consolidado, aparecendo a necessidade de autonomização de um ativismo gordo.

De acordo com Rangel, apesar da crítica sobre a estigmatização da gordura corporal nos padrões estéticos impostos ao corpo da mulher ter sido alavancada pelos ideais feministas, ela aparece geralmente enquanto pauta secundária dentro do movimento. No entanto, a

gordofobia - sobre a qual iremos falar com mais profundidade a seguir - possui especificidades que a diferenciam das pressões estéticas generalizadas que se impõem sobre as mulheres:

[...] pessoas gordas sofrem com o impedimento da acessibilidade (em ônibus, aviões, restaurantes, cinemas, etc.), sofrem para encontrar roupas de seu tamanho nas lojas, sofrem de olhares de valor de juízo quando se alimentam publicamente, dentre diversas outras violências. Sendo assim, é constante no cotidiano das pessoas gordas a não aceitação e encontram frequentemente dificuldade de ocupação e de acesso a espaços públicos (RANGEL, 2018, p.52).

Para Rangel, o momento atual influencia na consolidação da luta contra a gordofobia, possibilitando um fluxo horizontal de discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil. As práticas possibilitadas pela interseccionalidade são corroboradas por outros movimentos políticos e sociais identitários como os movimentos LGBTQIA+ e movimento negro, entre outros, que levantam problemáticas como “lugar de fala, representatividade e protagonismo”: “Esses movimentos, que têm interface com o ativismo gordo, têm como característica a noção de fluidez identitária (a identidade gorda, por exemplo, não é estanque, de forma que um corpo gordo pode vir a ser magro e vice versa) noção ampliada a partir do desenvolvimento da teoria *queer*”(RANGEL, 2018, p. 54).

A Teoria *Queer*, citada pela socióloga brasileira, é inaugurada em 1990 nos Estados Unidos, com o lançamento do livro Problemas de gênero: feminismo e subversão de gênero de Judith Butler. Nessa obra, a filósofa estadunidense denuncia a fragilidade constituinte das identidades de gênero indicando como elas não são produtos de um núcleo preestabelecido que as definem como estanques, essenciais e idênticas, mas sim uma sequência de atos performativos que são repetidos no decorrer do tempo. Ou seja, Butler (2018) pensa gênero não em termos de substância, mas em termos de performatividade. É a partir desta compreensão que a filósofa admite a possibilidade de subversão, ao deslocar e desestabilizar por meios destes atos performativos, as práticas regulatórias e os signos corporais generificados. Como ressalta o filósofo Marcelo Carvalho:

Através de um diálogo com o pensamento político de Hannah Arendt, principalmente com a noção de “direito de ter direito” e articulando-a com o conceito de “contradição performativa”, Butler se propõe refletir como grupos sociais destituídos de garantias fundamentais, bloqueados do processo de pertencimento à comunidade política, carentes de direitos e expulsos, portanto, da esfera pública, ao agirem em coalização a fim de reivindicarem a condição de cidadania da qual eles estão carentes, produzem, como efeito da ação performativa de reivindicação, justamente as prerrogativas políticas da vida qualificada da qual eles estão privados. (CARVALHO, 2021, p.69)

Butler (2018) considera a ação política em termos de exercício performativo, possibilitando dessa forma vias de resistência para minorias marginalizadas que estão destituídas justamente da liberdade que define uma vida politicamente qualificada. A seguir investigaremos mais a fundo a relação entre a realidade das mulheres gordas compreendendo seus corpos em um contexto social e midiático gordofóbico de precariedade e abjeção; e a forma como Butler pensa as formas de resistência e contestação do poder no interior das próprias práticas normativas, ou seja, como esta sujeita faz para desestabilizar as normas não fora das malhas de poder, mas pelo contrário - através justamente das fraturas e dissensões constitutivas pelos quais essas práticas regulatórias operam (BUTLER, 2018).

As ideias de performatividade, corpo abjeto, precariedade assim como de insujeição e contradição performativa - conceito que se relaciona diretamente ao ativismo gordo - são fundamentais para essa compreensão.

1.2 O corpo no palco da performatividade

O conceito de performatividade em Butler (2018) nasce a partir das investigações acerca dos construtos sociais de sexo e gênero. Com “Problema de Gênero”, a autora chega para colocar em xeque as ideias e teorias comumente aceitas de que o sexo era uma parte substancial do sujeito, alinhado à natureza, biológico, concreto, essencial; enquanto o gênero ocupava o papel de construto social. A filósofa questiona o papel do discurso tanto na construção do sexo quanto do gênero:

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? [...] Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? (BUTLER, 2018, p. 14).

Butler afirma que o gênero não pode ser considerado um substantivo, mas tampouco um conjunto de atributos flutuantes, tendo em vista que seu efeito é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. A filósofa compreende o gênero como performativo no interior do discurso e dessa forma é sempre um feito. Butler (2018, p.22) ressalta que o fato do sexo aparecer na linguagem hegemônica como uma substância, ou seja, como idêntico a si mesmo se dá “mediante um truque performativo da linguagem e/ou do discurso que oculta o fato de que “ser” um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível”, assim:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios (BUTLER, 2018, p. 98).

Para Butler há uma distinção que é fundamental: os atributos de gênero não são expressivos, mas sim performativos. Nós não expressamos nosso gênero, nós o fazemos, o performamos em um “conjunto de comportamentos, condutas, atos que por serem reiterados no decorrer do tempo produzem como efeito não apenas um corpo estilizado e generificado, mas também uma aparência social de uma identidade estável e permanente” (CARVALHO, 2021, p.74). Dessa forma:

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (BUTLER, 2018, p. 101).

E é justamente por essa compreensão de que não existem atos de gênero verdadeiros ou falsos, que se constroem as possibilidades de insujeição às estruturas normativas regulatórias, que se impõem ao campo de ação dos sujeitos. Ao entendermos o funcionamento da dinâmica da performatividade podemos entender também que é ela mesma, que tanto produz a exclusão quanto possibilita atos de perturbação, disrupção e deslocamento no que diz respeito ao que é normativo e hegemônico - rupturas que são possíveis pelo próprio funcionamento das estruturas regulatórias, chamadas por Butler de “ficções”. Como explica a autora:

A força normativa da performatividade – seu poder de estabelecer o que se qualifica como um “ser” – é exercida não só por meio de reiteração, mas também pela exclusão. E, no caso dos corpos, tais exclusões ameaçam a significação constituindo suas fronteiras abjetas ou aquilo que está estritamente forcluído: o não-vivível, o inenarrável, o traumático. Os termos políticos destinados ao estabelecimento de uma identidade segura ou coerente se veem perturbados por essa falha da performatividade discursiva incapaz de estabelecer final e totalmente a identidade à qual se refere. A iterabilidade ressalta a condição não autoidêntica de tais termos; o exterior constitutivo implica que a identidade sempre requeira precisamente aquilo que não pode aceitar. (BUTLER, 2019, p.315)

De acordo com Carvalho (2021), o objetivo de Butler é relaxar e desestabilizar essas estruturas excludentes e hierárquicas de poder de forma a reivindicar e lutar para que as vidas que sejam desviantes da norma possam ser possíveis e viáveis:

Isso exige desmontar os dispositivos e seus recursos normativos, que deliberadamente expõe certos corpos ao risco da violência e da exclusão por não corresponderem aos regimes que determinam as inteligibilidades admitidas de gênero, ou seja, passíveis de reconhecimento (CARVALHO, 2021, p.81)

No entanto, desde 2004, com a publicação da obra *Vidas Precárias*, Butler tem demonstrado a preocupação em refletir e discutir sobre os mecanismos de exclusão e precarização que afetam outros corpos para além daqueles desviantes das normas de gênero. Na realidade, desde a obra *Corpos que importam*, lançada em 1993, a filósofa aprofunda a investigação sobre corpos abjetos, constituintes compulsoriamente desta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados - os quais ele dominará como seres que ainda não são “sujeitos”, cujas vidas não são plenamente vivíveis (BUTLER, 2019).

Nesse sentido, quais corpos para Butler estariam à mercê destes processos de exclusão? Quais corpos seriam considerados pelo sistema como abjetos? Seria *o corpo gordo* um corpo que importa ou na realidade um corpo abjeto, vivendo uma forma de vida precária, destituída das condições viabilizadoras da vida social? Para Butler:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (BUTLER, 2019, p.22).

Podemos considerar que o corpo gordo se enquadra no conceito de corpo abjeto de Butler considerando toda a estigmatização, destituição de direitos, invisibilidade e marginalização vivenciada pelos sujeitos - homens e mulheres, adultos, adolescente e crianças que vivenciam diariamente uma existência marcada por exclusões sociais que, como explica a filósofa, ameaçam a significação do sujeito constituindo suas fronteiras abjetas dentro de aprisionamentos que se demonstram estritamente “forcluídos: o não-vivível, o inenarrável, o traumático” (BUTLER, 2019, p. 22).

Na entrevista realizada para a Revista de Estudos Feministas do Departamento de Estudos da Mulher, do Instituto de Artes da Universidade de Utrecht, a filósofa respondeu a algumas questões referentes ao assunto. Para Butler (2002) , os corpos abjetos seriam os corpos aqueles que não importam, não inteligíveis, fora da norma construída e aceita, ou seja, corpos cuja materialidade é entendida como não importante.

Para além do conceito de abjeção, a filósofa denomina como precariedade o dispositivo pelo qual esses sujeitos são afetados pela privação do status de cidadania, ou seja, aquelas vidas destituídas “não apenas de direito de proteção, mas também de condições sob as quais a liberdade poderia ser exercida” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p.29). As vidas capturadas por esse dispositivo são aquelas que não contam como vidas, que não são choradas da mesma forma quando perdidas, que fogem aos esquemas normativos que definem as vidas passíveis de reconhecimento, que são reféns dos processos de invisibilidade, ou seja, que correm o risco de suas vidas serem eliminadas em um contexto de aparecimento. Segundo Carvalho (2021), a “precariedade” conceituada por Butler designa assim uma situação politicamente induzida no qual determinadas populações sofrem a consequência da destituição de redes de apoio social e econômicas em comparação a outras, ficando assim mais vulneráveis aos danos, às violências e até mesmo à morte.

Butler conduz, através dessa discussão, uma interlocução com o pensador italiano Giorgio Agamben (2002), a partir do seu conceito de “vida nua”. Para o autor este tipo de vida está reduzida a sua mera materialidade biológica e dessa forma se localiza como vulnerável e completamente exposta a um poder que a elimina sem que seja configurado propriamente como um homicídio ou um delito, tendo em vista que essa vida é abandonada e expulsa do ordenamento jurídico da comunidade política e assim não pode gozar de uma vida qualificada politicamente e de suas prerrogativas. De acordo com Agamben (2002), a vida nua só encontra sua inclusão pela exclusão e da mesma forma é excluída pela inclusão, ou seja, ela só irá participar do âmbito político e através de sua morte. Assim, quando a norma opera sobre ela é pela exclusão.

A partir desta visão de Agamben (2002), Butler propõe-se a investigar como essas vidas nuas, compulsoriamente destituídas dos direitos e das prerrogativas associadas à política e cidadania podem produzir ações de desestabilização, deslocamento e negociações com o poder e com as próprias normas que as excluem. A filósofa não considera as vidas excluídas e precárias como desprovidas da capacidade de agência, resistência e subversão, pelo contrário, ela propõe que estas minorias podem exercer e instaurar preceitos dos quais eram privadas, ao agirem na cena pública de forma a reivindicarem justamente tais preceitos.

Precisamos de meios mais complexos de compreensão da polivalência do poder de compreensão da polivalência do poder e de suas táticas para entender formas de resistência, agenciamento e contramobilização que obstruam o poder de estado ou deles se esquivem. Acho que precisamos descrever a destituição e, de fato, deveríamos, mas se a linguagem com a qual descrevemos essa destituição pressupõe, repetidas vezes, que os termos-chave são soberania e vida nua, nós nos privamos do léxico de que precisamos para entender as outras redes de poder às quais ele

pertence, ou como o poder é reformulado ou mesmo saturado naquele lugar (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 44-45).

Uma das formas pelas quais este poder opera é a mídia, no entanto, ela não opera sozinha nessa rede, mas sim como instituição socializadora e reprodutora de um modelo colonial, heterocisnormativo e patriarcal de sociedade em relação às mulheres. (ARRUDA; SILVA, 2021). E em particular, no que diz respeito às mulheres gordas, opera-se uma vigilância ideológica em relação ao comportamento da mulher e o controle sobre seu corpo, torna-se naturalizado:

Na mídia, isso se dá a partir da falta de representatividade dessas pessoas em protagonismos e modelos positivos e em representações pejorativas e estereotipadas [...] como alívio cômico à história, quando suas características físicas são utilizadas como ponto de humor; estepe para o personagem principal, seja como conselheiro, melhor amigo ou aliado. Outra representação comum é a da pessoa gorda como sendo feia, repulsiva, com poucos hábitos de higiene, ou então uma abobalhada patética. Entretanto, é difícil uma pessoa gorda aparecer como personagem principal ou modelo a ser seguido. Também é possível ver que, para ser bem-sucedida, a personagem gorda precisa passar por uma transformação estética que inclui, obviamente, o processo de emagrecimento (ARRUDA; SILVA, 2021, p.228)

A seguir, como propõe Butler iremos investigar os principais meios e táticas do poder em relação à construção social sobre a gordura corporal e corpos gordos, para que possamos averiguar os dispositivos e redes de poder pelos quais a gordofobia se legitima na sociedade, e dessa forma compreender com mais profundidade a importância dos movimentos ciberativistas de ativismo gordo como mobilizações de resistência, visibilidade, cidadania, insujeição ao poder e revivificação de vidas, anteriormente consideradas descartáveis, não-relevantes e precárias.

1.3 Patologização, estigmatização, abjeção e precarização das pessoas gordas

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizada em parceria com o Ministério da Saúde em 2019, uma em cada quatro pessoas de 18 anos ou mais anos de idade no Brasil estava dentro da chamada obesidade, o equivalente a 41 milhões de pessoas. Já o excesso de peso atingia 60,3% da população de 18 anos ou mais de idade, o que corresponde a 96 milhões de pessoas, sendo 62,6% das mulheres e 57,5% dos homens. Em 2003 quatro em cada dez brasileiros apresentavam excesso de peso, em 2019, o número aumentou para seis em cada dez brasileiros.

De acordo com a mesma fonte, a proporção de pessoas com obesidade na população com 20 anos ou mais, mais que dobrou no país entre 2003 e 2019, passando de 12,2% para 26,8%. Isto é, o resultado de que o seu Índice de Massa Corporal (IMC) indica que elas estão na faixa de sobrepeso ou de obesidade. No entanto o primeiro problema na abjeção dos corpos gordos começa justamente na maneira como eles são medidos, determinados e patologizados.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Endocrinologia (SBEM), a obesidade é uma doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal no indivíduo. Ela é diagnosticada através do cálculo do IMC; feito da seguinte forma: divide-se o peso (em quilos) do paciente pela sua altura (em metros) elevada ao quadrado. De acordo com o padrão utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), quando o resultado fica entre 18,5 e 24,9 kg/m², o peso é considerado normal. Entre 25,0 e 29,9 kg/m², sobrepeso, e acima deste valor, a pessoa é considerada obesa. Conforme a magnitude do excesso de peso pode-se, de acordo com o mesmo parâmetro, do IMC, classificar o grau de obesidade do paciente em: obesidade leve (classe 1 – IMC 30 a 34,9), moderada (classe 2 – IMC 35 a 39,9) e grave ou mórbida (classe 3 – IMC $\geq$ 40) (SBEM, 2021).

No entanto, apesar da fórmula do IMC ser reconhecida e adotada por órgãos internacionais de saúde, ela tem sido há muito tempo questionada inclusive pela própria comunidade médica como falha e insuficiente para medir os índices de saúde das pessoas gordas e magras. De acordo com Sharma e Campbell-Scherer (2017), pesquisadoras de obesidade na Universidade de Alberta, no Canadá, o IMC estabelece apenas o tamanho corporal, por este motivo, não é um bom critério para diagnosticar a obesidade. Para as pesquisadoras o índice diz o quão grande você é, não o quanto esteja doente, visto que seu resultado não diferencia, a partir do peso, o quanto se tem de gordura, músculo, ossos ou órgãos no corpo, o que pode indicar incorretamente uma obesidade que não existe, podendo apresentar assim quadros equivocados quando se trata da diversidade física dos seres humanos:

Even the most fervent supporters of BMI will concede that not everyone above a certain BMI cutoff should automatically be considered “diseased,” while not everyone below that BMI should be deemed free of health problems potentially ameliorated by weight loss. This is not to say that BMI would no longer serve as a practical screening tool to help identify people at risk for obesity—but it would no longer be considered “diagnostic” or the defining characteristic of this disease. It would, in fact, take more than a scale or a measuring tape to diagnose obesity (SHARMA; CAMPBELL-SHERER, 2017, p.660)

As pesquisadoras alertam que não se trata apenas de um mau indicador - que pode classificar uma pessoa gorda e saudável como “doente” (obesa) apenas pelo índice (sem o

respaldo de nenhum outro exame, entrevista com o paciente, entre outras abordagens clínicas), enquanto considera saudável uma pessoa magra que pode ter uma série de problemas de saúde (ser fumante, possuir má nutrição, ser sedentária, apresentar possíveis problemas de saúde grave em exames clínicos) - para além disso, é uma ferramenta que pode levar médicos a prescreverem o tratamento errado para os pacientes.

Campbell-Sherer e Sharma (2017), ressaltam que diagnosticar de forma mais criteriosa a saúde do indivíduo ao invés de simplesmente medir o seu tamanho ou formato iria resolver um número importante de problemas sociais e clínicos, como por exemplo o diagnóstico errado de pessoas que são *gordas e saudáveis* como obesas, para quem a perda de peso traria pouco ou nenhum benefício.

Elas apontam também como é raro que qualquer diagnóstico seja feito com a medida de uma simples fórmula matemática, ao invés de diversos exames e uma ampla abordagem:

Before nonclinicians think that such an approach would be highly impractical, let us remind ourselves that such diagnostic approaches are standard practice for a wide range of other diseases that require a clinical encounter, laboratory testing, and/or diagnostic imaging for their diagnosis. In fact, there are very few diseases that can be reliably diagnosed with just a single measure or test(SHARMA; CAMPBELL-SHERER, 2017, p.660, 661)

A natureza normativa e excludente do índice também foi apontada por um estudo realizado pela Universidade da Califórnia, com mais de 40 mil adultos. De acordo com a pesquisadora de psicologia da saúde Janet Tomiyama (2014), autora principal do estudo, os pesquisadores compararam o IMC das pessoas com medidas específicas de saúde, como resistência à insulina, inflamação e pressão arterial, triglicerídeos, colesterol e níveis de glicose. Resultado: quase metade dos classificados com sobrepeso e cerca de um quarto dos classificados como obesos eram metabolicamente saudáveis. Por outro lado, 31% das pessoas com índice de massa corporal “normal” não eram metabolicamente saudáveis. Segundo Tomiyama a utilização do índice pode vir a rotular uma grande faixa da população de alguma forma como “aberrante”(sic) por causa de seu peso, mesmo sendo elas perfeitamente saudáveis.

Para a socióloga Sabrina Strings, pesquisadora que também participou do estudo, há outro problema grave no índice relacionado ao gênero, considerando que ele foi criado (em 1830), desenvolvido e validado principalmente para homens brancos. De acordo com Strings, a composição corporal e sua relação com a saúde podem variar dependendo do gênero, raça e etnia. “Mulheres e pessoas negras não estão amplamente representadas em muitos desses

dados. No entanto, eles estão sendo usados para criar um padrão universal” (O GLOBO, 2021, s.p).

Enquanto o IMC continua sendo o padrão global para apontar a obesidade em seus mais diferentes graus, o sistema segue causando diversas deturpações em diagnósticos e tratamentos. Por essa razão, como veremos na análise de dados, uma das pautas frequentes no ciberativismo gordo é a chamada *gordofobia médica*, na qual a(o) paciente sofre discriminação e tratamento precário por razão de sua corporalidade imediatamente pressuposta como doente.

Outra problemática grave ao redor da obesidade diz justamente respeito à denominação de doença, enquanto os próprios órgãos de saúde oficiais reconhecem que a obesidade em si não é uma doença, mas na verdade um “fator de risco para uma série de doenças” (SBEM, 2021, OMS, 2017). Isso significa que a pessoa com obesidade “têm mais propensão a desenvolver problemas como hipertensão, doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2” (SBEM, 2017, s.p), mas não necessariamente as desenvolverá; o indivíduo pode ter uma vida longa e saudável sem nenhum desses problemas, assim como uma pessoa magra pode sofrer um ataque cardíaco fulminante sem detectada previamente uma causa.

Em um trabalho de revisão integrativa da literatura acadêmica sobre repercussões do uso das redes sociais na imagem corporal de seus usuários realizado pelas pesquisadoras de psicologia social da Universidade de São Paulo (USP): Ana Flávia Silva, Camila Cremonesi e Fernanda Penaforte da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 32 estudos analisados revelaram que as redes sociais repercutem de forma negativa na autoimagem corpórea de seus usuários. A pesquisa também concluiu que as redes sociais influenciam no tipo corporal que os usuários gostariam de ter traduzido pelo perfil corporal magro, considerado como modelo de beleza:

Dentre as repercussões negativas encontradas nos estudos, podemos destacar que a exposição às redes sociais: (a) aumentou os níveis de insatisfação com a autoimagem corporal; (b) influenciou no tipo corporal que os usuários gostariam de ter, traduzido pelo corpo magro considerado como ideal; (c) aumentou os níveis de humor negativo, especialmente após exposição a imagens de corpos “ideais” de web-celebridades; (d) reduziu os níveis de autoestima; e (e) se associou positivamente com sintomas de transtornos alimentares. (SILVA; JAPUR; PENAFORTE, 2020, p.8)

Segundo as pesquisadoras, a maioria dos estudos analisados teve como objeto as redes sociais Facebook e Instagram e demonstraram que o público feminino parece ser mais suscetível às influências das redes sociais na satisfação corporal:

A relação entre mídia e insatisfação corporal parece ser mediada pela Comparação Social, especificamente pela comparação de aparência. Os indivíduos em geral, em especial as mulheres, tendem a avaliar regularmente sua aparência comparando-se com outros pares. Há uma tendência de quanto maior a comparação de aparências, maior a insatisfação corporal. Com o uso das redes sociais, são muitas as oportunidades que os usuários têm de realizar a comparação de seus corpos com padrões corporais tidos como ideais, que são largamente difundidos nesse tipo de mídia e, conseqüentemente, de desenvolver e/ou aumentar os níveis de insatisfação com o próprio corpo, uma vez que tais padrões são excludentes, irreais e não abarcam a grande diversidade de formatos corporais apresentados pela população. (SILVA; JAPUR; PENAFORTE, 2020, p.9)

Nesse sentido, as pesquisadoras dialogam com Arruda, quando afirmam que a compreensão destes fenômenos é de fundamental importância, tendo em vista que a insatisfação corporal pode desencadear doenças de ordem física e psíquica, como a depressão, ansiedade, transtornos alimentares, aumento de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos desnecessários e diminuição da qualidade de vida. Além de causarem a distorção social do que é compreendido como aceitável, adequado e por fim, bonito:

Os resultados encontrados na presente revisão sugerem que o corpo (cada vez mais) magro, excessivamente difundido pela mídia, é um forte fator de influência na autopercepção da imagem corporal e na internalização desse ideal corporal, com incorporação ou aceitação do seu valor, podendo afetar não somente atitudes, mas também o comportamento pessoal dos sujeitos [...]. Somado a isso, pode gerar distorções na percepção que os indivíduos têm em relação aos seus próprios corpos, bem como dos corpos de outras pessoas, gerando uma relativização corporal, fazendo com que corpos que antes eram considerados “normais” passem a ser vistos como corpos “gordos” e corpos que eram sinônimos de fome, escassez e até mesmo de doença, sejam almejados e vistos como belo. (SILVA; JAPUR; PENAFORTE, 2020, p.9)

Dessa forma, uma das grandes lutas do ativismo gordo é despatologização do corpo gordo, compreendendo que apenas ao olhar o tamanho, peso e formato de um corpo ninguém pode julgá-lo de imediato como doente, e por consequência desleixado, relapso, abandonado dentro desta subjetividade, apenas por um índice numérico. É preciso que cada caso seja analisado individualmente, com os devidos exames e abordagem humanizada, assim como ocorre com pessoas não-gordas:

Amparada no discurso de que obesidade é doença, a gordofobia se torna um preconceito difícil de ser combatido. Quem denuncia e luta contra a gordofobia, muitas vezes, recebe a acusação de estar fazendo apologia à obesidade [...]. Apesar disso, pessoas, em especial mulheres, têm se articulado e reunido para combater a gordofobia. Rodas de conversa sobre o assunto e grupos de apoio a quem sofre o preconceito, assim como espaços midiáticos, de iniciativa de personagens até então comuns, como canais no YouTube, blogs pessoais, podcasts e perfis no Instagram, têm surgido como uma forma de denunciar a gordofobia e de alguma forma auxiliar quem sofre com ela. Isso porque um relato comum nesses espaços é o da pessoa que sempre sofreu com a gordofobia, mas nunca conseguiu *nomear o preconceito*, justamente pela forma como ele é mascarado como preocupação com a saúde. Ao entenderem pelo que de fato estão passando, a partir da narrativa de outras pessoas, essas pessoas relatam também dar início a um processo de compreensão e

ressignificação de si próprias, com o auxílio da rede.(ARRUDA; SILVA, 2021, p.230)

No entanto, o corpo gordo segue sofrendo as consequências da abjeção de ser considerado estigmatizado e à margem da sociedade. Na sua patologização podemos encontrar uma das origens sociais da *gordofobia*. Como aponta a pesquisadora Agnes Arruda:

[...] as formas físicas e as consequentes representações visuais das pessoas obesas – considerando o cálculo do IMC – também podem variar... E muito. Um fisiculturista, por exemplo, cheio de músculos pelo corpo, tem um IMC alto, acima dos 40, o que, pela fórmula internacional, o enquadraria medicamente como obeso, mas socialmente ele não é visto assim. Ao se referir a alguém com essas características, são usados adjetivos como forte ou musculoso, inclusive se diz que essa pessoa está em forma, mas nunca é utilizado “gorda” para essa pessoa. No dicionário, gordo(a) é substantivo sinônimo de obeso(a), mas também, adjetivo para “excesso de tecido adiposo, corpulento, obeso, rolho”. Quando se pensa em uma pessoa gorda, dificilmente surge à mente um fisiculturista [...], uma pessoa musculosa ou em forma, mas sim alguém que acumula gordura pelo corpo, que apresenta certo grau de flacidez e que, certamente, deveria se submeter a algum tipo de procedimento para perder peso, seja uma simples dieta ou algo mais invasivo, como a cirurgia bariátrica. Dessa maneira, percebe-se que embora a palavra gordo possa ser considerada sinônimo de obeso, tal aplicação não ocorre no léxico popular. Falar que uma pessoa é gorda significa algo diferente do fato de seu IMC estar acima dos números considerados normais pela OMS; significa, de fato, que ela não é aceita pela forma física que apresenta. Há, nesse momento, a materialização do processo que recentemente foi denominado de *gordofobia* (ARRUDA, 2019, p.29).

Trata-se de um preconceito no qual as pessoas, em especial mulheres, são privadas diariamente de uma série de práticas sociais unicamente por o tamanho de seus corpos não corresponder aos padrões sociais/midiáticos. Mais que isso, no processo de retroalimentação entre os meios hegemônicos e os grupos sociais, são reproduzidos padrões de comportamento que hostilizam as pessoas gordas das mais diversas formas. Há nesse contexto um entendimento de que as pessoas gordas são preguiçosas, desleixadas e que mantêm poucos hábitos de higiene pessoal, que são permanentemente tristes ou estão em quadros depressivos, que não são esforçadas ou não têm força de vontade para atingir seus objetivos, uma vez que nem o objetivo de emagrecer elas conseguem atingir; que não são dignas de um relacionamento amoroso ou têm seus corpos fetichizados para tal, entre outros. E para cada um desses casos, há uma série de exemplos tanto no contexto social concreto, quanto em produtos midiáticos, fáceis de serem levantados e observados, mas que até recentemente não tinham sido notados e problematizados (ARRUDA, 2021).

Há um padrão estético vigente para a imagem corporal na sociedade contemporânea, principalmente para o corpo feminino, e entre as características normativas impostas às mulheres está o corpo magro. Dentro dessa normatização as pessoas gordas são consideradas socialmente desviantes, com corpos abjetos, inadequados e problemáticos. Em uma sociedade midiática, em que as redes sociais se tornaram tão centrais tanto na criação quanto na

divulgação e propagação de informações, o tratamento direcionado às pessoas gordas na mídia não apenas reflete, mas também potencializa a gordofobia que as mulheres gordas sentem e vivem na pele todos os dias (ARRUDA; SILVA, 2021).

Trata-se de um preconceito no qual as pessoas, em especial mulheres, são privadas diariamente de uma série de práticas sociais unicamente por o tamanho de seus corpos não corresponder aos padrões sociais/midiáticos. Mais que isso, no processo de retroalimentação entre os meios hegemônicos e os grupos sociais, são reproduzidos padrões de comportamento que hostilizam as pessoas gordas das mais diversas formas. Há nesse contexto um entendimento de que as pessoas gordas são preguiçosas, desleixadas e que mantêm poucos hábitos de higiene pessoal, que são permanentemente tristes ou estão em quadros depressivos, que não são esforçadas ou não têm força de vontade para atingir seus objetivos, uma vez que nem o objetivo de emagrecer elas conseguem atingir; que não são dignas de um relacionamento amoroso ou têm seus corpos fetichizados para tal, entre outros. E para cada um desses casos, há uma série de exemplos tanto no contexto social concreto, quanto em produtos midiáticos, fáceis de serem levantados e observados, mas que até recentemente não tinham sido notados e problematizados (ARRUDA, 2021. p.229).

Como complementa Naomi Wolf sobre a questão do corpo gordo, da própria gordura corporal foi construída como algo a ser rejeitado, expurgado, pois era danoso:

Em 1985, Eugenia Chandris em *The Venus Syndrome* chamou os quadris e coxas grandes de "problema médico". Olhando imagens da fertilidade do período paleolítico, ela cometeu o solecismo de afirmar que "o problema perturba as mulheres desde aquela época". É claro que "o problema" só perturba as mulheres desde que foi chamado de problema, ou seja, na memória de pessoas ainda vivas. Caracteriza-se a gordura feminina como se fosse não só substância morta, mas carcinogênica: "células que se proliferam" criando mais morte.[...] Eles reclassificaram a carne da mulher adulta saudável como "celulite", uma "condição" inventada que chegou importada aos Estados Unidos pelas mãos da Vogue somente em 1973. Eles se referem a essa textura como "deformante", "repugnante", "cheia de toxinas". Antes de 1973, ela era a carne normal da mulher (WOLF, 1992, p.301-302)

Wolf traça um paralelo entre as conquistas dos processos de emancipação das mulheres promovidos pelas lutas feministas nas esferas do lar, mercado de trabalho, legislação e violência de gênero, em oposição ao fortalecimento do chamado "mito da beleza". Segundo ela, se fez necessário para a cultura patriarcal uma forma de subordinação mais ideológica que utilizasse as imagens de beleza como aparato ideológico, através sobretudo das imagens de beleza divulgadas e legitimadas pelos veículos de mídia - para assim possibilitar a manutenção das relações de poder patriarcal constituindo uma nova ferramenta de repressão, exclusão social e aprisionamento do feminino, pela qual mais uma vez - como recorrente na história das mulheres - pudesse ser determinado o que é uma mulher, para que ela serve e como seu corpo deve ser:

Considerando-se que pode ser mais fácil enfraquecer a mulher ocidental de classe média sob o ponto de vista psicológico agora que estamos mais fortes sob o aspecto material, o mito da beleza, na forma em que ressurgiu na última geração, teve de recorrer a sofisticação tecnológica e fervor reacionário maiores do que anteriormente. O atual arsenal do mito consiste na disseminação de milhões de imagens do ideal em voga. Embora esse fogo cerrado geralmente seja considerado uma fantasia sexual coletiva, há nele, na verdade, muito pouco de sexual. Ele atende ao chamado do temor político por parte de instituições dominadas pelos homens, instituições ameaçadas pela liberdade das mulheres. Ele explora a culpa e a apreensão quanto à nossa própria liberação — medos latentes de que talvez estejamos nos excedendo. Essa frenética acumulação de imagens é uma alucinação coletiva reacionária originada pela vontade de homens e mulheres desorientados e atordoados com a rapidez com a qual se transformam as relações entre os sexos: um baluarte de segurança contra a enchente das transformações (WOLF, 1992, p.20)

A autora ressalta também o papel fundamental da indústria da beleza, das dietas e da cirurgia plástica nesse contexto:

Tudo o que for profunda e essencialmente feminino — a vida na expressão do rosto, o toque da sua pele, o formato dos seios, as transformações da pele após o parto — está sendo reclassificado como feio, e a feiúra como uma doença. Essas qualidades envolvem uma intensificação do poder feminino, o que explica por que motivo elas estão sendo reapresentadas como uma diminuição de poder. Pelo menos um terço da vida de uma mulher é caracterizado pelo envelhecimento; cerca de um terço do seu corpo é composto de gordura. Esses dois símbolos estão sendo transformados em condições passíveis de cirurgia — para que nós mulheres só nos sintamos saudáveis se formos dois terços do que poderíamos ser. Quando se ganha um milhão de dólares por ano com essas cirurgias — renda média dos cirurgiões estéticos nos Estados Unidos — é bem fácil chamar a gordura feminina de doença. [...] Ou dir-se-ia a verdade: que 75% das mulheres têm essa forma e que barrigas, coxas e quadris redondos e macios eram considerados sem questionamento, sensuais e desejáveis, até as mulheres conquistarem o voto (WOLF, 1992, p.308).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), o Brasil foi o país onde mais foram realizadas cirurgias plásticas estéticas em 2019 em todo o mundo, segundo dados mais recentes da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS, em inglês). Divulgada em 9 de dezembro de 2020, a pesquisa global da entidade indica que, naquele ano, foram quase 1,5 milhão de procedimentos cirúrgicos no País, o equivalente a 13,1% do total realizado em todo o planeta (SBCP, 2021).

E embora a insatisfação corporal possa parecer um indicador subjetivo, com base em uma percepção individual sobre o fenômeno da gordofobia social, há consequências reais, para além do risco das cirurgias plásticas para as pessoas que não estão contentes com seus corpos. Como ressalta a pesquisadora sobre o peso e a mídia, Agnes Arruda (2019), muitos acabam desenvolvendo doenças - muitas vezes crônicas - na busca por impor a si mesmos aquilo que acreditam ser o padrão ideal de beleza para o corpo. Essas doenças, muito concretas, são conhecidas por transtornos alimentares. Trata-se de transtornos psiquiátricos que afetam, na sua maioria, adolescentes e adultos jovens do sexo feminino e podem levar a

grandes sofrimentos e graves prejuízos - tanto físicos (biológicos) quanto psicológicos, assim como à possível mortalidade seja decorrente de comorbidades ou pelo suicídio. A pesquisadora ressalta ainda, o papel fundamental que os veículos de mídia exercem nesses processos:

Num contexto contemporâneo, distúrbios alimentares, dependência química, transtornos psicológicos e depressão podem ser diretamente relacionados às consequências da gordofobia e que, em decorrência disso, podem levar ao suicídio. No contexto comunicacional, o apagamento do corpo gera consequências dramáticas não apenas para quem sofre com a gordofobia, mas para a sociedade como um todo. Isso porque, se entendermos comunicação no seu sentido antropológico, e não apenas relacionado aos media, como de costume na área, o corpo é fundamental no processo de mimese e, conseqüentemente, na construção, fortalecimento e manutenção de vínculos sociais, além de extremamente necessário para a sobrevivência da espécie. É com o corpo, meio primário, que damos testemunhos de nossa existência, mesmo quando não temos mais nenhum aparato para nos ajudar a comunicar. Pela mimese, desenvolvemos nossa habilidade de nos identificarmos com o grupo e, portanto, fazer parte dele, o que se torna particularmente importante, considerando-se o caráter gregário do ser humano (ARRUDA, 2019, p.18)

A autora ainda enfatiza a importância da compreensão das tessituras do contexto social das pessoas gordas, para entendermos como diariamente, mulheres, homens, adolescentes e crianças gordas precisam lidar com situações excludentes, vexatórias, humilhantes e traumáticas, em uma realidade que não é enfrentada, discutida e debatida de forma minimamente proporcional - levando em conta os milhões de pessoas consideradas obesas e com sobrepeso no Brasil (como citado anteriormente) - seja pela mídia ou mesmo pela da própria Academia.

As piadinhas sobre pessoas gordas continuam existindo na mesma proporção em que não existem roupas de moda para o gordo comprar, poltronas adequadas para ele se sentar, modelos como ele para se espelhar. Tudo isso com o pretexto de que “é para o seu bem”, ou “a saúde em primeiro lugar”, sem considerar, por exemplo, que uma pessoa gorda pode ser plenamente saudável, sim. Presumir automaticamente que essa pessoa é preguiçosa, incapaz e desleixada também é uma regra na sociedade contemporânea, mesmo que muita gente magra nunca tenha pisado em uma academia de ginástica. Apesar do exposto, pouco se fala sobre o assunto, principalmente nos meios acadêmicos (ARRUDA, 2019, p.27)

Butler dialoga com a estigmatização e precariedade social a que são exilados os sujeitos desviantes da norma - no caso aqui as pessoas gordas - quando discute o problema do não pertencimento social e sua relação com o “direito de ter direitos”:

[...]Uma formulação muito interessante, uma vez que esse primeiro direito (de ter direitos) não pode estar fundamentado em nenhum governo ou instituição social estabelecida; não é um direito positivo nesse sentido. Parece que há também direitos ao pertencimento. *Há direitos a uma textura social da vida*” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 48, grifo nosso).

A filósofa propõe, por meio de seu trabalho, expandir e realçar um campo de possibilidades para a vida corpórea. Ela busca um desmantelamento das reivindicações

ontológicas dos antigos códigos de legitimidade para assim desconstruir uma ontologia dos corpos, ressignificar os discursos que circulam como verdades hegemônicas e acabam naturalizando o que é social cultural e historicamente construído (BUTLER, 2002).

Nesse sentido, o ciberativismo gordo realizado por mulheres no Instagram compreende um exercício revolucionário que Butler irá nomear como contradição performativa - uma ação através da quais corpos destituídos de prerrogativas e benefícios sociais de uma vida qualificada, portanto, rejeitadas da vida social da polis, possam reivindicar o direito de aparecer e demandar condições qualificadas de vida.

À noção de contradição performativa como o processo pelo qual sujeitos inviabilizados de aparecerem no espaço público, de agirem e discursarem coletivamente ou mesmo aqueles privados legalmente do exercício da cidadania, fazerem justamente o contrário através do ato de “exigirem o direito de se expressarem livremente” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 61). A contradição performativa, diz respeito a um exercício de insubjeição ao poder que se opera por meio da encenação, pelo qual minorias excluídas realizam gestos e signos que caracterizam a condição política da qual estão desprovidos e que se constituem o objeto da reivindicação. “Nesse sentido, esses grupos no ato de solicitarem reconhecimento produzem, como efeito político, justamente os princípios da vida politicamente qualificada que são a eles negados.” (CARVALHO, 2021, p.84). Assim, Butler, destaca:

Uma vez que rejeitamos o ponto de vista que reivindica que nenhuma posição política pode se apoiar na contradição performativa e aceitamos a função performativa como uma reivindicação e um ato cujos efeitos se desenrolam com o passar do tempo, então podemos de fato adotar a tese oposta, ou seja, a de que *não pode haver nenhuma política radical de mudança sem contradição performativa* (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 62- 63, grifo nosso).

A hipótese levantada nesta dissertação é de que os movimentos ciberfeministas e ciberativistas gordos no uso das novas tecnologias da informação está muito alinhado ao conceito de contradição performativa de Butler. Quando estudamos mobilizações no Instagram como o “*Movimento Corpo Livre*” ou o movimento “*Vai Ter Gorda!*”, observamos como esses movimentos atuam por meio da resistência e agenciamento possíveis no interior das próprias redes do poder, no caso, no ambiente virtual das redes sociais, em especial, o Instagram, campo social e midiático excludente para as pessoas gordas, como já visto anteriormente.

Assim, a contradição performativa operada por meio do ciberativismo gordo possibilita que categorias de direitos que não funcionam para determinados grupos, “possam ser alterados e ressignificados através da encenação desses princípios, como a liberdade e a

igualdade, que não são substâncias preexistentes às práticas de exercitá-las (CARVALHO, 2021, p.86). Ou, como afirma a historiadora Gerda Lerner (2019, p.367).: “Onde não existe precedente, não se pode imaginar alternativas às condições existentes”.

Assim como Butler, Lerner ressalta a importância dos signos, gestos e símbolos como fundamentais para o processo de resistência e emancipação:

O grupo oprimido, enquanto compartilha e participa dos símbolos principais controlados pelos dominantes, também desenvolve os próprios símbolos. Estes, em época de mudança revolucionária, tornam-se forças importantes na criação de alternativas. Outro modo de dizer isso é que ideias revolucionárias podem ser geradas apenas quando os oprimidos possuem uma alternativa ao sistema de símbolos e significado daqueles que os dominam. Assim, escravos que viviam em um ambiente controlado por seus senhores e que estavam fisicamente sujeitos ao controle total deles podiam manter sua humanidade e, por vezes, definir limites para seu poder, agarrando-se à própria “cultura”. Tal cultura consistia de memórias coletivas – que eram mantidas vivas de modo cuidadoso – de um estado anterior de liberdade e alternativas de rituais, símbolos e crenças dos senhores. O que foi decisivo para o indivíduo foi a capacidade de ele ou ela se identificar com um estado diferente do de escravidão ou subordinação (LERNER, 2019, p.366).

Em nossa pesquisa encontramos centenas de perfis no Instagram que trazem por meio destes símbolos, significados e discursos, uma contradição performativa que comunica sobre a aceitação pessoal e social do corpo gordo, sobre os direitos das pessoas gordas. Mulheres que são atravessadas pelos mais diversos marcadores sociais de classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros.

No próximo capítulo iremos nos aprofundar nos referenciais teóricos relacionados ao ciberativismo realizado nesses perfis, e sobretudo investigar uma questão central: Se como visto anteriormente, a gordofobia é uma resposta preconceituosa imperiosa ao corpo gordo em nossa sociedade, o que leva essas mulheres a expor seus corpos e suas ideias? O que as motiva a resistir como ciberativistas, neste movimento de contradição performativa? Quais os principais marcos motivacionais que as permitem agir para além do medo e da vulnerabilidade dos possíveis ataques gordofóbicos, ofensas, humilhações, e até mesmo ameaças em seus perfis do Instagram? O que sustenta o ciberativismo gordo que possibilita a transformação social tão necessária à emancipação dos corpos femininos?

2 - CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPRESSÕES DO CIBERATIVISMO GORDO NO INSTAGRAM

2.1 Das redes sociais do ciberespaço ao Instagram dos ativismos múltiplos

De acordo com Raquel Recuero (2004), as redes sociais podem ser definidas como meios de comunicação emergentes que atuam na difusão de informações de forma global e massiva. Ela destaca que a grande diferença das redes sociais offline para as redes online é que estas são mediadas pela tecnologia, o que muda toda a relação entre seus sujeitos em seus processos comunicacionais. Processos de difusão de informações que são ativados pelo que ela chama de atores sociais, compreendidos pelo interacionismo simbólico, em que o sujeito aparece através de sua representação e por sua performance diante dos demais.

Dessa forma, cada ator irá, através de suas representações, repassar determinadas informações à suas conexões, implicando diretamente em diferentes redes de acesso às informações. Cada laço estabelecido no ciberespaço é, deste modo, um canal de trânsito de informações entre sujeitos e entre coletivos. Redes sociais online constituem-se, portanto, em uma mídia fruto de dinâmicas coletivas dos atores na difusão de informações no espaço digital. Assim, essas redes funcionam também como meios de comunicação. Esse cenário é bastante semelhante ao previsto por McLuhan (1964), concretizando a ideia de que a dispersão da informação está criando uma nova estrutura de poder cujos centros estão em todos os lugares e às margens, em lugar nenhum.

Para Recuero (2004), estas conexões são percebidas como representações construídas de forma performática de modo a construir determinadas impressões em uma audiência imaginada, isto é, a rede. Ou seja, encontramos no entendimento da autora um diálogo com o conceito de performatividade de Judith Butler (2018) no que se refere aos processos comunicativos performados pelos sujeitos nas redes sociais. Entendendo, sobretudo, o valor fundamental da agência desses atores, ou seja, como somente sua ação “é capaz de constituir essas redes em elementos emergentes, dinâmicos e capazes de replicar, propagar e filtrar informações” (RECUERO, 2004, p.12).

Segundo a autora, é imprescindível compreender os discursos construídos no ciberespaço pois demonstram os contrastes entre as relações online e offline e a maneira complexa com que a forma que nos comunicarmos com os outros nesses ambientes exigem

uma adaptação constante e são tão dinâmicas como as plataformas em que se desenrolam. Recuero (2012) explica que: “A ocorrência de uma conversação necessita de que os participantes compreendam e legitimem os enunciados um do outro, alternando-se na fala e negociando o contexto do processo” (p.28).

Assim, compreendendo que nas redes sociais (e fora dela) o ator contemporâneo performa suas representações enquanto suas relações sociais são estruturadas e mediadas pela tecnologia, é fundamental entendermos o conceito apresentado por Recuero o da Conversação Mediada pelo Computador (CMC).

De acordo com Leticia Ribeiro Schinestsck (2020, p.42), a CMC “é uma nova maneira de estabelecer relações, um jeito cada vez mais público, pertencente a uma comunidade ampla, uma sociedade em rede, situada em um espaço incerto e com fronteiras alargadas”. Para a autora, o ciberespaço - além de romper com práticas de comunicação tradicionalmente conhecidas - nos apresenta um novo cenário, completamente contextual e passível de ser desconstruído, construído e reformulado quantas vezes forem consideradas necessárias (SCHINESTSK, 2020; RECUERO, 2012), impactando massivamente a cultura e suas manifestações em rede:

Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações de políticas públicas (RECUERO, 2012, p.17-18)

A autora afirma que as plataformas virtuais, onde ocorrem as CMC, atuam como um espaço simbólico, oferecendo ambientes de construção de práticas que vão ampliar a negociação de sentido de seus usuários e também criar convenções de uso. Dessa forma, ferramentas ou plataformas diferentes vão oferecer contextos de apropriação diferentes da linguagem (RECUERO, 2012).

O Instagram pode ser definido como uma plataforma virtual que possibilita a criação de redes sociais online viabilizando, por meio de seus recursos, funcionalidades e ferramentas, para que seus usuários - os atores sociais - estabeleçam e mantenham relações no interior da plataforma (SCHINESTSK, 2020).

Conforme a CNBC (2021), com 12 anos de surgimento e mais de 2 bilhões de usuários ativos o Instagram é considerado uma das plataformas de mídia social mais populares em todas as pesquisas que contemplam os marcadores de idade, locais e marcas. Para compreendermos sua relevância no contexto das redes sociais contemporâneas, os dados mais atualizados de 2022, demonstram que além da enorme base de usuários, a rede possui taxas de

engajamento por postagem mais altas do que qualquer outra plataforma social e uma taxa de crescimento muito acima do esperado. Em relação ao número de usuários, para termos de comparação e métrica, o Instagram possui mais de nove vezes o número de usuários ativos mensais monetizáveis⁵ do que o Twitter, e a mesma quantidade de usuários do WhatsApp, e se posiciona muito à frente do Facebook Messenger que atualmente conta com 1.3 bilhão de usuários (WEBSITERATING, 2022).

A rede social permite o compartilhamento de fotos, textos e vídeos, assim como a integração de funcionalidades, ferramentas e aplicativos nativos da própria plataforma, como as opções de filtros, o Boomerang, os Stories, e os vídeos curtos chamados de Reels, adicionados em 2020, como uma forma de concorrer com o aplicativo TikTok, rede social concorrente em franco crescimento. O Instagram também permite gravações e transmissões de vídeos ao vivo que atualmente já podem ser monetizadas. Permeando todas as diversas formas de apresentação de conteúdos estão as ferramentas de interatividade e engajamento como as curtidas, botões de compartilhamento, enquetes, reações (através de emoticons), comentários e hashtags.

O nome da rede vem da união das palavras em inglês *telegram* e *instant message*, ou seja “instant telegram”, reforçando o objetivo inicial, a forma e o conteúdo do aplicativo, pois inicialmente a proposta era remeter às antigas câmeras polaroid, inclusive através de seu ícone primário, reformulado posteriormente em 2016 para o ícone atual, com um desenho mais moderno, apresentando linhas simples e cores vibrantes. E da mesma forma que seu ícone/avatar, o Instagram passou por diversas alterações ao longo do tempo.

Lançado em 2010 pelo brasileiro Mike Krieger e pelo estadunidense Kevin Systrom - ambos engenheiros de software - já em dezembro do mesmo ano, o aplicativo, até então disponível apenas para o sistema IOS (Iphone), atingiu a marca de 1 milhão de usuários. Em 2012, após o lançamento na versão para Android, o Instagram foi comprado pelo Facebook, por 1 bilhão de dólares. Com a ampliação para o novo sistema, apenas nos seis primeiros dias na Google Play Store, o aplicativo foi baixado cinco milhões de vezes, alcançando o status de fenômeno midiático mundial (TECHTUDO, 2018).

Em 2022, o Instagram é a segunda rede social mais utilizada mundialmente, atrás apenas do Facebook, com o compartilhamento de aproximadamente 100 milhões de postagens por dia, uma média de 1.000 fotos carregadas a cada segundo. Além disso, o Brasil é o 2º país em número de usuários de Instagram, atrás apenas dos Estados Unidos. É entre os mais jovens

⁵ Métrica que o Twitter utiliza para medir usuários ativos.

que o uso rede é mais popular, pessoas de 16 a 29 anos, 83% usam várias vezes ao dia. Já na faixa de 30 a 49 anos, o percentual cai para 78%, a partir dos 50 anos, são 70% (D'ANGELO, 2022).

De acordo com Schinestsck (2020), os números da rede demonstram a representatividade do Instagram no contexto atual, sendo seguro afirmar que a plataforma está presente e impacta diretamente as trocas sociais que se estabelecem online na contemporaneidade.

Isso, somado ao comportamento do sujeito hipermoderno e a tendência cada vez maior dos indivíduos espetacularizarem seus cotidianos, faz com que essa mídia adquira um papel fundamental para o entendimento do sujeito atual e como ele se representa e tensiona seus discursos e sua realidade quando mediados por tais espaços. “A representatividade do Instagram [...] endossa a necessidade de desenvolver-se pesquisas que busquem entender como essa ferramenta é apropriada para estruturar discursos e estabelecer relações (SCHINESTSCCK, 2020). Ou seja:

De uma maneira geral, cada produção discursiva realizada no interior do Instagram, seja através da publicação de um texto, de uma imagem, de um vídeo, de uma hashtag ou de qualquer elemento multimodal que significa tanto quanto uma ordenação de palavras, está fundamentalmente ligada às subjetividades de cada ator, carrega seus próprios “não ditos” e sua bagagem cultural, deixando sempre espaço para interpretações. (SCHINESTSCCK, 2020, p.56-57)

A escolha do Instagram como plataforma para investigar os movimentos ciberativistas gordos e os discursos construídos por eles em torno do corpo, leva em consideração, também, o fato desta se constituir uma rede multimodal, cujo apelo ser primariamente imagético, também se constrói por meio de discursos textuais e orais nas legendas e vídeos. “Trata-se de uma combinação de linguagem, discurso, imagens e o outros tantos elementos que auxiliam a compor as esferas discursivas daquele espaço (SCHINESTSCCK, 2020, p.56).

No que se refere aos padrões normativos impostos ao corpo feminino, e considerando sua relevância no campo das trocas sociais, as redes sociais ocupam hoje um papel central, antes desempenhado historicamente por outros veículos de comunicação icônicos, por exemplo, as revistas femininas. Como aponta Alômia Abrantes (2019, p.4):

Antes de toda promoção que as redes sociais foram capazes de produzir na projeção da autoimagem associada ao belo, ao saudável, a capacidade consumidora do que se liga a estes lugares historicamente significados, e por conseguinte, aos seus contrários, lembro aqui [...] do filão das revistas femininas, em sua indispensável atuação na construção do mito da beleza como algo a ser perseguido pelas mulheres cotidianamente e que, adiante, tornar-se-á um elemento também central para as

mobilizações através da rede contra a gordofobia e outras formas de opressão corporal.

Segundo Arruda e Silva (2021), nesse cenário em rede, as pessoas podem performar a si mesmas para múltiplas audiências, dependendo do nicho que escolherem para atuar e dos objetivos que possuírem. Para as pesquisadoras, juntamente com as mudanças que ocorreram na plataforma desde sua criação (sempre favorecendo a maior interação e engajamento), outro processo importante ocorreu: nosso corpo ganhou evidência, enquanto fomos todos convidados a trabalhá-lo para a exibição. Alinhadas ao conceito de performatividade de Butler, Arruda e Silva consideram as postagens do ativismo gordo no Instagram como *performances*:

[...] A plataforma do Instagram também é habitada por múltiplas performances que têm como foco central corpos gordos femininos e, nesse contexto, corpo, pele e movimentos, têm seus sentidos amplificados, de modo geral, com a intenção de desconstruir imaginários sociais a respeito desses corpos, visando construir representações outras que ultrapassem as normas de corpo, de gênero e de beleza vigentes. Aqui, chamamos de performance um modo de produzir e de montar/posicionar o corpo e de apresentação/representação de si, de incutir significados para além daquilo que capturamos com o olhar à priori e que se propõe provocar outras representações que transbordam os limites da cisheteronormatividade, rompendo com silêncios culturalmente impostos. [...] Esse ideal hegemônico de feminilidade requer que sejam escondidos e/ou eliminados, dos corpos das mulheres, quaisquer resquícios de gordura e de pelos, de qualquer tipo de insubordinação, seja no modo de olhar capturado pela fotografia, seja no desnudamento de seu corpo. (ARRUDA; SILVA, 2021, p.233)

Assim, nesse novo contexto, temos as redes sociais como um dos palcos centrais, responsáveis por comunicar às mulheres - por meio de perfis privados e coletivos, perfis de revistas e sites voltados ao público feminino, e outros voltados ao público geral - mensagens e discursos sobre o que é uma mulher aos olhos da sociedade hoje, como ela deve se comportar e como deve ser seu corpo (ABRANTES, 2019; RANGEL, 2018).

Em meio a tantas plataformas, ferramentas, funcionalidades e interatividade seguem as disputas ideológicas e discursivas de poder sobre o performar do ser e do corpo feminino. (BUTLER, 2018). Mas, se por um lado a normatização atua impondo às sujeitas os padrões hegemônicos, excludentes e violentos de abjeção por meio da grande mídia e das principais instituições sociais, encontramos nas redes sociais as expressões de resistência e insujeição que se expressam por meio do ciberativismo gordo em rede (BUTLER, 2018; RANGEL, 2020).

2.2 O ativismo em rede e a busca da sujeita por autonomia

Para Castells (2013) os movimentos sociais podem ser verdadeiras alavancas de transformação social. A partir das TICs, em especial as mobilizações em rede, são muito e diversos os ativismos possíveis desde os campos das políticas governamentais, trabalhistas, até a apropriação identitária como é o caso do ciberativismo gordo, com ações que podem influenciar nas políticas públicas de saúde, educação e acessibilidade.

Essas mobilizações ao redor de uma questão que envolve as esferas da vida social, pública e política das mulheres gordas nos faz refletir sobre a amplitude do movimento feminista atual, em termos quantitativos e qualitativos, e na própria variedade de pautas que impulsionam as mobilizações feministas, resignificando nosso entendimento de movimentos sociais atuais ao tensionarmos o termo com o conceito de ativismos contemporâneos (RODRIGUES; MIGUEL, 2021). Assim, no que se refere ao ativismo gordo:

Os movimentos então, no nosso entendimento, abarcam as diferentes estratégias ativistas, que na rede podem se mostrar mais ou menos organizadas, efêmeras e cíclicas. Os diversos ativismos possíveis passam pela libertação não apenas do controle dos corpos no sentido mais íntimo e relacional, mas também uma luta pelo fim da opressão [...] e segregação sustentada em grandes escalas por instituições tradicionais da sociedade civil como saúde, mercado de trabalho, vestuário e acessibilidade (no direito de ir e vir, como a condução pública). (RODRIGUES; MIGUEL, 2021).

Nesse contexto, enxergamos nas características do ciberativismo gordo uma imbricação deste novo momento do movimento feminista com as características dos movimentos sociais em rede, levantadas por Castells (2013). Entre essas características estão o fato de serem movimentos *motivados pela indignação*; induzidos à ação e mudança coletiva por meio da mobilização de indivíduos *conectados em redes*; mobilizados pela *autocomunicação de massa* baseada nas redes interativas de comunicação via internet e redes sem fio; movimentos que são *ao mesmo tempo locais e globais*; contam com *grande poder das imagens para a disseminação de ideias*; *descentralizados e horizontais* no que diz respeito à lideranças formais; que *atuam no chamado “espaço de autonomia”* - das redes para as ruas e das ruas de volta para as redes, num movimento contínuo. Além de serem

movimentos *profundamente autorreflexivos* (CASTELLS, 2013, p.163). Adiante iremos observar essas características de forma mais específica.

Para Castells (2013), os movimentos sociais surgem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas, expressando as revoltas e os projetos das pessoas que resultam de sua experiência multidimensional. O autor enfatiza nesse contexto, o papel fundamental da comunicação tanto na formação quanto na prática dos movimentos, considerando que as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. O autor ressalta a importância do caráter de horizontalidade em grande escala da internet e como através das redes de comunicação digital os movimentos sociais são construídos e atuam, somando-se com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano. As redes sociais digitais são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, decidir, deliberar e coordenar os movimentos sociais, no entanto para o autor o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade:

[...] Ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. (...) Além disso, há uma conexão fundamental, mais profunda, entre a internet e os movimentos sociais em rede: eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas. Os movimentos sociais, embora surjam do sofrimento das pessoas, são distintos dos movimentos de protesto. Eles são essencialmente movimentos culturais, que conectam as demandas de hoje com os projetos de amanhã. Os movimentos que observamos encarnam o projeto fundamental de transformar pessoas em sujeitos de suas próprias vidas, ao afirmar sua autonomia em relação às instituições da sociedade. É por isso que, embora ainda exigindo medidas terapêuticas para as atuais misérias de um amplo segmento da população, os movimentos, como atores coletivos, não confiam nas instituições atuais e se envolvem no caminho incerto de criar novas formas de convivência, na busca de um novo contrato social. Nos bastidores desse processo de mudança social está a transformação cultural de nossas sociedades (CASTELLS, 2013, p.167).

Queiroz (2017) ressalta que essa nova comunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação interativa, usualmente torna difícil o controle por parte de governos ou empresas:

A comunicação digital é multimodal, ou seja, permite a referência constante a um hipertexto global de informações cujos componentes podem ser remixados pela pessoa que comunica segundo projetos de comunicação específicos. Portanto, a auto comunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja esse ator individual ou coletivo (QUEIROZ, 2017, p.3).

Nessa perspectiva, Castells afirma que, o que esses movimentos sociais em rede propõem pode ser considerado uma nova utopia que busca transformar o cerne da cultura de

uma sociedade em rede: “a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p.166). O sociólogo compreende que os movimentos produzem seus próprios antídotos contra a disseminação dos valores sociais que deseja combater.

Quando as sociedades falham na administração de suas crises estruturais pelas instituições existentes, a mudança só pode ocorrer fora do sistema, mediante a transformação das relações de poder, que começa na mente das pessoas e se desenvolve em forma de redes construídas pelos projetos dos novos atores que constituem a si mesmos como sujeitos da nova história em processo. A internet, que, como todas as tecnologias, encarna a cultura material, é uma plataforma privilegiada para a construção social da autonomia (CASTELLS, 2013).

Nesse sentido, compreendemos uma diferenciação do pensamento de Castells (2013) e de Butler (2018). Enquanto o sociólogo compreende as expressões de resistência dos movimentos sociais como possíveis apenas fora do sistema, Butler fala sobre os sujeitos construírem formas de resistência e insujeição ao poder dentro das próprias estruturas discursivas e normativas que o constituem. Os discursos dos dois autores se encontram, no entanto, quando evocam o lugar central do sujeito no exercício político em seus campos sociais, que se manifesta por meio da criação de movimentos que gerem *autonomia*.

Butler (2018) foca primordialmente na matriz excludente pela qual os sujeitos são formados, designando como abjetos os seres que formam o exterior daquilo que a sociedade constitui como as áreas de domínio de seus sujeitos. Ou seja, as zonas densamente povoadas de pessoas que não alcançam, aos olhos da sociedade, o status de sujeito, com vidas precárias, em contextos desqualificados e condições inabitáveis de vida social. Nessas zonas estão as pessoas gordas e outras minorias. Segundo ela, essa terrível identificação como um *não-sujeito*, essa vida sob o signo do “inabitável”, se faz necessária para circunscrever o domínio de possível atuação desse ser que irá reivindicar sua autonomia e seu lugar devido como sujeito. Como já visto anteriormente, para a filósofa, o caminho da transformação social está no potencial subversivo dos atos de contradição performativa, ou seja, táticas que desestabilizem os regimes políticos que regulam o campo da ação dos sujeitos, criando vias de resistência para aqueles em busca de uma vida politicamente qualificada. (CARVALHO, 2021; BUTLER, 2018).

Castells (2013), por outro lado, compreende a transformação social tendo como características básicas a busca de autonomia e individuação dos sujeitos. Segundo o autor, o

processo de individuação é a tendência cultural que enfatiza os projetos do indivíduo como o princípio orientador soberano de seu comportamento; enquanto o conceito de autonomia refere-se “à capacidade de um ator social *tornar-se sujeito* ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p.168, grifo nosso). Assim, a transição da individuação para a autonomia ocorre por meio da constituição de redes sociais offline e online que permitem aos atores individuais construir sua autonomia nas redes de sua escolha.

Logo, compreendemos que os movimentos atuais, como o ciberativismo gordo, são formados “por uma rede de redes”, de múltiplas formas, ou seja, não apenas via redes de comunicação pela internet, mas também redes neurais entre seus participantes, redes dentro do próprio movimento, com outros movimentos do mundo todo, com toda a internet, com a mídia e toda a sociedade. Redes de sujeitos em busca de individuação, autonomia, por vias de resistência que possam promover uma “desprecarização” da vida, e mais do que isso, promover a busca de vidas politicamente qualificadas (CASTELLS, 2013; BUTLER, 2018), sendo o corpo um campo político.

3.2.1 Os ativismos em rede no contexto da nova ecologia midiativista

A utilização e conceituação do termo “mídia livre” ganhou força no início dos anos 2000, resignificando os conceitos pré-existent de mídia independente, mídia alternativa e mídia contra-hegemônica. Tendo como palco a emergência das redes sociais que deram acesso e visibilidade “aos novos sujeitos sociais e políticos que emergiram no Brasil, vindos das bordas, das periferias, das minorias” (BENTES, 2018, p.153). Essa proliferação e disseminação de informações no contexto pós-mídias de massa cria, segundo Bentes, uma nova ecologia, com uma quantidade muito grande de coletivos, redes, grupos e “perfis” - pessoas que individualmente começam a se ver e assumir como produtores relevantes de conteúdos, produzindo assim “um discurso cultural e político “fora de lugar”, que não vem da universidade, nem do Estado, da mídia corporativa ou de partidos políticos, colocando em cena novos mediadores e produtores de cultura.

O midiativismo⁶, a produção de engajamento e os influenciadores digitais passam a mobilizar um espectro de atores muito além dos espaços tradicionais, com o deslocamento do midiativismo os mais diversos campos e lutas (BENTES, 2018).

O movimento ativista ou ciberativista gordo se desenvolve assim nessa nova ecologia midiática, apresentada por Bentes, em um cenário de instabilidade política, contexto considerado por ela como preocupante e conflagrado, em que o debate e as políticas públicas de direitos humanos tornam-se alvos de hiperpolarização nas redes sociais, nas mídias e na sociedade em geral. Ao mesmo tempo, no entanto, a pesquisadora aponta que se trata de um contexto propício para se aprofundar, esclarecer e difundir princípios básicos em torno da defesa da diversidade e dos direitos de minorias.

Essa produção instantânea realizada por uma multidão heterogênea desloca os intermediários clássicos: a corporação jornalística, o jornalista profissional, as agências de notícias. Põe em xeque a “reserva de mercado” que existia para os formadores de opinião corporativos e aponta para outros modelos e campos, expandidos em que não se pode pensar o “homem” desconectado de suas próteses e dispositivos. A discussão que interessa é como as redes sociais, com sua miríade de singularidades e processos de subjetivação, rompem com a lógica da reprodução por meio da informação e da comunicação que neutraliza e domestica os acontecimentos, reduzindo a imprevisibilidade, conformando ao já sabido. Compreendendo que essa nova ecologia midialivrista já está acontecendo por meio desses coletivos, redes, grupos e perfis nas redes sociais, Bentes ressalta o fato de que essas pessoas individualmente começam a se ver e assumir como produtores relevantes de conteúdo. Para a autora, essa percepção de que a mídia somos nós, esse conjunto de singularidades que podemos acessar, com quem podemos interagir e trocar realmente é uma mutação antropológica (BENTES, 2018, p.162).

De acordo com a pesquisadora, a produção contínua de conteúdo interativos nas redes sociais gera um engajamento constante com os diversos atores dos movimentos, incluindo os influenciadores digitais, promovendo um deslocamento dos ativismos para muito além dos espaços tradicionais expandido seus campos e lutas para uma nova forma de fazer e existir:

⁶ Para os pesquisadores Antônio Augusto Braighi e Marco Túlio Câmara (2018) o conceito de midiativismo é complexo mas é decisivo compreender que diz respeito sobretudo à postura e lugar que o indivíduo ocupa como midiativista ao se posicionar como mediador dos acontecimentos em curso, registrando a sua narrativa ao invés dessa ação ser feita por instituições, grupos de mídia ou coletivos. Diferente do ativismo em rede, que sempre se utiliza dos dispositivos tecnológicos e da Web para a sua reprodução (ou seja, sem a internet, não existe como conceito), o midiativismo possui uma função de mídia no interior da militância, revigorando as causas por meio daquilo que é transmitido, registrando o que acontece mas não determinando as situações

Nesse contexto, as ações e o campo midiativista, para além do número de seguidores em páginas e canais, passam a ser medidos pelo “engajamento” – o total de interações que uma página/canal possui: a soma de seguidores, curtidas, comentários e compartilhamentos de todos os usuários que constroem um campo de influência, disputa e ação. (BENTES, 2018, p.158)

Para a pesquisadora, a popularização e massificação das redes sociais a partir dos anos 2000 e especialmente nos anos 2010, fizeram surgir os novos conceitos pós-mídias de massa que fortalecem a ideia de uma nova linguagem interativa, como a mídia-multidão, o midialivrismo e a memética, alterando a percepção dos processos comunicativos em curso:

É como se as pessoas, munidas de um gerador de “memes”, de um vídeo no YouTube, uma *timeline* e uma conta no Twitter, tornassem-se editorialistas de suas próprias crenças, falando para as bolhas do Facebook, para seus seguidores, seus iguais. Uma audiência capaz de validar e cancelar o que é dito, produzindo pertencimento e identificação, ou o ódio e uma guerra memética impermeável, em que não há perdedores, pois ninguém se ouve e todos têm razão. Trata-se de uma nova forma de produção de consenso, por cliques, likes, compartilhamentos, anuência que cria uma comunidade imaginada de iguais, no momento em que as instituições produtoras de consenso entraram em crise de credibilidade: a justiça, a mídia, a escola, os políticos, a própria ciência (BENTES, 2018).

2.3 Breve histórico dos movimentos sociais de aceitação corporal

Nesta perspectiva das trocas sociais, é necessário observar também a importância dos feminismos em rede - e de seu papel basilar - na construção dos ativismos em rede que constituem o movimento ciberativista gordo. Segundo Felgueiras (2017) o movimento feminista brasileiro atual é múltiplo, com lutas muitas vezes semelhantes, mas com grupos e estratégias diferentes em busca dos caminhos para a igualdade, “com jovens militantes que foram criadas já na era digital e que compreendem o alcance desta ferramenta de comunicação e sabem muito bem como utilizá-la” (FELGUEIRAS, 2017, p.119). Sendo assim, o ciberfeminismo contemporâneo é caracterizado pela ampla divulgação do pensamento feminista pela internet via ativismo digital.

Segundo as pesquisadoras dos movimentos feministas brasileiros, Olívia Perez e Arlene Ricoldi (2019), a grande expansão digital do movimento feminista se deu a partir do início da década de 2010 - mais especificamente, no Brasil, a partir das jornadas de junho em 2013 - por meio de blogs, sites e redes sociais, criando uma comunidade de mulheres ciberativistas: “Assim, ideias feministas antes restritas a pequenos grupos tomam grandes

proporções [...] possibilitando a construção de identidades feministas entre as usuárias das redes”. (PEREZ; RICOLDI, 2019, p.17).

Dessa forma, nas novas dinâmicas ciberativistas do movimento feminista na internet, diferentes pautas ganham disseminação nas redes sociais e a ideia da diversidade corporal em diálogo com o tensionamento do ideal de corpos padronizados, leva aos necessários questionamentos e problematizações sobre o corpo feminino.

O debate não é novo, mas sua abrangência sim. Naomi Wolf (1992) inaugurou a reflexão sobre a armadilha da beleza, que constrói uma “narrativa de escolhas”, em que fatores sociais, segregacionais, financeiros e relacionais pressionam as mulheres a se submeterem a intervenções e se adequarem às normas estéticas, legitimadas e reproduzidas à exaustão pelas tradicionais instituições sociais: a mídia, a família, a escola, entre outras.

De acordo com Nogueira (2021), nestes conflitos identitários podemos encontrar uma trilha para compreender a eclosão do movimento *body positive* nos Estados Unidos no final dos anos 1990, cenário que deu impulso a um movimento de aceitação corporal que seria o embrião do ciberativismo gordo situado nas novas TICs.

Podemos demarcar a fundação do instituto *The Body Positive* em 1996, pelas norte americanas Connie Sobczak e Elizabeth Scot, como o princípio da comunicação mais direta das mensagens de aceitação corporal, promovendo cursos e workshops, divulgando materiais e dando suporte a pessoas marcadas pelo processo de discriminação. Para além da criação de uma comunidade onde mulheres pudessem buscar recuperação para sua autoestima com discursos em contraposição às mensagens constantes e sufocantes divulgadas por toda a grande mídia que reproduzia o mito da beleza e encorajava as mulheres a uma constante guerra contra seus corpos (THE BODY POSITIVE, 2019).

No entanto, é importante observar que o movimento *body positive* norte-americano teve suas raízes no *fat liberation movement* (movimento da liberação do gordo), também conhecido como *fat acceptance movement* (movimento da aceitação do gordo), que ocorreu durante a segunda onda do feminismo no final da década de 1960. Assim, durante a chamada terceira onda do feminismo do norte global, o *fat liberation movement* ganhou influência, levando à discussão pública questões sobre biopolíticas e a discriminação contra corpos gordos, abrindo assim caminho para movimentos como o *body positive* (CWYNAR-HORTA, 2016).

O que se pode perceber é que a partir de sua eclosão nos anos 1990, o movimento *body positive* seguiu sendo explorado e discutido nos nichos dos movimentos feministas, mas

foram as TICs, em especial as redes sociais digitais, as responsáveis pela proliferação dos conceitos de aceitação corporal, gordofobia, positividade corporal, opressão e violência dos padrões estéticos, da mesma forma que ocorreu com a divulgação e espalhamento de outros conceitos feministas (PEREZ; RICOLDI, 2019; RANGEL, 2020) .

No Brasil podemos considerar que as bases do movimento ciberativista de aceitação corporal foram lançadas pelos blogs com a temática *plus size* que começaram a ganhar força no início dos anos 2010. Tais iniciativas pegavam carona na proliferação dos blogs femininos de moda e maquiagem juntamente com a nova demanda que tomava de assalto o mercado de moda: o nicho *plus size* (RANGEL, 2018). De acordo com Abrantes (2019), a história recente do ativismo gordo brasileiro é constituída inicialmente pela dinâmica instaurada pela moda *plus size* e suas representantes no cenário nacional, acompanhado pelos deslocamentos do uso da hashtag *body positive* (#bodypositive) nas redes sociais.

Essa movimentação toda vem ao encontro do que Naomi Wolf (1992) fala sobre a armadilha da beleza que constrói toda uma narrativa como se essas ações fossem escolhas, enquanto de fato podemos questionar que, será que não fossem pelos fatores sociais, segregacionais, financeiros e relacionais as mulheres se submeteriam a tantas interdições cotidianas e colocariam suas vidas em risco com tanta banalidade para se adequar às normas estéticas divulgadas, legitimadas e reproduzidas à exaustão pelas tradicionais instituições societais: a grande mídia, a família, a escola, entre outras.

Assim, a grande contribuição da massificação de conceitos de apropriação corporal, liberdade, e igualdade de direitos possibilitados pelos ativismos feministas, se revelam quando observamos o nascimento e crescimento do novo ciberativismo da aceitação corporal em rede. Para além das discussões do mito da beleza, dos aprisionamentos psíquicos e físicos experienciados pelas mulheres (WOLF, 1992), estas mobilizações possibilitam a ampliação das discussões sobre a apropriação corporal da mulher, suas liberdades e direitos individuais, sua atuação política como única autoridade sobre seu próprio corpo, ou seja, seu papel como sujeito em busca de autonomia.

Nesse sentido, enxergamos uma contranarrativa nos espaços da rede, na medida em que os movimentos de aceitação corporal e ativismo gordo geram identificação e uma importante estratégia de visibilidade. Na sequência, apresentamos de forma exploratória e dialogada com os conceitos previamente apresentados nos capítulos um e dois, nossas sujeitas de pesquisa que tem base na rede social Instagram: os movimentos *Corpo Livre* e *Vai Ter Gorda*.

2.4 O ciberativismo interseccional e imagético do Movimento Corpo Livre

O perfil do Instagram @movimentocorpolivre foi criado em janeiro de 2020 pela jornalista, escritora e ciberativista do movimento ativista gordo Alexandra Gurgel, pioneira na abordagem da gordofobia na internet brasileira e no uso da hashtag #corpolivre. São mais de 2.150 publicações no perfil, que traz hoje em sua linha editorial a produção e repostagem de conteúdos que incluem denúncias contra situações de gordofobia, incluindo a gordofobia médica; e a discussão de acontecimentos políticos da atualidade envolvendo a questão da diversidade corporal e o bem-estar feminino. A representação de corpos gordos e diversos em imagens diárias compartilhadas é um forte indício de contradição performativa realizada pelo perfil.

Gurgel iniciou seu trabalho como comunicadora em 2015 no YouTube no canal Alexandrismos que hoje possui um público de 495 mil seguidores, somando mais de 31 milhões de visualizações. No mesmo ano Gurgel estendeu seus vídeos e posts para outras redes, como o Instagram, criando um perfil de mesmo nome (@alexandrismos), que hoje conta com mais de 1 milhão de seguidores.

Formada em Jornalismo pela PUC-Rio, Gurgel lançou em 2018 o livro *Pare de se odiar*, pela Editora Record, com o objetivo de ajudar suas leitoras a “trilharem o caminho do amor-próprio e o da construção de uma autoimagem mais positiva, entendendo como a sociedade em que vivemos interfere diretamente na relação que temos com o nosso corpo”⁴.

Em 2015, no canal do Youtube e em seu perfil no Instagram, Gurgel começou a utilizar e difundir a hashtag #corpolivre, assim como o as ideias que a sustentam. De acordo com a jornalista, a expressão “corpo livre” é uma tradução livre do movimento body positive, que leva em conta a realidade brasileira e traz uma visão mais política do conceito. “O que queremos (...) é que todos os corpos tenham os mesmos direitos, respeito e acessos”, afirma Gurgel (2020, s.p). Sobre a difusão da hashtag #corpolivre e a criação do perfil @movimentocorpolivre, explica:

De forma resumida, o movimento *Corpo Livre* pretende ir além do meu trabalho. Sou uma pessoa só, tenho as minhas posições e opiniões. O movimento *Corpo Livre* é sobre pessoas, não é sobre mim, mostramos todos os corpos, é um movimento que já existe há quatro anos. Hoje existe na sociedade digital e vai existir na sociedade física, queremos quebrar padrões. Queremos mostrar que podemos ser livres, que a gente pode viver nosso corpo, todos os corpos. Mas isso é um processo, somos uma rede de apoio e queremos ir além da internet. (GURGEL, 2020, s.p)

Atualmente o perfil @MovimentoCorpoLivre possui 401 mil seguidores no Instagram, enquanto a hashtag #corpolivre apresenta mais de 560 mil publicações na rede social. Possui mais de 2.989 postagens publicadas. Desde a sua criação, o perfil passou por diversas mudanças e alterações. Além de Alexandra Gurgel, a Equipe Corpo Livre de criadores de conteúdo conta com: Berta (@bertaboechat), co-fundadora do Movimento Corpo Livre, mulher gorda e trans, e Caio (@caiorevela), homem gordo e LGBTQIAP+, além de uma série de profissionais nos bastidores atuando nas áreas de redação, design, programação, branding, entre outras.

Figura 1 - Fotos da “Galeria corpo livre”



Fonte: Instagram – Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

O movimento ganhou força com a adesão coletiva e viralização de imagens de corpos das mais diversas cores, formatos, condição física, etnias e orientação sexual, que dialogam diretamente com a ideia da aceitação corporal e a luta antigordofóbica. O empoderamento feminino construído por meio do compartilhamento de centenas de fotos e imagens de corpos fora dos padrões é analisado pela pesquisadora Alômia Abrantes como um poderoso ato de apropriação do si mesmo:

Uma mulher que ao invés de cobrir-se, apertar-se em cintas, esconder-se em ângulos, passa a iluminar-se pelo flash das fotos, pelos posts inúmeros, alargando exponencialmente em bytes seu corpo de dobras, curvas, suas formas arredondadas e/ou assimétricas, mostrando-as em roupas que lhes são costumeiramente interditas pelas convenções ou desnudando-se delas, demarca, sem dúvidas, seu corpo como ato subversivo. Porém, é preciso destacar, o embate não está apenas no fora, pelo que se pode analisar mais de perto, acontece em seu próprio íntimo, cotidianamente, em uma luta também de fazer-se a si mesma, mais forte e apropriada de seu poder (ABRANTES, 2019, p.15)

A importância do poder das imagens é observada também por Castells (2013) como uma das características dos movimentos sociais em rede que se reflete na experiência do

movimento corpo livre. A influência das imagens é soberana, sendo estas “uma das mais poderosas ferramentas de mobilização dos movimentos” sociais, desenvolvendo inclusive um papel fundamental na viralização das informações, mobilizações e dos próprios movimentos (CASTELLS, 2013, p.162).

A viralização das imagens e a disseminação de informações exercem um papel fundamental neste novo contexto das TICs. Em dezembro de 2017, Alexandra Gurgel sofreu um ataque direto quando uma foto (figura 2) sua viralizou nas redes sociais por meio de uma piada gordofóbica emitida pelo apresentador Danilo Gentili em sua página do Twitter⁷.

Figura 2 - Alexandra Gurgel



Fonte: Instagram – Alexandrismos (2017, s.p)

A piada tinha Gurgel como alvo nela, ele dizia que “havia comido tanto na ceia natalina que achava que ficaria como essa mina aí” - publicando junto uma foto sorridente de Alexandra, de biquíni, em uma reportagem feita para o site da BBC Brasil⁸, cujo tema era justamente a gordofobia e a patologização das pessoas gordas. No Twitter, o apresentador também xingou a ativista dizendo que ela era “chata”. Em resposta ao apresentador, a ativista, se posicionou em um vídeo em seu canal:

O mundo para quem é minoria já é chato há muito tempo. Nunca foi divertido sofrer preconceito. Nunca foi legal ser marginalizado. Nunca foi motivo de riso ser expulso de casa, ser maltratado, ser visto como doente, ser visto como desprezível. Nunca foi divertido para a gente. Agora que a gente está tendo visibilidade, está tendo espaço, está começando a ficar um pouco mais legal o mundo, porque esses assuntos estão vindo à tona. [...] Foi por causa da gordofobia que tentei me matar e eu nem sabia que essa palavra existia, e a dois anos atrás eu escolhi viver a minha vida lutando para me amar [...] meu corpo não é mais questão para minha vida. Ser magra não é mais a questão da minha vida, ser magra não é mais uma questão para eu começar a viver. (GURGEL, 2017, s.p)

⁷ Reportagem sobre ataque gordofóbico de Danilo Gentili no Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,youtuber-responde-piada-considerada-gordofobica-de-danilogentili,70002132227>

⁸ Reportagem da BBC que inclui a foto de Alexandra Gurgel, intitulada “A gente não quer mais ser visto como doente: a vida de quem é alvo de gordofobia”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>

Como observa Abrantes (2019), Alexandra mobiliza nas suas respostas diversas questões que se ligam ao controle dos nossos corpos, às pressões estéticas que provocam distúrbios alimentares e psicológicos, discriminação e isolamento social que desestabilizam sobremaneira as vivências de uma mulher fora do padrão imposto. Ademais, a foto de biquíni ainda revela as interdições, repressões e castrações sem fim que as mulheres se impõem pelo simples fato de serem gordas. “Ser magra não é mais uma questão pra eu começar a viver”, ela afirma no vídeo (GURGEL, 2017, s.p).

A resposta da jornalista parte justamente da sua experiência, que é uma marca dos ativismos em rede. “Sua fala aborda as diversas restrições na forma de vestir-se, de lugares a ir e ocupar no cotidiano, de imagens representativas positivas, de segurança no campo afetivo e sexual, e na própria concepção de direito ao alimento” (ABRANTES, 2019, p. 12).

A manifestação de Gurgel, por sua vez, também viralizou e ecoou para além de seus seguidores nas redes sociais, como demonstra a reportagem da Revista Cláudia⁹, intitulada “Internautas se mobilizam após comentário gordofóbico de Gentili”. De acordo com a reportagem, “internautas passaram a compartilhar experiências de gordofobia pelas quais passaram com o uso da hashtag #GordofobiaNãoÉPiada”.

Desde este primeiro movimento, com a ofensa pública de Gentili à Gurgel, a hashtag #gordofobianãoépiada seguiu sendo utilizada, e ultrapassou as 120 mil publicações, apenas no Instagram.

As hashtags são uma das estratégias ciberativistas que dão força ao movimento, viralizando como slogans e servindo como etiquetas de mobilização. No caso da gordofobia, pauta até então vista como uma causa secundária no movimento feminista, a causa começa a ganhar visibilidade por meio de páginas feministas e perfis pessoais, divulgando noções das diversas formas de discriminação ao corpo gordo, que, muitas vezes, reforçam estereótipos, estabelecem bloqueios de acessos à ocupação das cidades e ao direito de ir e vir; e impõem às mulheres gordas e seus corpos, situações degradantes, de “desvalorização, estigmatização e hostilização” (RANGEL, 2019).

Castells (2013) também elenca outras duas características importantes presentes nos movimentos ciberativistas, que ecoam nessas mobilizações de aceitação corporal feministas: a não necessidade de uma liderança formal, pelo contrário sendo formado por redes abertas, horizontais.

Neste caso, por mais que a figura da Alexandra seja uma espécie de liderança, há muitas outras representantes de relevo no movimento ciberativista gordo, que segue em

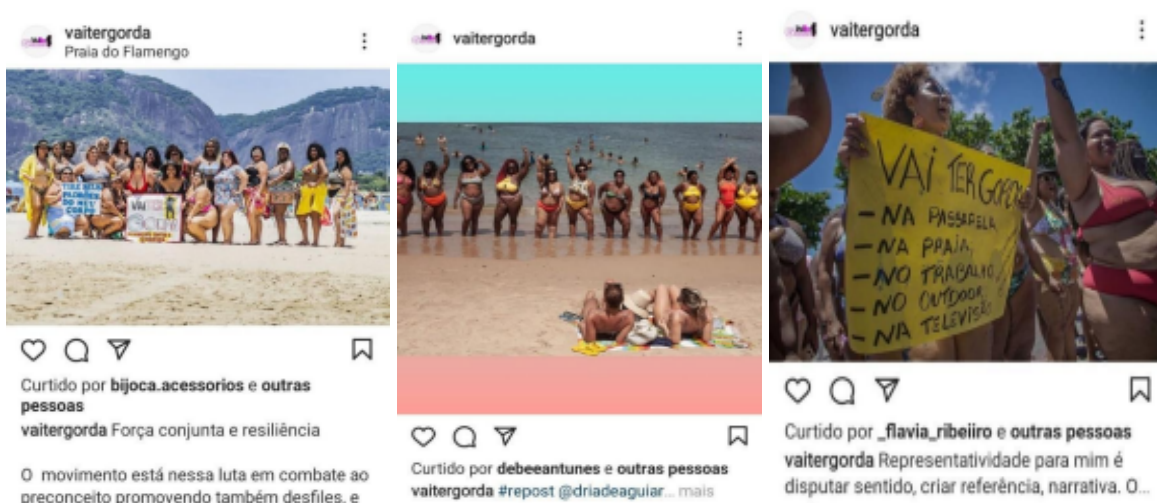
constante reformulação, atento às interações e ao nível de envolvimento das participantes, caracterizados tanto por uma fluidez em relação ao comprometimento ativista, em seus diversos níveis de comprometimento de energia e tempo do indivíduo, quanto à criação do que Castells (2013) chama de “espaços de autonomia”.

2.5 Movimento @vaitergorda e a criação dos espaços de autonomia

A partir do fluxo de informações em rede possibilita-se a construção de um movimento ciberativista que extrapola as redes sociais e ocupa os espaços urbanos. Dessa forma, por mais que a internet ocupe um lugar central na constituição das mobilizações ciberativistas, o movimento gordo ou de aceitação corporal tem vivenciado a ocupação do espaço urbano de maneira crescente, sinalizando para a importância do incômodo físico das estruturas vigentes.

Um exemplo disso é o movimento e perfil do Instagram Vai Ter Gorda!, cuja ação tomou pela primeira vez a Praia do Farol da Barra (BA) em 2016 num ato político de apropriação do espaço público, levando mulheres gordas de biquini a se manifestarem e ocuparem a praia com faixas e cartazes deixando claro que a praia é para corpos de todos os tamanhos (ver figura 3).

Figura 3 - Fotos compartilhadas no perfil Vai ter Gorda, mostrando ações do movimento pelo Brasil



Fonte: Instagram – Vai ter Gorda (2016, s.p)

Segundo as palavras da ativista, produtora e modelo *plus size* Adriana Santos⁹, fundadora do movimento, além de estimular as mulheres gordas irem à praia, independente da aprovação ou não da sociedade e a respeitarem e valorizarem seus corpos, o objetivo da ação também consiste na luta pelo acesso ao trabalho, mobilidade e saúde digna das mulheres gordas:

O marco é abrir o diálogo sobre a gordofobia de forma mais atuante. Hoje a gente vê uma elevada discussão sobre a gordofobia dentro de faculdade e escola, além das redes sociais. (...) O coletivo pontua a necessidade de um dia que a gente possa promover ações afirmativas de valorização da pessoa gorda com o apoio de secretarias e órgãos públicos. A gente entende que há uma necessidade de ser uma luta legitimada pelo poder público. Nosso principal objetivo nas nossas ações é movimentar a sociedade para um reconhecimento dos nossos direitos e respeito. Isso é o que a gente quer.(SANTOS, 2022)

O perfil @vaitergorda no Instagram possui 14.770 seguidores, com mais de 770 posts publicados (levantamento realizado durante a coleta de dados em outubro de 2022). O Vai Ter Gorda posiciona-se como um movimento ativista, mas também um coletivo de mulheres, que reúne voluntárias nas ações que organiza. Entre elas, manifestações nas praias e nas ruas, rodas de conversa e palestras e workshops de conscientização, levando as mobilizações para além das redes.

Para Castells, essa força ativista que leva as mulheres a saírem das redes, apesar de todos os seus medos e receios, e ocupar os espaços, pode ser compreendida a partir do conceito de marcos motivacionais. O sociólogo avalia que quando o processo comunicativo em rede é desencadeado, ele possibilita uma ação coletiva geradora de mudanças, entrando em cena a mais poderosa das emoções positivas motivacionais: o entusiasmo. Dessa forma, "indivíduos entusiasmados, conectados em rede, transformam-se num ator coletivo consciente" (CASTELLS, 2013, p.158).

De acordo com a pesquisadora Katarini Miguel (2015), as emoções desempenham um papel fundamental na dinâmica dos movimentos sociais, sendo um dos marcos motivacionais capazes de gerar e conduzir a conquista de participação e um grau maior de apoio:

Os sentimentos de indignação, injustiça, medo, esperança, vergonha e até mesmo a euforia são fatores de empoderamento dos movimentos. Um discurso bem construído, com forte carga emotiva, imagens impactantes, que esteja apto a evidenciar aspectos da realidade, causando raiva, ira, tem muito mais capacidade de motivação e de ressonância entre os potenciais seguidores do que uma comunicação racional. Por isso mesmo que, para difusão dos problemas e suas consequências, muitos movimentos sociais utilizam, por exemplo, o exagero e o viés sentimental para impulsionar o comportamento coletivo (MIGUEL, 2015, p.103).

⁹ SANTOS, Adriana. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/01/15/movimento-vai-ter-gorda-realiza-ato-na-orla-de-salvador.ghtml>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.

Porém, ainda que os eventos presenciais sejam uma forte característica destes movimentos, o caráter de estruturação e continuidade seguem tendo a internet como meio e base. E é justamente nesta ocupação contínua do espaço online e na insistente ocupação da cidade que o movimento encontra o seu “espaço da autonomia”.

Só se pode garantir autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação, mas, ao mesmo tempo, quando ela pode ser exercida como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar, ao reclamar o espaço da cidade para os cidadãos (CASTELLS, 2013, p.161).

Assim, encontramos nestes movimentos uma verdadeira rede de mulheres gordas, atuando em diversas frentes: páginas, perfis pessoais, coletivos, organizações midiativistas que se relacionam e comunicam entre si, entre suas organizações, abrem o diálogo e se posicionam perante a mídia e a sociedade. E seguem se conectando por meio de postagens, curtidas, compartilhamentos, interação e através da ocupação dos espaços urbanos.

3 - ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL DOS PERFIS @MOVIMENTOCORPOLIVRE E @VAITERGORDA

Neste capítulo faremos uma apresentação geral sobre o procedimento metodológico a ser utilizado em nossa pesquisa, a Análise de Conteúdo (AC) categorial. Primeiramente, trataremos da definição da técnica, buscando localizar entre as várias definições disponíveis aquela que mais se adequa ao nosso trabalho. Para isto iremos utilizar como principal referencial teórico os autores Sampaio e Lycarião (2021).

Em seguida, apresentaremos os dados quantitativos e qualitativos produzidos a partir de nosso levantamento. O período a ser pesquisado empiricamente contempla 45 dias, entre “15 de setembro de 2022 e 31 de outubro de 2022”. A data escolhida foi a mais recente possível, dentro do período de desenvolvimento da dissertação, para que pudéssemos obter dados atualizados e acompanhar as postagens de maneira mais instantânea. As postagens de setembro foram coletadas durante o mês de outubro de forma retroativa, enquanto as postagens de outubro foram coletadas durante o final do mês de outubro e início do mês de novembro.

Sobre a AC categorial é importante observar que em muitos casos, ao analisarmos os dados coletados, verificamos que se encaixavam em mais de um código categorial (ver “categorias” abaixo). Nesse sentido, o protocolo seguido, como recomendado por Sampaio e Lycarião (2021) foi analisar a postagem e verificar entre os códigos aquele que mais se destacava.

3.1 Contextos e conceito do procedimento metodológico

De acordo com Sampaio e Lycarião (2021) as técnicas de catalogar e analisar textos para os mais diversos propósitos datam de séculos, no entanto, há um consenso, de que as primeiras aproximações de uma técnica científica foram voltadas inicialmente para análises quantitativas dos jornais, rádios e influência das mídias massivas a partir de 1890. Sendo que após essa fase a AC surge nos períodos das Grandes Guerras do século 20, nas comunicações políticas, para suprir uma necessidade de mensuração dos padrões das mensagens midiáticas e propagandas de guerra, assim:

Para além da avaliação das mensagens mediáticas adversárias, preocupava-o os possíveis efeitos das mensagens dos meios de comunicação de massa nas pessoas. Para analisar essas mensagens, a técnica da análise de conteúdo quantitativa foi, então, largamente utilizada e aperfeiçoada. Não obstante seu surgimento no campo da comunicação política, a análise de conteúdo tornou-se uma técnica bastante difundida em toda a área de humanidades (...). Diante desse cenário, é seguro afirmar que a análise de conteúdo tem grande capilaridade na ciência brasileira, tendo sido aplicada em um considerável número de estudos em diferentes áreas (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p.6-7).

No entanto, ainda hoje, nas pesquisas brasileiras ainda há poucos estudos que buscam compreender a aplicação da análise de conteúdo (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). Nesse sentido, Laurence Bardin (2016) é a autora mais referenciada, no livro “*Análise de Conteúdo*”, lançado nos anos 70 e ainda em 1ª edição apresenta os passos que devem ser seguidos pelo pesquisador para uma análise científica. Nele, a autora explica de forma pedagógica: “a técnica consiste em classificar diferentes elementos nas diversas ‘gavetas’ segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido dentro de uma ‘confusão’ inicial” (BARDIN, 201, p. 48).

O método apresentado por Bardin além de didático e acessível é rico em detalhes. Em sua visão, as etapas de uma análise de conteúdo científica deveriam conter: a pré-análise dos dados coletados; exploração do material e por fim o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Dessa forma, a definição de Bardin sobre a AC ou variações dessa definição, constitui em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 48).

Outro teórico amplamente citado em pesquisas brasileiras de AC é Martin W. Bauer. Para Bauer, a AC é uma técnica híbrida, tendo características tanto quantitativas quanto qualitativas, produzindo “inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada” (BAUER, 2007, p. 191 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p.14-15). Dessa forma, a técnica não pode ser vista como exclusivamente quantitativa, definindo a metodologia de forma mais objetiva, ainda que aberta pois se trata de uma metodologia que objetiva criar inferências válidas e replicáveis de textos (ou outro conteúdo significativo) para os contextos de seu uso (KRIPPENDORFF, 2004 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

Em nosso contexto, em que iremos analisar dois perfis do movimento ciberativista gordo da rede social, Instagram, uma das definições da AC que mais se aproxima a nossos objetivos é aquela apresentada por Downe-Wamboldt, que afirma que:

A análise de conteúdo é um método de pesquisa que providencia meios objetivos e sistemáticos para fazer inferências válidas de dados verbais, visuais ou escritos para descrever e quantificar fenômenos específicos. Infelizmente, para alguns pesquisadores, validade científica é igualada a quantificação [...] Análise de conteúdo é mais que um jogo de soma; ela se preocupa com significados, intenções, consequência e com o contexto (WAMBOLDT, 1992, p.314 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p.16).

No entanto, apesar de admitir que a AC não se trata apenas de um jogo de soma, o autor ainda a define como necessariamente quantitativa. Por essa razão a conceituação de análise de conteúdo categorial que utilizaremos aqui como referência é dos autores Sampaio e Lycarião, que compreendem a técnica como quantitativa e qualitativa:

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. (SAMPALIO; LYCARIÃO, 2021, p.18)

Além disso, segundo os autores, como procedimento metodológico de pesquisa, a análise de conteúdo precisa, necessariamente, estar assentada em três princípios básicos da ciência, para ser aplicada, a saber: validade, confiabilidade e replicabilidade. Para os quais todo pesquisador deve observar com primazia.

Assim, a análise de conteúdo categorial é uma técnica de pesquisa que busca permitir a criação de inferências sobre determinado conteúdo. Para chegar a esse objetivo, os pesquisadores realizam a codificação do conteúdo, fazendo a aplicação de códigos, que vão formar categorias.

3.2 Códigos e Categorias

a) Códigos

O código é o elemento essencial da AC é uma palavra ou frase curta que irá funcionar como um rótulo ou etiqueta e assim conferir um atributo essencial, evocativo, relevante ao dado coletado. Um código geralmente resume, filtra ou condensa dados de acordo com os interesses de pesquisa. Usamos os códigos para classificar, qualificar e até mesmo registrar partes do conteúdo de acordo com os objetivos da pesquisa (SAMPALIO; LYCARIÃO, 2021).

b) Codificação

Codificar é a ação que permite ao pesquisador organizar e agrupar os dados coletados em categorias ou famílias pelo compartilhamento de suas características (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). Não se trata, então, apenas de etiquetar o conteúdo, mas de conectar o pesquisador dos dados às ideias e estas ideias a todos os dados pertencentes relacionados a ela a um tipo de sistema, classificação ou categorização. A codificação permite que os dados sejam separados, reagrupados e reconectados pelo pesquisador para consolidar a pesquisa.

c) Categorias

Na análise de conteúdo categorial, a codificação ocorre pela aplicação de códigos contidos em categorias, dessa forma, os códigos são agrupados em categorias ao serem relacionados em termos de conteúdo ou contexto. Para Sampaio e Lycarião (2021) elas permitem que o pesquisador descreva o fenômeno em investigação aumentando o conhecimento e gerando conhecimento.

Para nossa coleta de dados foi selecionado o período de 15 de setembro de 2022 a 31 de outubro de 2022, totalizando 46 dias de postagens tanto no perfil @movimentocorpolivre quanto no @vaitergorda na rede social Instagram. Assim, na nossa codificação, a primeira categoria é a “Data”.

As categorias “Legendas” e “Resumo da postagem” tem como principal objetivo o registro e tratam especialmente dos conteúdos dos posts. As “Legendas” registram os textos que acompanham as imagens ou vídeos publicados. O “Resumo da Postagem” explana de forma sucinta do que se trata o post, considerando especialmente que há casos em que o conteúdo não fica claro apenas com a leitura das legendas.

Na categoria “Formato de post” nós classificamos os posts em relação aos seus processos comunicativos. Os códigos irão classificar as postagens em: Vídeo, Texto, Foto, Ilustração ou uma combinação de dois desses elementos, por exemplo, Vídeo+Texto ou Ilustração+Texto quando for o caso. Nesta categoria também apontamos se a postagem é um conteúdo próprio - feito originalmente, ou uma repostagem de outro perfil (#respost) ou uma colaboração (#feat.) com outro perfil/influenciador(a).

Temos uma categoria que trata especificamente da intenção das postagens, para que possamos através dela inferir o intuito do perfil no contexto geral e dos posts que estamos investigando. Nela podemos categorizar cada postagem como: Ativista; Motivacional; Engraçada/meme; Educativa ou Informativa.

A categoria “Tema principal” é a que traz alguns dos códigos mais caros à nossa pesquisa, pois ela irá apontar se realmente o perfil escolhido trata do assunto pesquisado e quais outros temas são transversais a ele em nossos objetos de estudo. Os códigos dessa categoria são: Conscientização/denúncia sobre gordofobia; Saúde & bem-estar; Educação política sobre diversidade corporal; Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/ denúncia sobre a indústria performativa da magreza; Exposição do corpo gordo; Autoestima/Amor-próprio; Feminismo e Outros.

A “Causa principal” aponta quais outros marcadores atravessam estes perfis para além do ativismo gordo. Nela temos os códigos: Ativismo gordo; Feminismo; Ativismo Antirracista; Ativismo Anticapacitista, Ativismo LGBTQIAP+; Antietarismo; Autoestima; Saúde Mental; Outros.

As categorias “Interação” e “Hashtags” também estão muito relacionadas aos processos comunicativos dos perfis pesquisados. Com a ajuda dos números de reações, interações e comentários, disponibilizados pelo Instagram, é possível observar quais assuntos, temas e até mesmo imagens provocam mais o engajamento dos usuários.

Nesse sentido, é importante salientar que desde 2021 o Instagram disponibilizou a ferramenta que permite aos usuários e perfis ocultarem as suas curtidas e, recentemente, em 2022, outra ferramenta que permite que os usuários ocultem suas interações (marcador que reúne todas as interações globais como compartilhamentos, comentários, pessoas que viram o vídeo, etc.). Esta observação também consta na nossa coleta de dados. Em contrapartida, os comentários ganharam cada vez mais peso na rede social e seguem disponíveis.

E na categoria “Hashtags” registramos e segregamos as hashtags que aparecem nos textos das legendas de cada perfil, com o objetivo de analisar posteriormente quais são mais constantes e utilizadas pelos perfis, e como se relacionam com nossa pesquisa.

Em suma, nossa categorização se compôs da seguinte forma (o levantamento completo está nos apêndices desta dissertação):

- Data
- Legenda
- Resumo da Postagem
- Formato de Post: Vídeo; Texto; Foto; Ilustração. / Conteúdo Próprio; Repost; Colaboração.
- Intenção do Post: Ativista; Motivacional; Engraçado (meme); Educativo; Informativo.
- Tema principal: Conscientização/denúncia sobre gordofobia; Saúde & bem-estar; Educação política sobre diversidade corporal; Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/ denúncia sobre a indústria performativa da magreza; Exposição do corpo gordo; Autoestima/Amor-próprio; Feminismo e Outros.
- Causa principal: Ativismo gordo; Feminismo; Ativismo Antirracista; Ativismo Anticapacitista, Ativismo LGBTQIAP+; Antietarismo; Autoestima; Saúde Mental; Outros.
- Interação
- Hashtags

3.3 Análise dos dados quantitativos do perfil Movimento Corpo Livre

a) Data

No período pesquisado - de 15 de setembro de 2022 a 31 de outubro de 2022 - o Movimento Corpo Livre publicou 119 posts na Rede Social Instagram. Observamos que do dia 15 ao dia 22 de setembro o perfil publicava em média dois posts por dia. A partir do dia 23 de setembro a média de posts saltou para três por dia. Um número relevante considerando que, segundo uma pesquisa global da Hootsuite (2022), perfis de marcas costumam postar diariamente em média 1.6 posts.

Na nossa observação, essa mudança ocorre devido a um aumento das postagens de dois membros da Equipe Corpo Livre: Berta (@bertaboecat), co-fundadora do Movimento Corpo Livre, mulher gorda e trans, e Caio (@caiorevela), homem gordo e LGBTQIAP+ e também da colaboradora Lara Cunha (@eularacunha), mulher gorda e ativista. Os três produzem conteúdos com a ferramenta de “*featuring*” (colaboração), ou seja, que são

publicados ao mesmo tempo tanto no Movimento Corpo Livre quanto em seus próprios perfis. Dessa forma, a quantidade de posts tem um aumento considerável.

Uma ponderação importante é que o perfil Movimento Corpo Livre já está profissionalizado, executado por uma equipe de profissionais das áreas da comunicação e Tecnologia da Informação (TI) como redatores, designer, programadores de UX/UI¹⁰, profissionais de branding, diretora de conteúdo, entre outros, com a supervisão de Alexandra Gurgel.

Na nossa interpretação ter uma equipe como esta faz toda diferença na frequência de postagens, na qualidade do que está sendo comunicado nas postagens, na possibilidade de se estabelecer um posicionamento estratégico (como por exemplo, a série de postagens sobre atividade física com a hashtag #TimeCorpoLivre), além do estabelecimento de identidade da marca, na relação com o usuário tanto pela presença contínua na Rede quanto pela capacidade de interação nos comentários.

b) Legendas

As 119 legendas do perfil seguem um padrão de texto seguido por três ou quatro hashtags. A diferenciação está no tamanho do texto e uso de emojis.

Inferimos aqui que em ambos os perfis pesquisados, esses textos não repetem os conteúdos imagéticos ou em vídeo postados. Pelo contrário, via de regra, eles funcionam de forma complementar, sendo necessário o usuário ver o post (imagem ou vídeo) para entender a legenda (texto).

c) Formato de post

Em relação aos formatos de postagens, dos 119 conteúdos, 76 foram vídeos; 32 foram textos (cards); 10 foram fotos e uma ilustração. Ou seja, os conteúdos em vídeo ocupam 63,8% do total de posts no período. Esse grande contraste entre vídeos e fotos mostra que o perfil Movimento Corpo Livre está alinhado às mudanças que ocorreram na rede social.

¹⁰ O termo UX é utilizado na área de TI, no processo de utilização tanto do sistema de informação como um todo quanto de sua parte individual (site, aplicativo etc.), para descrever a atitude subjetiva que um usuário possui. No entanto, apesar da aparente simplicidade do termo, UX design é um processo complexo e ambíguo que inclui, além das etapas de análise e design, procedimentos pouco formalizados, como pesquisas, monitoramento do trabalho do usuário, testes de desempenho e análise de registro de atividades (KOMPANIETS; LYZ; KAZANSKAYA, 2020).

Em junho de 2021, falando aos usuários sobre mudanças por vir, o CEO¹¹ do Instagram, Adam Mosseri¹², ressaltou que o Instagram não é mais um aplicativo de compartilhamento de fotos quadradas, como no início, ou de fotos normais, como passou a ser depois. “O vídeo está gerando um crescimento imenso em todas as grandes plataformas [...]. Na última semana, compartilhamos internamente o que estamos fazendo para entrar nessa temática e há uma competição muito séria agora: TikTok é enorme, YouTube é ainda mais e há várias outras opções também”, relatou o CEO. Desde então, por seguidas vezes o CEO confirmou que os algoritmos do Instagram estavam sim priorizando os vídeos (incluindo os “reels”).

No que diz respeito à origem, o conteúdo está um pouco mais equilibrado, considerando que 38 dos posts são colaborações, 37 são reposts e 44 são postagens de conteúdo próprio. Os conteúdos próprios são do tipo “texto” (cards), vídeos ou fotos com a fundadora do perfil, Alexandra Gurgel ou com o chamado “Time Corpo Livre”, formado por Alexandra e os colaboradores citados anteriormente (Berta, Lara e Caio), que têm como objetivo promover atividade física e bem-estar para pessoas gordas ou fora do padrão corporal hegemônico. No entanto, chama a atenção a presença majoritária do influenciador Caio Revela (@caiorevela). A questão será discutida na análise qualitativa.

Em uma perspectiva comparativa, tendo em vista que o perfil Movimento Corpo Livre, possui uma equipe profissional dedicada a ele, a quantidade de reposts pode ser considerada bastante alta, assim como a de colaborações, sendo que esses dois juntos somam mais que o dobro de conteúdos próprios, como vimos anteriormente.

d) Intenção de post

Em relação à intenção, entre os 119 posts, 65 foram codificados como ativistas; 35 como motivacionais; 11 classificados como engraçados/memes; 5 como educativos e 3 como informativos.

Os números revelam sobretudo a atuação ciberativista do perfil, levando em conta que 54,6% das postagens são de intenção ativista. Seguidas pelas postagens motivacionais que ocupam 29,4%, postagens informativas que na nossa categorização aparecem com apenas 2,5% não são comuns, no entanto é muito importante observar aqui que, as notícias e

¹¹ *Chief Executive Officer*, é diretor-executivo, termo utilizado para definir a pessoa por trás da direção da empresa.

¹² MOSSERI, Adam. Disponível em: <https://blog.hootsuite.com/instagram-statistics/> Acesso em 26 dez 2022.

acontecimentos veiculados na mídia que tem relação com a gordofobia ou o ativismo gordo são comentados pelo perfil, mas esta comunicação não costuma ocorrer por um viés informativo e neutro, mas sim opinativo e ativista.

e) Tema principal

Entre os temas principais das postagens temos oito códigos classificatórios de nossos dados. Entre a totalidade de postagens inferimos, considerando a pauta que se sobressaia, sendo:

- 30 posts com o tema “Conscientização/denúncia sobre gordofobia”;
- 25 posts com o tema “Saúde e Bem-estar”;
- 21 posts com tema “Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/ denúncia sobre a indústria performativa da magreza”;
- 18 posts com o tema “Educação política sobre diversidade corporal”;
- 7 posts com o tema “Autoestima/ Amor-próprio”;
- 6 posts com o tema “Feminismo”;
- 3 posts com o tema “Exposição do corpo gordo”;
- 9 posts com o tema “Outros”.

Os números nos revelam mais uma vez a atuação primordial do perfil no ciberativismo gordo, não apenas na conscientização da gordofobia, mas na denúncia sobre os perigos da busca a qualquer custo pelo padrão ideal de beleza e pela performatividade da magreza. Os posts dentro do tema “Saúde e Bem-estar” discursam principalmente sobre o direito da pessoa gorda e muito gorda a uma vida qualificada, encorajando-as a fazer atividades físicas periodicamente - dentro de suas possibilidades, assim como de ir à academia, à praia ou à piscina com seus corpos atuais, ou seja, reivindicar seu status de sujeito (BUTLER, 2019), ocupando espaços e frequentando ambientes que antes eram interditados ao corpo gordo.

Em “Educação política sobre diversidade corporal”, encontramos duas (2) postagens que falam sobre o corpo gordo. Neste código em sua maioria encontramos postagens sobre o ativismo anticapacitista (5); antirracista (3); ativismos LGBTQIAP+ (6) e antietarista (6).

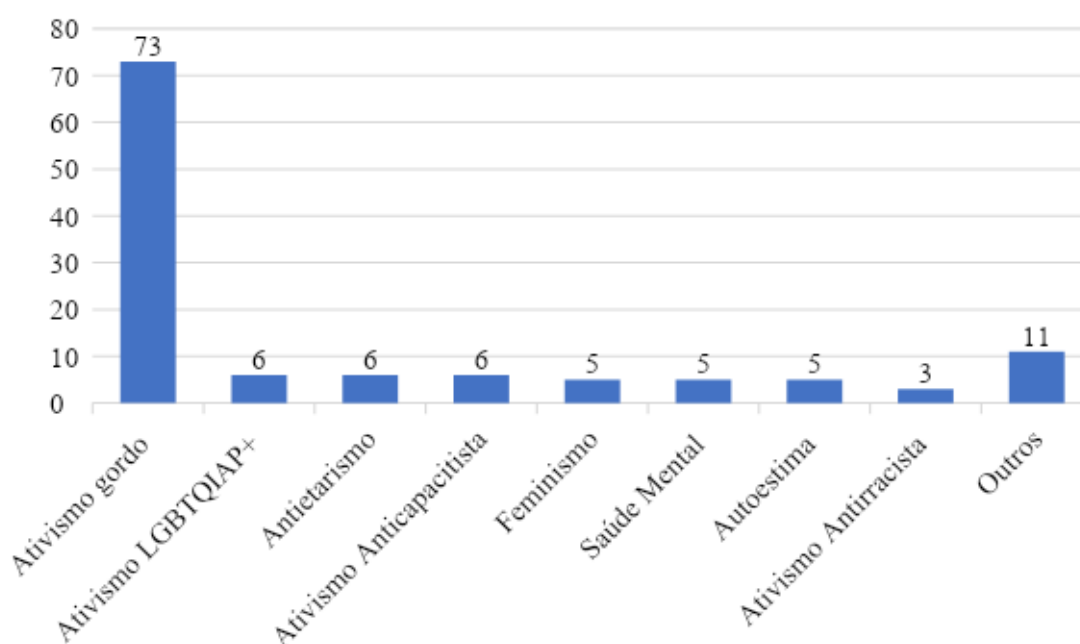
Assim, pudemos inferir que os marcadores “Conscientização/denúncia sobre gordofobia”; “Saúde e Bem-estar”; “Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo/ denúncia sobre a indústria performativa da magreza” e “Exposição do corpo gordo” se relacionam

diretamente ao ciberativismo gordo e somam juntamente 79 postagens, isto é, 66,3% do conteúdo do perfil.

f) Causa principal

Em relação à causa principal dos conteúdos publicados no período, o ativismo gordo abrange 73 posts, de um total de 119 postagens, ou seja, 61,3% das publicações. No entanto há outras bandeiras ou ativismos reconhecidos nas postagens:

Gráfico 1 – Causa principal identificadas nos posts do perfil Movimento Corpo Livre



g) Interação

A categoria interação tem um diferencial, pois a princípio teríamos nela três códigos: “comentários”; “curtidas e interações”; e “reproduções”, sendo esta última exclusiva das postagens em formato de vídeo. No entanto, com as mudanças recentes implementadas pelo Instagram, os usuários se tornaram capazes de habilitar o recurso de ocultar as “curtidas e reações” (inclusive dos vídeos) tornando estes números privados e fora de alcance. O colaborador aplicou este recurso, nos privando das informações, posteriormente o próprio perfil Movimento Corpo Livre também ocultou estes números.

Dessa forma, iremos analisar os “comentários” que são interações presentes e públicas em todas as postagens, e também o código “reproduções” que se refere aos posts em formato

de vídeo, levando em conta também o fator relevante de que 63,8% dos conteúdos postados estão neste formato, como pode ser observado nos quadros 1 e 2 a seguir:

Quadro 1 - Vídeos com maior número de reproduções

Data	Legenda	Resumo da postagem	Reproduções
19/09/2022	Kim Kardashian e as famosas estão emagrecendo e o culto à magreza parece não ter ido embora. Bora conversar sobre? #padraodebeleza #kimkardashian #corpolivre #y2k	Alexandra Gurgel fala sobre o novo momento em que Kim Kardashian e as irmãs aparecem mais magras que nunca e outras iniciativas da indústria de moda e do emagrecimento (da qual as Kardashian são garotas propagandas) trazendo de volta a cultura do corpo muito magro e sem curvas dos anos 2000. E as consequências dessas imagens e discursos na vida das mulheres e meninas.	1.081.520 reproduções
29/09/2022	Preparando o corpinho pra curtir a liberdade de um país para todos ♡ Mais alguém nesse mood pra domingo? 🔥♡🔥	Lula fazendo exercícios físicos numa academia e sorrindo.	734.675 reproduções
11/10/2022	Kanye West relaciona o amor-próprio a algo “demoníaco” e ataca a cantora Lizzo. Bora falar sobre? #corpolivre #bodypositive #lizzo #kanyewest	Alexandra Gurgel falando sobre episódio em que Kanye West é gordofóbico com cantora Lizzo e pessoas gordas em geral.	446.434 reproduções
03/10/2022	“Corpo livre é se amar onde você está na sua vida!” Precisa dizer mais? E mulheres, lembrem-se: vocês não precisam debater sobre os seus corpos com homem nenhum! #CorpoLivre via @karamoshow #bodypositivity #amorproprio #movimentocorpolivre	Vídeo do Programa do Karamo (EUA) em que uma mulher fala sobre o que é um corpo livre, enquanto é atacada por um homem gordofóbico.	403.326 reproduções
29/09/2022	E aí, me conta quantos dedos sobrou? Relembrando esse vídeo que gravei com o maravilhoso @klebiodamas! #corpolivre	Vídeo sobre situações que as pessoas gordas enfrentam no dia a dia.	217.589 reproduções
12/10/2022	Um rabaaaun passando pela sua timeline nessa manhã de quarta-feira 🍎 #corpolivre	Caio responde ao comentário: "Sua sunga é do tamanho de um cobertor..."	260.544 reproduções
25/10/2022	Fui obrigado a entender que, para que as pessoas não me machucassem, eu precisava fazer isso comigo mesmo primeiro. Alguém por aí também passou por coisa parecida?	POV (Ponto de vista) - Caio sendo "engraçado"...	259.360 reproduções

	#corpolivre		
28/10/2022	A falta de estrutura para pessoas g0rdas ainda é um ponto muito sensível pra mim. Eu esperava trabalhar e descansar um pouco nessa viagem mas acabei batendo de frente com o que mais temo... o desconforto. É claro que dói muito passar por isso, mas dói ainda mais ver @betaboechoat vivendo a mesma coisa. As dores são incontáveis, a vontade de ficar em casa pra sempre é grande, por medo de viver situações como essa. Mas por aqui seguimos, com lágrima nos olhos, mas a cabeça erguida por acreditar que em um futuro - espero que não tão distante - essas situações não ocorram mais com ninguém! #corpolivre	Caio tentando sentar numa cadeira, apreensivo.	217.066 reproduções
21/10/2022	Um sorriso vale mais que mil palavras! ✨💖 #CorpoLivre	Vídeo mostrando alegria de criança transgênera.	197.287 reproduções

Quadro 2 - Postagens com maior número de comentários

Data	Legenda	Resumo da postagem	Comentários
19/09/2022	Kim Kardashian e as famosas estão emagrecendo e o culto à magreza parece não ter ido embora. Bora conversar sobre? #padraodebeleza #kimkardashian #corpolivre #y2k	Alexandra Gurgel fala sobre o novo momento em que Kim Kardashian e as irmãs aparecem mais magras e outras iniciativas da indústria de moda e do emagrecimento da qual as Kardashian são garotas propagandas) trazendo de volta a cultura do corpo muito magro e sem curvas dos anos 2000. E as consequências dessas imagens e discursos, e pressões por um novo padrão corporal na vida das mulheres e meninas.	1509 comentários
29/09/2022	Preparando o corpinho pra curtir a liberdade de um país para todos ♥ Mais alguém nesse mood pra domingo? 🔥♥🔥	Lula fazendo exercícios físicos numa academia e sorrindo.	1470 comentários
12/10/2022	Um rabaaaun passando pela sua timeline nessa manhã de quarta-feira 🍓 #corpolivre	Caio responde ao comentário: "Sua sunga é do tamanho de um cobertor..."	685 comentários

11/10/2022	Verificado Kanye West relaciona o amor-próprio a algo “demoníaco” e ataca a cantora Lizzo. Bora falar sobre? #corpolivre #bodypositive #lizzo #kanyewest	Alexandra Gurgel, fundadora do perfil, falando sobre episódio em que Kanye West é gordofóbico com cantora Lizzo e pessoas gordas em geral.	556 comentários
19/10/2022	Será que realmente não somos dignos de respeito? Não cabemos na sociedade porque ela foi pensada para pessoas magras. Essa é a verdade. Assista ao vídeo e comenta aqui! Vamos conversar sobre. #corpolivre	Caio fala sobre o caso de gordofobia da Youtuber contra duas pessoas gordas no voo da American Airlines e a convivência da companhia e sociedade.	485 comentários
26/10/2022	Por mais que eu fale muito sobre sermos fortes, essas situações ainda são muito difíceis de viver. Dói muito ver os olhares das pessoas, ouvir os comentários. Vocês não estão sozinhos, essa luta é nossa! ❤️ A verdade é que enquanto isso tem gente recebendo dinheiro de companhia aérea porque ficou espremida entre duas pessoas gordas. Seguimos por aqui! #corpolivre	POV: Caio fala sobre a gordofobia numa viagem de avião.	464 comentários
10/10/2022	“Um gordo se amar é romantizar a obesidade.” Sério? Sou constantemente bombardeada por essas afirmações, não só do meu conteúdo, como também de amigos gordos criadores aqui da plataforma. Leio que eu romantizo sim a obesidade, apenas por estar aqui me amando e inspirando outras pessoas a se amarem também. Enquanto isso ainda temos aqui no Instagram aos montes o exato contrário do amor-próprio: dietas milagrosas, remédios que podem engatilhar transtornos alimentares e um universo de coisas em torno do emagrecimento a todo custo. Como pode isso ser normal, e nós nos amarmos não? O que vocês acham disso? #corpolivre	Alexandra, fundadora do perfil, fala sobre a questão da legenda.	450 comentários
21/10/2022	Um sorriso vale mais que mil palavras! ✨💖	Vídeo mostrando alegria de criança transgenera.	448 comentários

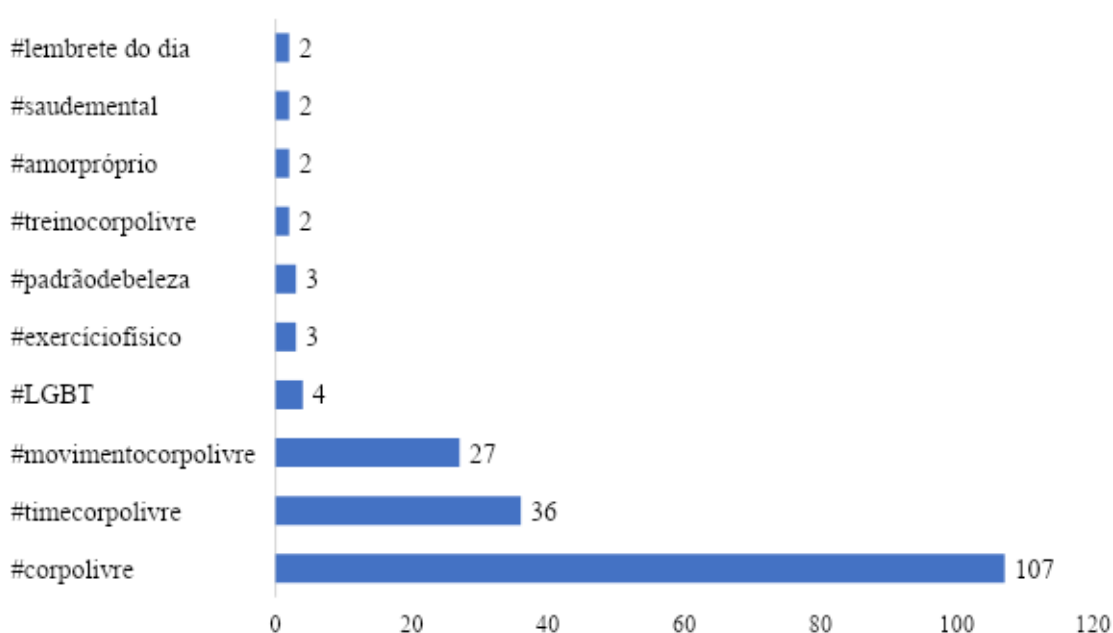
	#CorpoLivre		
29/09/2022	E aí, me conta quantos dedos sobrou? Relembrando esse vídeo que gravei com o maravilhoso @klebiodamas! #corpolivre	Vídeo sobre situações que as pessoas gordas enfrentam no dia a dia	390 comentários
22/10/2022	O que falta para que pessoas g0rda! possam receber atendimento digno e empático? Alguma vez você já se sentiu assim? Me conta! #corpolivre	Caio fala sobre gordofobia médica (POV).	344 comentários

h) Hashtags

Nessa categoria relacionamos as 10 principais hashtags utilizadas pelo perfil analisado no período pesquisado, assim como se pode ver no gráfico 2 abaixo, a hashtag #corpolivre foi a que teve mais que o dobro de menção.

Como muitos outros perfis do Instagram atentamos para o fato de que o perfil prioriza o uso da hashtag #corpolivre de forma emblemática, reforçando-a em seu discurso, incluindo a expressão em vídeos, legendas, cards, perguntas ao usuário e até mesmo encorajando o usuário a utilizar ele mesmo a hashtag em sua própria rede.

Gráfico 2 – Principais hashtags utilizadas pelo perfil Movimento Corpo livre



Do nosso ponto de vista, para além dos efeitos benéficos do marketing, com essa estratégia, o perfil de fato consegue criar um *movimento* ativista, como se pretende, tanto é que quando pesquisamos a Hashtag #corpolivre na pesquisa global do Instagram temos: 729.377 menções.

3.4 As inferências e interferências do perfil Movimento Corpo Livre: Análise qualitativa sob olhar da pesquisadora

A evolução do perfil 2020 – 2022

O @movimentocorpolivre passou por grandes alterações e algumas mudanças bastantes drásticas desde a sua criação no início de 2020. Estas mudanças afetaram diretamente a nossa pesquisa, nossos objetivos e nossa hipótese.

O principal motivo do perfil ser escolhido como objeto para esta pesquisa foi a percepção de um movimento, ou o início de um movimento de mulheres gordas ou fora do padrão que se diferenciava dos movimentos prévios que vinham sendo acompanhados por mim há cerca de 10 anos, desde os primeiros usos da hashtag #bodypositive, as primeiras discussões sobre romantização da obesidade com as blogueiras de moda plus size e outras iniciativas no geral bastante incipientes, pontuais, condescendentes e sem força coletiva para mudanças reais no que diz respeito à dignidade, acesso e qualidade de vida da pessoa gorda.

A diferenciação que chamou minha atenção como ativista gorda foi a “galeria #corpolivre” em que, duas vezes por semana eram publicadas uma galeria de fotos de seguidoras com a hashtag #corpolivre, apresentadas em forma de carrossel, com até 10 fotos de mulheres de todo o Brasil compartilhando imagens de seus corpos reais. Além disso, havia também mulheres anônimas compartilhando suas jornadas de aceitação corporal e luta contra a gordofobia – juntamente com suas fotos, expondo seus corpos. E havia muitos posts e vídeos da Alexandra Gurgel falando sobre as questões relacionadas ao ativismo gordo, juntamente com colunistas, profissionais das áreas da nutrição e psicologia abordando assuntos sobre o corpo, a saúde mental, de uma forma muito acessível, clara e informal. Compartilhei sobre estas características do perfil no artigo intitulado: Notas sobre as expressões do ciberativismo de aceitação corporal como movimento social em rede da quarta onda feminista (NOGUEIRA; MIGUEL, 2020). Naquele momento a subversão daquelas

imagens era algo jamais visto por mim, uma jornalista que acompanhava de perto o movimento há quase uma década.

O impacto de dezenas de mulheres reais a cada semana, compartilhando seus corpos reais, sem filtros de edição ou retoques via programas de alteração de imagens, como o photoshop, revelando estrias, celulites, manchas em corpos dos mais diversos formatos e tamanhos, corpos gordos ou magros, com seios considerados “caídos” ou fora dos padrões da sociedade para exposição pública, muitas delas de biquini ou maiô, fotos que não eram tão comuns nas redes sociais, quiçá nas mídias tradicionais (ver figura 4).

Figura 4 – Montagem com fotos compartilhadas no perfil Movimento Corpo Livre



Legenda: fotos na galeria semanal com a #corpolivre, contendo fotos no formato carrossel

Fonte: Instagram Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Nesta observação prévia, constatei que alguns fatores colaboraram para o crescimento do perfil logo após sua criação, em janeiro de 2020. Primeiramente, seu lançamento foi muito divulgado por sua criadora, Alexandra Gurgel, que já possuía milhares de seguidores nas suas diversas redes sociais. Gurgel deu uma série de entrevistas para diversos veículos de imprensa falando do projeto, alguns inclusive já citamos aqui. Outro fator que na minha observação cooperou com seu crescimento logo após seu lançamento foi o fato de entrarmos na pandemia de COVID-19 dois meses após sua criação. A partir daquele momento todos estavam utilizando mais as redes sociais, assistindo lives e consumindo conteúdo online.

Dessa forma, aquelas que encontravam o perfil podiam reconhecer ali um local de insujeição e libertação para o corpo feminino, onde mulheres expunham seus corpos em uma contradição performativa, de forma a reivindicar a dignidade, a humanidade e até mesmo a beleza para o corpo gordo.

No entanto, quando olhamos para o perfil atualmente não há mais a “galeria corpo livre”, não há mais a presença dos colunistas de nutrição e psicologia e nem a presença da criadora, Alexandra Gurgel, como comunicadora/criadora dos conteúdos, como pode-se ver nos dados coletados diminuiu drasticamente – em 119 posts ela aparece em 3 posts – sendo 2 em vídeos e 1 de fotos. Há mais dois posts a respeito dela, referenciando-a por ela ter saído na capa da Vogue, nestes posts, no entanto ela não tem a palavra.

Em busca de compreender os motivos de tais mudanças entramos em contato por três ocasiões com a Equipe do Movimento Corpo Livre, em datas espaçadas, solicitando uma entrevista com a Alexandra Gurgel ou com a Berta Boechat, fundadoras do movimento. Infelizmente, não obtivemos nenhuma resposta.

É natural que o perfil sofresse alterações consideráveis em dois anos de desenvolvimento, levando em conta o dinamismo das redes sociais, sobretudo as constantes intervenções realizadas pelo Instagram nas políticas de algoritmos – vejamos por exemplo a soberania atual dos vídeos e reels, à ferramenta de colaboração (*feat.*). Constatamos que houve também mudanças na “marca (branding)” do Movimento Corpo Livre, nas estratégias de marketing, posicionamento, logomarca, editoriais de conteúdo, linhas editoriais. No entanto, para nós, seria importante inferir porque “galeria corpo livre” deixou de existir.

Uma das hipóteses que levanto aqui, é que, em uma internet cada vez mais polarizada, com um ambiente crescente de animosidade, onde o anonimato permite a gordofobia sem limites, em forma de ofensa, bullying e humilhação – como diariamente os Influencers gordos vivenciam – inclusive como visto em nossa pesquisa (dia 15/09/22 e 12/10/22), seria judicialmente, financeiramente e eticamente desafiador para o perfil cumprir suas responsabilidades de veículo de comunicação e proteger todas essas mulheres de quaisquer situações de violência online que viessem ocorrer. Considerando que é o veículo que divulga as imagens. Assim, ficaria mais profissional que apenas a equipe do perfil, já preparada para lidar com tais situações, produzissem os conteúdos.

Quanto aos profissionais de nutrição e psicologia, depois de muito tempo de ausência, reapareceram no site Alexandrismos, lançado em 2022 (ainda em construção) junto ao time de especialistas. Entendemos que foi uma decisão estratégica de Alexandra e sua equipe, mas, aos nossos olhos, questionável, pois nas postagens tais profissionais tiravam dúvidas dos seguidores, realizavam lives e eram uma ponte entre a ciência e o diálogo humanizado sobre diversas questões abordadas pelo perfil como: patologização da obesidade, relação com a

comida, compulsão alimentar, dietas, exercícios, ansiedade, autorejeição, ódio ao corpo, dismorfia, bulimia, anorexia, entre outras questões.

Destacamos que essas temáticas seguem sendo abordadas pelo perfil, como vimos em nossa pesquisa, com as intenções ativista, motivacional, em forma de meme ou informativa, no entanto, consideramos que profissionais especializados contribuiriam muito com o debate, trazendo também a abordagem educativa.

Perfil com público feminino, mas principal colaborador masculino

Quando estudamos nosso corpus, inferimos que 20,9% do conteúdo postado no período pesquisado são conteúdos produzidos pelo influenciador Caio Revela (figura 5). Para fins de comparação, Caio publicou 23 postagens, enquanto Alexandra Gurgel, por exemplo, publicou três (2,5%).

Considero, a princípio tais dados negativos, tendo em vista que: O público é massivamente feminino (o que se expressa nos comentários); Os temas tratados são sempre tratados de um ponto de vista feminino (a não ser quando é um vídeo do Caio ou de outro homem, como por exemplo, um ativista anticapacitista); O próprio perfil utiliza pronomes no feminino para se dirigir às suas seguidoras.

Em uma revisão dos dados inferimos que dos 119 conteúdos, as mulheres de diversos tamanhos e idades estavam como protagonistas de 50 postagens (apenas fotos e vídeos), o que resulta-se em 42% do conteúdo. Ainda assim, para um perfil feminino, Caio tem uma presença constante e um alto número de postagens.

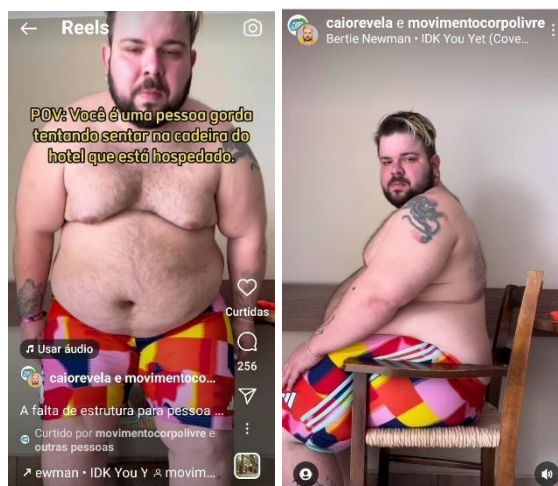
O influenciador realiza com excelência o trabalho de produzir vídeos em que articula temas importantes do ativismo gordo ao mesmo tempo em que abraça e expõe seu corpo, sendo um homem gay. No entanto, os dados nos revelam um protagonismo masculino em uma equipe com quatro pessoas sendo três mulheres.

Ao observarmos o destaque da figura masculina, ainda que seja um corpo excluído que rompe a heteronormatividade, no entanto, tem um ponto a favor pois se constitui em uma sociedade patriarcal, onde o corpo masculino, ainda que fora da norma, ainda possui mais privilégios em relação ao feminino.

Por isso, tendo em vista meu embasamento teórico sobre a opressão patriarcal sobre os corpos das mulheres e a importância da contradição performativa para os corpos femininos, questiono se o corpo gordo masculino tem as mesmas pressões e imposições que o corpo gordo feminino.

E considero com esta análise que se faz necessário mais mulheres (cis ou trans) da Equipe Corpo Livre realizarem o mesmo trabalho feito por Caio, com a presença, constância e exposição do corpo gordo dentro dos contextos que o ciberativismo gordo proporciona, tendo em vista, sobretudo, a relevância do perfil no contexto do ativismo gordo, e as possibilidades e recursos que o Movimento possui.

Figura 5 – Influenciador Caio Revela



Fonte: Instagram Movimento Corpo livre e Caio Revela (2022, s.p)

Reafirmo que considero que o trabalho ativista que Caio realiza no perfil seja altamente relevante. Das postagens com maior número de comentários, cinco são conteúdos do Caio. Dos 10 vídeos com maior número de reproduções, quatro são do Caio. O influenciador produz conteúdos com grande engajamento.

Alguns motivos para isso, a meu ver, é que Caio expõe as questões que envolvem a vivência de uma pessoa gorda com sensibilidade, empatia e leveza, promovendo grande identificação com o público. O influenciador ativa a sua insujeição quando dança, abraça seu corpo, expõe suas vulnerabilidades e sobretudo ao expor-se e afirmar-se resolutos em sua contradição performativa como homem gay que empreende uma masculinidade que não exclui a feminilidade.

Vídeos do influenciador já “furaram” a bolha do ativismo gordo e viralizaram pela internet, chegando a mulheres e homens de todos os tamanhos. Assim, Caio atua para além de colaborador do perfil Movimento Corpo Livre, como um aliado do feminismo.

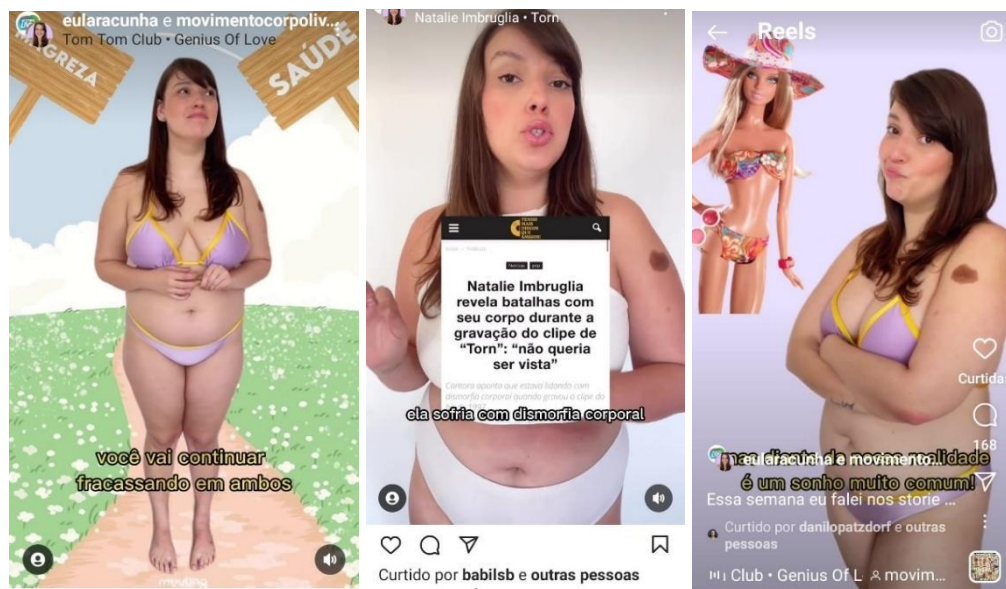
Contradição performativa de corpos gordos

Ao analisar nossos dados, identificamos que Caio Revela é o criador que mais realiza o que nós chamamos de contradição performativa, atualmente, gravando vídeos em que realiza grande exposição corporal e encorajando as seguidoras a ocupar espaços com o corpo que possuem hoje ao invés de esperar emagrecer. O influenciador gravou vídeos ocupando piscinas, praias, restaurantes, avião falando sobre partes específicas do corpo e muitas situações do dia a dia, promovendo aquilo que Butler (2019, p.22) chama de reivindicação do sujeito por autonomia e vida, ao se circunscrever não mais fora das zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social, mas sim buscando construir um lugar de humanidade para si e, como um símbolo, para as pessoas gordas.

No entanto, o que nos intriga é que, apesar desses dados, quando analisamos o contexto geral, como explica o especialista em Análise categorial Downe Wamboldt (1992, *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021), ou seja, o feed do perfil e o que ele propõe o que vemos são mulheres de diversos tamanhos, raças e idades em contradições performativas.

A influenciadora Lara Cunha é uma delas (figura 6), Lara grava todos os seus vídeos de biquíni (mesmo dentro de casa). Neles realiza os debates que propõe e expõe seu corpo. Todos esses vídeos citados (Lara e Alexandra) possuem um alto engajamento, especialmente os de Alexandra, como é visto na postagem do dia 10/10/22, com 450 comentários (Fig. 7). No post Alexandra revela sofrer ataques em razão de seu conteúdo – suas performances – e que outros criadores de conteúdo gordo também estão passando por isso.

Figura 6 – Influenciadora Lara Cunha



Fonte: Instagram Eu Lara Cunha e Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Figura 7 – Postagens da influencer Alexandra Gurgel



Fonte: Instagram Alexandrismos e Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Podemos ver essas contradições performativas também nos conteúdos próprios em forma de “cards” (figura 8) quando estes trazem imagens em fotos ou vídeos; assim como nos reposts (figura 9).

Figura 8 – Cards com mulheres gordas malhando



Fonte: Instagram Time Corpo Livre e Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Figura 9 - Reposts com imagens de mulheres em exposição no museu, que questionava “Quanto custa caber?”



Fonte: Instagram Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Dessa forma, apesar do fim da “galeria corpo livre” (discutida no primeiro tópico), o corpo feminino gordo está presente, atuando como contradição performativa no perfil de forma nítida e enfática, permitindo que locais antes excluídos, ao se transformarem em seu exterior constitutivo, deixem de limitar o “humano” e assombrar tais limites, permitindo a possibilidade persistente de sua irrupção e de sua rearticulação em algo novo (BUTLER, 2019).

Quadro 3 – Exemplos de posts com contradição performativa

Data	Legenda	Resumo da postagem
10/10/2022	“Um gordo se amar é romantizar a obesidade.” Sério? Sou constantemente bombardeada por essas afirmações, não só do meu conteúdo, como também de amigos gordos criadores aqui da plataforma. Leio que eu romantizo sim a obesidade, apenas por estar aqui me amando e inspirando outras pessoas a se amarem também. Enquanto isso, ainda temos aqui no Instagram aos montes o exato contrário do amor-próprio: dietas milagrosas, remédios que podem engatilhar transtornos alimentares e um universo de coisas em torno do emagrecimento a todo custo. Como pode isso ser normal, e nós nos amarmos não? O que vocês acham disso? #corpolivre	Alexandra, fundadora do perfil, fala sobre a questão da legenda.
20/10/2022	É o que sempre falamos, magreza não é sinônimo de saúde, nem de felicidade! Dismorfia corporal e transtornos alimentares não tem cara, nem corpo específico, estamos TODOS suscetíveis. Vocês sabiam desse caso? Me conta aqui!!💕	Lara Cunha fala sobre o caso de disformia corporal da cantora Natalie Imbruglia.
29/10/2022	O medo de ser julgado e a insegurança com o meu próprio corpo já cansaram de me fazer entrar na piscina desse jeito do vídeo: de blusa preta. A intenção era ficar invisível e não comentarem sobre o meu corpo, mas o exato oposto acontece: Eu sigo sendo o centro das atenções, seja sem blusa ou com blusa. Hoje eu amo cada parte do meu corpo e não sinto vergonha nenhuma dele. Afinal, é o corpo que eu tenho hoje. Não dá pra esperar ter um corpo magro pra viver. Essa é a verdade. Se você faz isso, não se sinta mal. Eu também vivi anos assim e to aqui pra segurar sua mão para seguirmos juntos nessa desconstrução!💕 #CORPOLIVRE	Caio fala sobre o medo de entrar na piscina enquanto pessoa gorda.

10/10/2022	“Um gordo se amar é romantizar a obesidade.” Sério? Sou constantemente bombardeada por essas afirmações, não só do meu conteúdo, como também de amigos gordos criadores aqui da plataforma. Leio que eu romantizo sim a obesidade, apenas por estar aqui me amando e inspirando outras pessoas a se amarem também. Enquanto isso, ainda temos aqui no Instagram aos montes o exato contrário do amor-próprio: dietas milagrosas, remédios que podem engatilhar transtornos alimentares e um universo de coisas em torno do emagrecimento a todo custo. Como pode isso ser normal, e nós nos amarmos não? O que vocês acham disso? #corpolivre	Alexandra, fundadora do perfil, fala sobre a questão da legenda.
20/10/2022	É o que sempre falamos, magreza não é sinônimo de saúde, nem de felicidade! Dismorfia corporal e transtornos alimentares não tem cara, nem corpo específico, estamos TODOS suscetíveis. Vocês sabiam desse caso? Me conta aqui!! 	Lara Cunha fala sobre o caso de disformia corporal da cantora Natalie Imbruglia.
29/10/2022	O medo de ser julgado e a insegurança com o meu próprio corpo já cansaram de me fazer entrar na piscina desse jeito do vídeo: de blusa preta. A intenção era ficar invisível e não comentarem sobre o meu corpo, mas o exato oposto acontece: Eu sigo sendo o centro das atenções, seja sem blusa ou com blusa. Hoje eu amo cada parte do meu corpo e não sinto vergonha nenhuma dele. Afinal, é o corpo que eu tenho hoje. Não dá pra esperar ter um corpo magro pra viver. Essa é a verdade. Se você faz isso, não se sinta mal. Eu também vivi anos assim e to aqui pra segurar sua mão para seguirmos juntos nessa desconstrução!  #CORPOLIVRE	Caio fala sobre o medo de entrar na piscina enquanto pessoa gorda.
10/10/2022	“Um gordo se amar é romantizar a obesidade.” Sério? Sou constantemente bombardeada por essas afirmações, não só do meu conteúdo, como também de amigos gordos criadores aqui da plataforma. Leio que eu romantizo sim a obesidade, apenas por estar aqui me amando e inspirando outras pessoas a se amarem também. Enquanto isso, ainda temos aqui no Instagram aos montes o exato contrário do amor-próprio: dietas milagrosas, remédios que podem engatilhar transtornos alimentares e um universo de coisas em torno do emagrecimento a todo custo. Como pode isso ser normal, e nós nos amarmos não? O que vocês acham disso? #corpolivre	Alexandra, fundadora do perfil, fala sobre a questão da legenda.
20/10/2022	É o que sempre falamos, magreza não é sinônimo de saúde, nem de felicidade! Dismorfia corporal e transtornos alimentares não tem cara, nem corpo específico, estamos TODOS suscetíveis.	Lara Cunha fala sobre o caso de disformia corporal da cantora Natalie Imbruglia.

TIME CORPO LIVRE - Tirando as pessoas gordas da condição marginalizada do exercício físico e da vida saudável (“fitness”) para a condição de sujeito

A série “Time Corpo Livre” teve início em setembro com o objetivo de promover a saúde e bem-estar dos seguidores, sobretudo incentivando a prática de exercícios físicos. Acompanhamos o início da campanha e o uso profuso da hashtag #timecorpolive no nosso período de pesquisa – 36 menções – assim como 2 menções da hashtag #treinocorpolive. O movimento também criou um outro perfil com o nome @timecorpolive dedicado apenas a postagens específicas sobre o assunto, que conta com dicas de treinos leves para pessoas gordas, conteúdos ativistas, engraçados e motivacionais, com a supervisão de uma professora de educação física, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 10 – Cards do #Time Corpo Livre (carrossel de texto + imagens)



Fonte: Instagram Time Corpo Livre e Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Em uma sociedade que patologiza o corpo gordo e rotula a priori qualquer pessoa gorda como não-saudável e abjeta, destituindo por meio de uma matriz excludente aqueles que não se adequam às suas zonas hegemônicas habitáveis (BUTLER, 2019), fere a possibilidade da pessoa gorda ou muito gorda se encorajar a frequentar tais ambientes, ser vista em tais condições (realizando atividade física) e, portanto, se expor ao risco de gordofobia e novos traumas.

Inferimos isso nas postagens relacionadas ao tema #TimeCorpoLivre. como por exemplos, nos posts “Coisas absurdas que pessoas fora do padrão já ouviram na academia” (dia 16/09/22), que em nossa pesquisa traz dois posts (parte 1 e 2) e no perfil já contém a parte 3. Seleccionamos alguns comentários das seguidoras, respondendo à pergunta da postagem:

“Mas você nem combina com roupa de ginástica”.

“Às vezes o pior não é nem o que é dito, mas sim a maneira como te olham, o sorrisinho velado de deboche... 😞”

“Uma personal trainer olhou para mim de cima a baixo e disse que eu devia preocupar-me 🧑♀️”

“nossa você malha há anos... por que não tem um corpo bonito?”

“Agora vai sair do sedentarismo!” Dizem as pessoas supondo que por que sou gorda, não faço nada além de sentar no sofá e comer 🍕

“Parei a academia depois de ouvir tudo isso e um cara que fingiu que estava dando em cima de mim pra vir me falar que meu braço era torto. Eu tinha 13 anos”.

“Se você malhar direito, vai ficar um avião”

“Já escutei de um ‘prof’ que quando eu ficasse magra ele me fazia questão de me chamar pra sair”

Importante observarmos aqui aquilo que já referimos nesta dissertação e agora aparece em nossos dados. Como o corpo da mulher, e nesta situação agravado pela status de “mulher gorda na academia”, é coisificado e objetificado, seja em observações sobre suas vestimentas, até na ausência da ética profissional do especialista em educação física que não pode realizar diagnósticos e julgamentos. Apenas médicos especialistas e os devidos exames podem atestar se há algum motivo de “preocupação” ou se uma mulher pode ou não realizar exercícios específicos. E enfim, temos o assédio masculino. O corpo feminino gordo não é satisfatório para quem aborda a mulher na academia, mas ainda assim ele é objetificado, pois ele pode vir a ser satisfatório via emagrecimento.

Dessa forma, em um sentido ativista e educacional o perfil desconstrói os preconceitos e a desumanidade que cerca o corpo gordo, articulando e reconstruindo novas afirmações e possibilidades para essa existência. Como no post do dia 20/09/22 “Gorda não é xingamento, é característica física. Magra não é elogio é característica física”.

Já com o post do dia 06/10/22 “Eu treino porque amo meu corpo”, podemos fazer um comparativo com o primeiro post mencionado, sobre o ambiente da academia. Seleccionamos assim, para fins comparativos, comentários das seguidoras respondendo à legenda: - “Me diz aqui embaixo: porque você treina e coloca seu corpo em movimento?:

“Eu treino porque me ajuda 1.000% com as crises de ansiedade”

“Eu treino porque encontrei um PT (*personal trainer*) que me acolheu e me ajuda no desafio de fortalecer meu corpo e no que pedi para ele: Quero chegar nos meus 75 anos com muita mobilidade!!!! 😊😊”

“Pela minha mente, principalmente.”

“Pq minha autoestima melhora, meu corpo torna-se mais resistente e saudável e minha saúde mental agradece a cada passinho rumo à uma vida saudável ❤️”

“A minha mente 🧠”

“Porque me sinto com mais energia e mais feliz.”

“Eu treino pq na (...) não tem pressão estética e eu posso me exercitar por prazer”

Quadro 4 – Exemplos de posts da série “Time Corpo Livre”

Data	Legenda	Resumo da postagem
15/09/2022	Já ouviu alguma dessas frases? Comenta aqui embaixo o que você já tá cansada de ouvir 😭 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Carrossel com frases fitness opressoras e com explicações de porque elas são gordofóbicas: - Eu treino pra poder comer; - Foca no projeto verão; -Sem dor sem ganho, etc.
16/09/2022	Quais dessas vocês já ouviram? Comenta aqui embaixo 🙋 Segue o @timecorpolivre pra acompanhar todos os conteúdos que estão saindo por lá ✨ #TimeCorpoLivre	Coisas absurdas que pessoas fora do padrão já ouviram na academia - Parte 1
20/09/2022	Compartilha se você sabe que tem alguém que precisa entender esse recado! #CorpoLivre #TimeCorpoLivre Segue o @timecorpolivre e aproveita pra já maratona todos os conteúdos do perfil! ✨	Carrossel com texto: Gorda não é xingamento, é característica física. Magra não é elogio é amor-próprio física.
30/09/2022	Qual desses motivos já te impediu ou ainda te impede de se exercitar? Conta pra gente! #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Carrossel com frases dizendo para as pessoas não deixarem de se exercitar por razões gordofóbicas.
06/10/2022	Me diz aqui embaixo: porque você treina e coloca seu corpo em movimento? E se você ainda não se exercita, tá aí alguns motivos pra você começar a treinar! ✨❤ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	“Eu treino porque amo meu corpo”. Vídeos com pessoas gordas ou fora do padrão se exercitando e alguns motivos para começar a se exercitar.

O ciberativismo gordo como causa principal do perfil: Um ativismo efetivo que nem sempre tem “cara” de ativismo

Entre as postagens ativistas, encontramos uma amplitude de ações textuais, desde a conscientização da gordofobia e explicação de situações gordofóbicas que ocorrem no dia a dia, passando para questões de foro mais íntimo e subjetivas relacionadas ao autorrespeito, amor-próprio, consciência do autovalor e dignidade pessoal; até conscientização de direitos e encorajamento para a luta coletiva e militância pela ocupação de espaços e direitos civis.

Ao nosso olhar todas são fundamentais ao movimento ciberativista gordo, pois sem as questões subjetivas, íntimas, que falam sobre a mudança do olhar para o espelho, para o próprio corpo, em um trabalho interno de substituir a vergonha e a culpa social impostas aos corpos gordos por compaixão, dignidade e autorrespeito, é impossível uma conscientização que possa se transmutar em uma mobilização e/ou ativismo capaz de lutar por direitos.

Outro ponto a observar é a maneira que se dá esse ativismo no perfil do Instagram do Movimento Corpo Livre. Nos exemplos que trouxemos no quadro acima, há questões de militância pungente, entre esses posts, visto que estão entre alguns dos mais comentados de nossa pesquisa, como os dos dias 19 e 30 de setembro, 03 e 10 de outubro.

As postagens com discussões sobre o machismo e o que faz um corpo livre (dia 03/10/22); sobre a busca obsessiva pelo padrão de beleza e suas consequências para a saúde (dia 30/09/22), o preço do padrão de beleza (05/09/22); gordofobia médica (22/10/22) e direitos da pessoa gorda (21/10/22) são em formato de vídeos, com áudios, imagens e edição que tornam os assuntos mais leves, atraentes e dinâmicos. Ou seja, no “consumo” de conteúdo do feed do Instagram do usuário o ativismo entra como mais um conteúdo a ser absorvido.

Constatamos isto em um dos vídeos mais dinâmicos do canal, que reúne um assunto recente, com caráter informativo, mas de teor levemente sensacionalista, juntamente com uma edição hiperdinâmica, ilustrativa e contemporânea, com imagens de celebridades e itens de moda dos anos 2000, sendo conduzido pela fundadora do perfil, Alexandra Gurgel, comunicadora de formação e youtuber com grande experiência. O resultado se revela no engajamento: não apenas é o vídeo com maior número de reproduções e comentários de nossa pesquisa, como está muito distante dos outros em números: 1.081.520 reproduções – 1.509 comentários.

Assim, compreendemos que o trabalho conjunto de texto e imagens, abordados com leveza, junto a uma estética contemporânea, contribuem para a identificação do público com o perfil, especialmente com temas que, abordados diferentemente, poderiam ser considerados indigestos, como pode ser observado no quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Exemplos de posts ciberativistas que nem sempre tem “cara” de ativismo

Data	Legenda	Resumo da postagem
19/09/2022	Kim Kardashian e as famosas estão emagrecendo e o culto à magreza parece não ter ido embora. Bora conversar sobre? #padraodebeleza #kimkardashian #corpolivre #y2k	Alexandra Gurgel fala sobre o novo momento em que Kim Kardashian e as irmãs aparecem mais magras e outras iniciativas da mor-próp de moda e do emagrecimento *da qual as Kardashian são garotas propagandas) trazendo de volta a cultura do corpo muito magro e sem curvas dos anos 2000. E as consequências dessas imagens e discursos, e pressões por um novo padrão corporal na vida das mulhres e meninas.
30/09/2022	Essa semana eu falei nos stories sobre a importância de desistir de ser magra, para o nosso processo. É como se fosse uma barreira que você precisa derrubar para conseguir passar de fase (real). Digo isso com tanta convicção porque foi o que fez o meu processo começar de verdade. Claro, às vezes nós temos que nos lembrar do porque desistimos desse sonho e acolher a frustração. Mas posso falar uma coisa? VALE MUITO A PENA! 💖 Meu amor, desista desse sonho bizarro que colocaram na sua cabeça... Sonhe em ser livre, em ser feliz, em ser rica, viajada, estudada, sonhe em ser VOCÊ! Faz sentido? 💖 Os: Gente, vale lembrar que vocês podem sonhar com o que quiserem! Aqui eu compartilho minha visão e minha experiência e nesse vídeo especificamente falo para mulheres que sofrem de auto ódio, dismorfia corporal, transtorno alimentar... E a obsessão pela magreza só intensifica tudo isso! Tenham seus objetivos, mas ponham sua saúde em primeiro lugar!	Laura Cunha falando sobre a idealização da magreza e a frustração constante das mulheres.
03/10/2022	“Corpo livre é se amar onde você está na sua vida!” Precisa dizer mais? E mulheres, lembrem-se: vocês não precisam debater sobre os seus corpos com homem nenhum!!	Vídeo do Programa do Karamo (EUA) em que uma mulher fala sobre o que é um corpo livre, enquanto é atacada por um homem gordofóbico.

	#CorpoLivre via @karamoshow #bodypositivity #amorproprio #movimentocorpolivre	
05/10/2022	Bruna Linzmeyer perguntou e queremos saber de vocês: Quanto custa pra caber? Vale a pena? Conta aqui pra gente se você já passou por coisa parecida e lembre-se: Não existe corpo perfeito, porque perfeito mesmo é viver amando cada curva do seu corpo. #CorpoLivre via @brunalinzmeyer Na foto: @michaelastark @charlihoward #movimentocorpolivre #padraodebeleza	Repost de uma exposição de arte sobre o padrão de beleza.
11/10/2022	Kanye West relaciona o amor-próprio a algo “demoníaco” e ataca a cantora Lizzo. Bora falar sobre? #corpolivre #bodypositive #lizzo #kanyewest	Alexandra Gurgel, fundadora do perfil, falando sobre episódio em que Kanye West é gordofóbico com cantora Lizzo e pessoas gordas em geral.
21/10/2022	Quando entendi que eu tenho os mesmos direitos que qualquer outra pessoa que está no mesmo ambiente que eu, tudo mudou. Já passou por alguma situação dessas? Me conta! #corpolivre #pov	Texto do vídeo: POV: VC é uma pessoa gorda que não tem mais vergonha de pedir cadeiras sem braços (e resistentes) nos restaurantes.
26/10/2022	Por mais que eu fale muito sobre sermos fortes, essas situações ainda são muito difíceis de viver. Dói muito ver os olhares das pessoas, ouvir os comentários. Vocês não estão sozinhos, essa luta é nossa! ♥ A verdade é que enquanto isso tem gente recebendo dinheiro de companhia aérea porque ficou espremida entre duas pessoas gordas. Seguimos por aqui! #corpolivre	POV: Caio fala sobre a gordofobia numa viagem de avião.

3.5 Perfil Vai Ter Gorda – Análise Quantitativa

a) Data

No período pesquisado – de 15 de setembro a 31 de outubro de 2022 – o perfil Vai Ter Gorda publicou 11 posts na Rede Social Instagram. É impactante a diferença observada no número de postagens, em comparação com o perfil Movimento Corpo Livre, levando em conta que o Vai Ter Gorda publicou 9,2% dos posts que o Movimento Corpo Livre publicou no mesmo período.

Inferimos que estes números se devem ao fato do perfil Vai Ter Gorda ter caráter amador, sem uma equipe de trabalho profissional dedicada a ele, como é o caso do Movimento Corpo Livre. Segundo a fundadora do Vai Ter Gorda, Adriana Santos, todas as

ações do coletivo são feitas por ela mesma ou por voluntários¹³, ou seja, pessoas que têm outras ocupações e não podem se dedicar à criação de postagens ou mesmo ao perfil, integralmente. E os dados revelam esse impacto.

b) Legendas

No que diz respeito às legendas, as postagens do perfil possuem uma característica singular: Quando os posts tratam do mesmo assunto as legendas são semelhantes, apenas com pequenas alterações. Na nossa observação isto claramente prejudica na atenção dos usuários e no número de interações como veremos a seguir. Também há um uso excessivo de hashtags e citação de outros perfis, o que polui a postagem e traz ruídos à comunicação.

c) Formato de post

Das 11 postagens realizadas no período, oito foram fotos e 3 três foram ilustrações com texto, os chamados cards. Dentre estes, um deles foi postado duas vezes, com apenas algumas alterações na legenda.

Dos 11 posts, identificamos que todos foram de conteúdo próprio, ou seja, não houve nenhuma reportagem ou colaboração.

d) Intenção de post

Em relação à intenção, a maioria dos posts foi classificada como ativistas, sendo: sete posts ativistas, dois informativos e dois motivacionais. Isto é, 63% das postagens do período pesquisado são de natureza ativista.

e) Tema principal

No que diz respeito aos temas abordados pelo perfil, inferimos os seguintes resultados:

- Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade – 8 posts

¹³ Movimento 'Vai Ter Gorda comemora sete anos com ato na orla de Salvador. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/01/15/movimento-vai-ter-gorda-realiza-ato-na-orla-de-salvador.ghtml>. Acesso em 5 jan de 2023.

- Exposição do corpo gordo – 2 posts
- Outros – 1 post

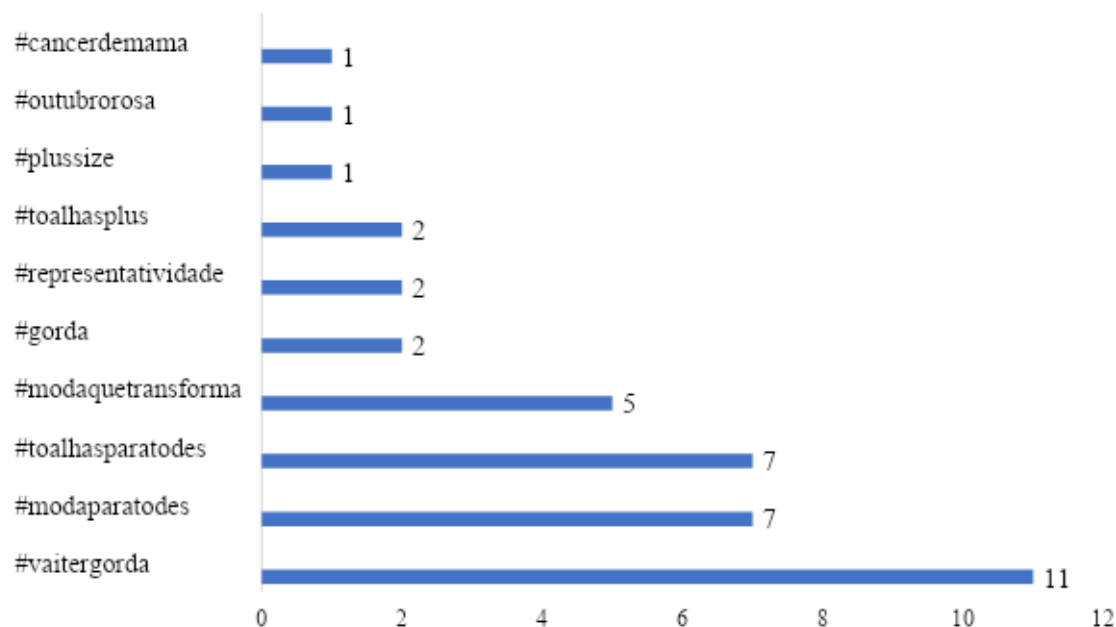
f) Causa principal

Nas causas principais todos os 11 posts foram categorizados com o código “Ativismo gordo”, confirmando assim a atuação primordial do perfil no ciberativismo gordo independentemente dos temas das postagens.

g) Hashtags

Nessa categoria relacionamos as 10 principais hashtags utilizadas pelo perfil analisado no período pesquisado, assim como se pode ver no gráfico abaixo, a hashtag #vaitergorda foi a que teve mais menções, porém é perceptível o pouco uso de hashtags:

Gráfico 3 – Principais hashtags utilizadas pelo perfil Vai ter Gorda



3.6 As inferências e interferências do perfil Vai Ter Gorda: Análise qualitativa sob olhar da pesquisadora

Evolução do perfil de 2020 a 2022

Durante a fase de pré-pesquisa, após selecionar o Movimento Corpo Livre, eu compreendi que seria mais enriquecedor para buscar um perfil complementar, cujo trabalho ciberativista tivesse como prioridade as ações presenciais tanto quanto o trabalho online, contemplando aquilo que Castells (2013) chama de “espaços de autonomia” nos movimentos em rede.

Nesta busca encontrei o perfil Vai Ter Gorda que chamou minha atenção por realizar ações consistentes nas praias brasileiras desde 2016, reunindo mulheres gordas de vários tamanhos em biquínis, com faixas e cartazes para se apropriarem daquele espaço e declararem que todos os corpos eram “corpos de praia”.

Como uma menina e uma adolescente gorda cujo corpo sempre foi “público”, sujeito desde a primeira infância à gordofobia familiar e médica, que desde cedo perdeu o controle sobre o que comia e o que fazia - e que nunca conseguiu entrar na piscina ou na praia sem uma camiseta e um short para cobrir o corpo - entrar em contato mesmo que via Instagram com as ações do Vai Ter Gorda foram de alto impacto para mim.

Como meninas e jovens gordas somos socializadas com o uso da vergonha, temos que esconder nossos corpos considerados fora da norma, porque seria uma falta de educação obrigar os outros a lidar com eles. E é nos dito (direta ou indiretamente) que não pertencemos a certos lugares, como a praia. Eventualmente, essa marginalização se estende para toda nossa vida social e nos destitui de direitos de saúde, mobilidade, trabalho, atividade física, relacionamentos. Diante desse cenário de não pertencimento quão acolhedor é, para uma mulher gorda, ver dezenas de mulheres gordas nas praias, sorrindo, convictas, JUNTAS, se reapropriando não apenas de ocupar tais locais com seus corpos, mas sobretudo das narrativas de poder. Substituindo a vergonha por aceitação e soberania no ir e vir.

Outra característica do perfil que se sobressai é o seu potencial multiplicador. Em seus sete anos de existência o movimento já realizou ações em mais de 10 praias brasileiras e outros países (Portugal, Itália, Suíça, Noruega e Angola e Estados Unidos).

Quando observamos a evolução do perfil, de 2020 a 2022, encontramos muitas denúncias de gordofobia, contradições performativas, exposição do corpo gordo, entre outras ações primordialmente online; o maior diferencial, porém que são ações presenciais, como palestras e workshops sobre gordofobia e direitos da pessoa gorda em escolas e associações

de bairros, concursos de beleza, envolvimento com a indústria da moda, manifestações nas ruas, além das manifestações nas praias.

Assim, avaliamos que o grande diferencial do perfil Vai Ter Gorda é que seu caráter ativista se sobressai em resultados práticos, concretos, palpáveis que impactam diretamente na vida cotidiana daqueles que se relacionam com a rede social, indo além do debate e das discussões subjetivas.

Perfil que atua nos espaços de autonomia

Entre as 11 postagens do perfil Vai ter gorda, temos oito (72,7%) que tratam do tema da “Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade”, divulgando o projeto Toalhas para Todes, premiado pelo edital Empodera, uma parceria entre o Instituto Lojas Renner, ONU Mulheres e Fundo Elas+ e realizado pelo Coletivo Vai Ter Gorda (ver figura 11).

O projeto financia uma ação que prevê a criação e lançamento de uma coleção de toalhas e roupões em tamanhos grandes, produtos de difícil acesso ou inexistentes no mercado. É importante pontuarmos que o que pode parecer uma ação banal, na realidade pode ser muito dignificante para um corpo gordo ou gordo maior.

Figura 11– Presença do movimento toalha para Todes



Fonte: Instagram Toalhas para todes (2022, s.p)

Uma simples toalha que está disponível em qualquer loja para um corpo magro pode se tornar um problema e mais um objeto de exclusão e precariedade para a vida de um corpo grande. Uma toalha para se secar na praia ou qualquer ambiente externo que caiba no seu corpo e não cause constrangimento, mas também que permita na sua intimidade, como o próprio perfil expressou em seu discurso: “mostrando para a sociedade que todos os corpos são dignos [...]”

Quadro 6 - Posts sobre a criação e lançamento da Coleção Toalhas para Todes

Data	Legenda	Resumo da postagem
24/09/2022	Vem aí Toalhas para Todes! E vc quer ser parceiro? Venha apoiar essa causa! 🧑🏿‍🦲🧑🏿‍🦲🧑🏿‍🦲🏳️‍🌈 #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda O Coletivo VAITERGORDA, liderado pela ativista social Adriana Santos @adriladyplus , lança coleção de toalhas de banho com o tema: TOALHAS PARA TODES! O projeto Toalhas para TODES foi um dos premiados pelo Edital Empodera, em parceria com o fundo ELAS, instituto Lojas Renner e ONU Mulheres.	Descrito na legenda.

	O projeto Toalhas para Todes pretende lançar uma coleção de toalhas de banho sustentáveis, que vai desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Realizaremos um workshop e desfile de moda Inclusiva com as peças produzidas pelas mulheres do coletivo Vai Ter Gorda, em que a diversidade corporal será representada em cores, estampas e frases de empoderamento, mostrando para a sociedade que todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas.	
04/10/2022	 #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda O projeto Toalhas para Todes foi um dos premiados pelo Edital Empodera, em parceria com o fundo ELAS, instituto Lojas Renner e ONU Mulheres. O projeto Toalhas para Todes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Realizamos um workshop com palestras, oficinas e desfile de moda Inclusiva com as peças produzidas pelas mulheres do coletivo Vai Ter Gorda, em que a diversidade corporal foi representada em cores, estampas e frases de empoderamento, mostrando para a sociedade que todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas. Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores! @onumulheresbr @fundoelas @institutolojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adriadyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesilva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @pauloarcanjofc @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorrymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes	Nas fotos mulheres gordas de vários tamanhos (a maioria sendo gorda grande), pretas, brancas e uma mulher cadeirante de biquíni com as toalhas grandes.
13/10/2022	Somos várias mãos! Gratidão a todas as colaboradoras, apoiadoras, parceiras e simpatizantes! #ubuntu O projeto Toalhas para Todes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Conheça a coleção de toalhas de banho 100% algodão com detalhes em croche, fuxico, bordado, serigrafia e abrace verdadeiramente o seu corpo! Look @lilasmodasplus_liberdade @onumulheresbr @fundoelas @institutolojasrenner	Foto do coletivo apresentando o projeto no palco.

@toalhasparatodes @vaitergorda @adriadyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesilva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes  #toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma #gorda #modaparatodes #salvador #toalhasplus	
---	--

Contradição performativa de corpos gordos

Ao analisar o Vai Ter Gorda pudemos identificar que a exposição de corpos gordos está na estrutura do perfil. Ainda que no período de nossa pesquisa apenas duas postagens tenham sido categorizadas por este código, ficamos em dúvida em outras cinco postagens sobre qual código priorizar, pois a exposição do corpo gordo também estava presente e vívida.

Na observação realizada do perfil de 2020 a 2022, e ficou clara para nós a intenção do movimento de exibir performances de mulheres gordas de biquínis ou lingerie - em sua maioria mulheres pretas -, encorajando aquelas as leitoras/seguidoras a não se envergonhar de seus corpos, mas sim se apropriarem de seus corpos, e das cidades e das praias. Com apenas um acesso ao perfil é possível perceber essa tendência.

Dessa forma, nos posts dos dias 25/10/22, temos duas mulheres gordas com o corpo nu, pintado de forma artística, como um ato em prol da campanha de câncer de mama 2022, ver figura 12 a seguir:

Figura 12 – Campanha de Câncer de Mama do perfil Vai ter gorda



Fonte: Instagram Vai ter Gorda (2022, s.p)

Consideramos tais performances altamente subversivas, pois até então apenas corpos magros e dentro do padrão estavam autorizados a serem pintados artisticamente quando nus. Mais informações sobre essa campanha foram alocadas no quadro 7:

Quadro 7 - Posts sobre a exposição de corpos gordos

Data	Legenda	Resumo da postagem
25/10/2022	Seu corpo é seu abrigo, por isso não deixe de cuidar dele com muito amor. Faça o autoexame e previna-se contra o câncer de mama. Modelo: @catiarochaalves Artista:@corporalarts Foto:@rs_raisilva #outubrorosa #cancerdemama #saude #outubro #mulher #cancer #autoexame #prevencao #rosa #amor #autoestima #autocuidado #qualidadedevida #setoque #saudedamulher #vaitergorda #plussizebahia #plussizesalvador #cancerdemamatemcura #oncologia	Mulher gorda nua com o corpo pintado.
25/10/2022	Cuidar da sua saúde é ser poderosa. Conscientizar nossas Amigas é ser poderosa. Lutar contra o câncer de mama é ser poderosa. 💖	Mulher gorda nua com o corpo pintado.

	Apoie o Outubro Rosa sendo uma mulher poderosa!  Modelo: @adrladyplus Artista: @corporalarts Foto: @rs_raisilva . #outubrorosa #cancerdemama #saude #outubro #mulher #cancer #autoexame #prevencao #rosa #amor #autoestima #autocuidado #qualidadedevida #setoque #peito #saudedamulher #vaitergorda #plussizebahia #plussizesalvador #cancerdemamatemcura #oncologia	
--	---	--

Assim, da mesma forma quando vemos nos posts dos dias e 04/10/22 e 07/10/22 mulheres muito gordas ou uma mulher gorda e cadeirante, que ao invés de se esconder em panos em casa decide desfilar seu corpo para uma audiência, um público que a acolhe, a aplaude, isso é revolucionário para esta mulher, para este público, para esta cidade, para esta sociedade, pois todos se tornam mais humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de dois anos, tendo como sujeitos dois perfis de ciberativismo gordo na rede social Instagram atravessou conceitos como subordinação feminina e coisificação do corpo feminino; estigmatização, patologização e precariedade do corpo gordo, assim como a investigação de como se dão os movimentos ativistas emancipatórios de insujeição e contradição performativa que buscam um lugar de sujeitas para as mulheres gordas em nossa sociedade. Investigamos também as características dos movimentos sociais em rede e como eles têm atuado no contexto da nova ecologia midiativista, para compreender as relações entre os movimentos ciberativistas e os processos comunicacionais em ação.

Ao analisarmos o perfil Movimento Corpo Livre, durante os anos de 2020 e 2022, com levantamento específicos das postagens realizada na rede social entre os dias 15 de setembro de 2022 a 31 de outubro de 2022, concluímos que suas ações e postagens tendem mais a temas de foro pessoal/intimo, de denúncia, conscientização de direitos, informação e encorajamento, ou seja, um ativismo de ordem mais subjetiva do que prática, no entanto é fundamental, pois é na conscientização de cada indivíduo, de cada mulher sobre o que é a gordofobia, sobre o valor de todos os corpos, entre outras conscientizações de ordem mais grave e violenta, que vão das piadas à humilhações, agressões e outras violências. Com cada contradição performativa e insujeição é que construímos a possibilidade de nos tornarmos sujeitas inscritas na sociedade, que lutam por seus direitos e se fazem ouvir.

Enquanto o perfil Vai Ter Gorda realiza um ativismo mais híbrido, com ações presenciais frequentes e contínuas, convocando suas seguidoras a irem “para a rua”, a participarem dos eventos, que se expressam em uma gama de ações como: manifestações nas praias; manifestações nas ruas; workshops e palestras em escolas; concurso de beleza, entre outros. O que segundo Castels (2013) é justamente nesta ocupação contínua do espaço online e na insistente ocupação da cidade que o movimento encontra o seu “espaço da autonomia”. Ou seja, espaços fortes o suficiente para sustentar o movimento ativista gordo, atuando na internet e nas cidades, num movimento contínuo.

Apesar de entendermos que os movimentos sociais atuam de forma contínua pautando a sociedade, em um movimento que é construído e vai se solidificando no decorrer do tempo,

há alguns resultados imediatos que observamos em nossa pesquisa que consideramos relevantes nessa construção e nesse momento histórico do ciberativismo gordo.

Um deles é o post do dia 27 de outubro de 2022, que traz uma conquista histórica para o movimento ciberativista gordo: Alexandra Gurgel na capa da Revista Vogue. Um corpo gordo/fora do padrão como de Alexandra em uma revista de moda, ou seja, que privilegia a estética, que há décadas divulga corpos magros e muito magros em suas capas como o padrão a ser almejado/ desejado e seguido, é mais que revolucionário, é subversivo.

Para além disso, o especial em que Alexandra participa é o “Especial Influência”, com influenciadores digitais. Na legenda, o texto: “Como Alexandra Gurgel revolucionou o mercado de influência com o Movimento Corpo Livre”. Ou seja, além de termos um corpo gordo na capa da revista, temos o reconhecimento da revista sobre quão importante foi o perfil no contexto da influência digital brasileira, respondendo a uma demanda real e ávida por ser incluída e acolhida: as mulheres gordas.

Na reportagem, Gurgel fala sobre o Movimento Corpo Livre, a despatologização do corpo gordo e como ter confiança no próprio corpo. No mesmo dia do lançamento da revista, Lara Cunha publicou um post colaborativo celebrando a capa de Alexandra, falando sobre o que isso significava para ela e para todas as meninas que precisam de novas “modelos” e contando como Gurgel a havia inspirado em 2017 a parar de odiar seu corpo, ao ponto de hoje ter se tornado ela própria uma ativista, criadora de conteúdo e apoio para muitas garotas (figura 13).

No perfil Vai Ter Gorda os resultados práticos alcançados que mais se destacaram no período foram a criação e confecção de uma coleção de toalhas de banho e roupões para tamanhos grandes e muito grandes, uma ação que pode parecer singela, mas que contribui para retirar essas pessoas de uma zona de precariedade no vestuário e possibilitar acessos que de outra forma não teriam.

Figura 13 - Alexandra Gurgel na capa da Vogue Brasil - Especial Influência



Fonte: Instagram Movimento Corpo Livre (2022, s.p)

Compreendemos que ainda estamos longe da sedimentação do conceito de corpo gordo fora das esferas da indignidade, violência e invisibilidade social. Tanto no que diz respeito à esfera íntima (mais subjetiva), quanto a direitos civis (pública/concreta). Por isso mesmo a luta é e precisa ser nessas duas esferas.

Em relação à hipótese inicial desta dissertação, de que os movimentos ciberativistas gordos no uso das novas tecnologias da informação estão alinhados ao conceito de contradição performativa de Butler (2018), consideramos que ela foi confirmada. Quando estudamos o “Movimento Corpo Livre” e o movimento “Vai ter gorda”, observamos que, assim como teoriza Butler, as participantes atuam nesses ativismos por meio da resistência e agenciamento no interior das próprias redes de poder, articulando-se como sujeitas em busca de autonomia e soberania sobre seus corpos.

Voltando aos resultados de nossa pesquisa, foram analisados 119 posts do perfil Movimento corpo livre e 11 posts do perfil Vai Ter Gorda coletados entre os dias 15 de setembro a 31 de outubro de 2022. Em relação ao Movimento Corpo Livre inferimos grandes alterações entre os anos de 2020 e 2022 (fase de pré-pesquisa e início da escrita da dissertação), como a mudança de um perfil de fotos para um majoritariamente de vídeos. Hoje 64% do conteúdo é em vídeo com apenas 8% dos posts em fotos.

O conteúdo, antes produzido com fotos enviadas por mulheres *anônimas* do Brasil contando suas histórias de aceitação corporal ou vivência com gordofobia se profissionalizou e agora é produzido pela Equipe Corpo Livre, com os influenciadores Caio Revela, Berta Boechat e Alexandra Gurgel e outras colaboradoras como Lara Cunha.

Chama a atenção o fato do perfil dialogar com o público feminino mas ter como principal colaborador (aquele que produz a maioria dos conteúdos) um homem, o influenciador Caio Revela, mesmo tendo outras três colaboradoras mulheres em sua equipe. Apesar de observamos a contribuição de Caio ao perfil, com uma abordagem sensível e empática em seu conteúdo e uma performatividade que rompe com a heteronormatividade, levantamos em nossa análise os questionamentos sobre as diferentes pressões que o corpo gordo masculino e o corpo gordo feminino sofrem, considerando os privilégios que a sociedade patriarcal possibilita aos homens.

Em relação ao formato de postagem os dados demonstraram um certo equilíbrio, sendo que 38 dos posts são colaborações, 37 são reposts e 44 são postagens de conteúdo próprio. Se destacou também para nós os temas mais presentes, sendo eles: “Conscientização/denúncia sobre gordofobia”; “Saúde e Bem-estar”; “Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/ denúncia sobre a indústria performativa da magreza”; “Educação política sobre diversidade corporal” e Autoestima/ Amor-próprio”.

Inferimos que dos 119 conteúdos, mulheres de diversos tamanhos e idades estavam como protagonistas de 50 postagens (levando em consideração apenas posts com fotos e vídeos), o que dá 42% do conteúdo. Assim, chama a atenção a contradição performativa do perfil, com mulheres performando a insujeição e assim rearticulando as imagens de beleza.

No perfil Vai Ter Gorda, o grande destaque foi a comprovação de um movimento que atua nos “espaços de autonomia” (CASTELLS, 2013). Dentre as 11 postagens do período,

oito tratam do tema da “Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade” divulgando a coleção de toalhas e roupões de tamanhos grandes intitulada “Toalhas para Todes”, (figura 15) criada e lançada pelo movimento/coletivo com os recursos do Edital Empodera (Lojas Renner, ONU Mulheres e Fundo Elas+). Compreendemos que o que pode parecer uma ação banal, na realidade pode ser profundamente dignificante para um corpo gordo ou muito gordo. Uma simples toalha que está disponível em qualquer loja para um corpo magro pode se tornar um problema e mais um objeto de exclusão e precariedade para a vida de um corpo grande.

Figura 15 – Democratização de acesso pelo movimento Toalhas para Todes



Fonte: Vai ter Gorda e Toalha para Todes (2022, s.p)

Outro destaque do perfil são as fotos com as mulheres com seus corpos pintados de rosa e branco em razão do mês de conscientização do câncer de mama. Podemos considerar a arte da pintura corporal em um corpo gordo mais um exercício altamente subversivo. As performances carregam um alto grau de contradição performativa não apenas pela exposição do corpo gordo feminino, mas por reuni-lo juntamente à arte e à discussão da saúde feminina.

Diante de tudo isso, compreendemos que o perfil Vai Ter Gorda, assim como o Movimento Corpo Livre, com suas ações ciberativistas no Instagram se caracterizam como representantes do movimento brasileiro ciberativista gordo, atuando em diversas frentes, na

conscientização, denúncia, combate à gordofobia, educação e celebração da diversidade corporal. Neste movimento emancipatório feminino e feminista entendemos que nossos corpos são uma parte fundamental de nossa vivência como sujeitas, e dessa forma esses movimentos de insujeição e libertação precisam fazer parte de nossa luta como mulheres.

Para que haja cada vez mais corpos livres e cada vez mais mulheres que se unem a estes perfis, com a firme convicção de que sim, vai ter gorda! Nas praias, piscinas, nos ônibus e metrô, no mercado de trabalho, nos atendimentos de saúde de todo tipo, nas lojas de roupas, nas academias esportivas... Em toda a pólis. E na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia. Meu corpo, meu post, minha luta: ativismo de aceitação corporal e feminismo(s) em rede. In: **30º Simpósio Nacional de História** - ANPUH, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AHLGREN, Matt. WEBSITERATING. 40 + Instagram Estatísticas e fatos para 2022. **Equipe WSR**, 01 fev. 2021. Disponível em: <https://www.websiterating.com/pt/research/instagram-statistics/#chapter-1> Acesso em: 21 abr. 2022.

ARRUDA, Agnes de Sousa. **O peso e a mídia**: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade. 2019. 116 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Paulista, UNIP. São Paulo, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Fernando. Minha história: "Sou gorda, sofri preconceito e agora luto por respeito. **Uol - Universa**, São Paulo, 31 mai. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/05/31/sou-ativista-e-criei-um-movimento-contra-a-gordofobia.htm>. Acesso em 28 dez. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. Les Structures Élémentaires de la Parenté, par Claude Lévi Strauss. Les Temps Modernes 7(49): 943-9 (October). Tradução: Marcos P. D. Lanna e Aline Fonseca Iubel. **Revista Campos**, v. 8, n. 1, p.183-189, 2007.

BENTES, Ivana. Economia narrativa: do midiativismo aos influenciadores digitais. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 151-169.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018.

BUTLER, Judith. "Como os corpos se tornam matéria": entrevista com Judith Butler. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 01, p. 155-167, 2002.. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>. Acesso em: 05 mar. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo, Crocodilo Edições, 2019.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem canta o Estado-nação?**: língua, política, pertencimento. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CALLAHAN, Alice. O IMC é uma farsa? O cálculo para medir se a pessoa está ou não com sobrepeso está cada vez mais desatualizado. **O Globo**, São Paulo, 25 out. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/o-imc-uma-farsa-25250565>. Acesso em 28 mar. 2022.

CASTTELS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLING, ANA MARIA. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Editora da UFGD, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

CUSTÓDIO, Gabriela. Autoimagem: a insatisfação com o próprio corpo e a busca por procedimentos estéticos. **SBCP BLOG**, São Paulo, 13 fev. 2021. Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/blog/2021/02/13/autoimagem-a-insatisfacao-com-o-proprio-corpo-e-a-busca-por-procedimentos-esteticos/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CWYNAR-HORTA, J. The commodification of the body positive movement on Instagram. **Stream: Inspiring Critical Thought**, 8(2), 36–56, 2016.

D'ANGELO, Pedro. Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. **Opinion Box News**, Belo Horizonte, 15 jan. 2023. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3 .ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

FELGUEIRAS, Ana Cláudia Leal. Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro: das Sufragistas ao Ciberfeminismo. **Revista Digital Simonsen**, n. 6, p. 108-121, 2017.

GIANTOMASO, Isabela. Instagram: relembre as maiores mudanças da rede social de foto. **TECHTUDO**, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/instagram-relembre-as-maiores-mudancas-da-rede-social-de-foto.ghtml> Acesso em 21 abr. 2022.

GURGEL, Alexandra. Resposta a Danilo Gentili, Alexandrismos, [S. l.: s. n.], 26 dez. 2017. 1 video (12 min 20 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WTb-fxOMxoY> Acesso em: 05 mar. 2022.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Explosão feminista: arte, cultura e política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VAREJÃO, Adriana (Orgs). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

KLEINA, Nilton. Instagram vai focar em vídeos para brigar com TikTok, revela CEO. **TECHTUDO**, São Paulo, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/220353-instagram-focar-videos-brigar-tiktok-revela-ceo.htm>. Acesso em 27 dez. 2022.

KOMPANIETS, Vitaly; LYZ, Alexander; KAZANSKAYA, Alina. An empirical study of goal setting in UX/UI-design. In: **2020 IEEE 14th International Conference on Application of Information and Communication Technologies (AICT)**. IEEE, 2020. p. 1-5.

LERNER, GERDA. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. The Elementary Structures of Kinship, (Boston, 1969), p. 481. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019, p.65.

MASSA, Roberta Franco. O papel histórico do feminismo no reconhecimento dos direitos das mulheres. **Biblioteca do Senado**, v. 21, n. 118, p. 59-79, 2019.

MIGUEL, Katarini. Entendendo a participação no movimento ambiental: ser ou não ser ciberativista do Greenpeace. In: BUENO, Wilson da Costa (org). **Comunicação Empresarial e Sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2015.

MIGUEL, Katarini; RODRIGUES, Rubia Sibele Nogueira. Expressões do ciberativismo de aceitação corporal: descrição de marcos e de experiências comunicativas em rede. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v. 8, n. 1, 2021.

NOGUEIRA, Rubia Sibele; MIGUEL, Katarini Giroldo. Notas sobre as expressões do ciberativismo de aceitação corporal como movimento social em rede da quarta onda feminista. In: **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Virtual – 4 a 9/10/2021**.

ORGANIZAÇÃO THE BODY POSITIVE. **Our Story**. 2019. Disponível em: <https://thebodypositive.org/about-us>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ORTNER, SHERRY B. Is female to male as nature is to culture?. ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHIER, Louise; BAMBERGER, Joan. **Woman, culture, and society**. Stanford University Press, 1974.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **X Congresso Latino-americano de Ciência Política**. México: Tecnológico de Monterrey, 2019. Disponível em: [https://alacip.org/cong19/25-perez 19.pdf](https://alacip.org/cong19/25-perez%2019.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP)**, 2019. Disponível em: [https://alacip.org/cong19/25-perez 19.pdf](https://alacip.org/cong19/25-perez%2019.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. **Revista Panorama-Revista de Comunicação Social**, v. 7, n. 1, p. 2-5, 2017.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. A emergência do ativismo gordo no Brasil. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017/anais/Aemergenciado>. Acesso em: 4 jan. 2022.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. 2018. 178 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis Biblioteca Depositária, Florianópolis, 2018.

RECUERO, Raquel da cunha. Redes sociais na Internet: Considerações iniciais. **E-Compós**. 2005.

RECUERO, Raquel. A nova revolução: as redes são as mensagens. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais**. São Paulo: Creative Commons, p. 14-16, 2011.

SALVADOR, Rodriguez. Instagram surpasses 2 billion monthly users while powering through a year of turmoil. **CNBC**, New York, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2021/12/14/instagram-surpasses-2-billion-monthly-users.html>. Acesso em: 21 de abr. 2022.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Adriana. Vai ter goda na praia sim. **A tarde Uol**, Salvador, 10 jan. 2016.

Disponível em:

<https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/vai-ter-gorda-na-praia-sim-realiza-ato-em-salvador-748151>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SANTOS, Girlene Cordeiro de Lima et al. A força subversiva do performativo: gênero, performatividade e pertencimento em Judith Butler. **Filosofia: os desafios do pensar**, v. 1, n. 1, p. 66-89, 2021.

SCHINESTCK, Letícia Ribeiro. **#BODYPOSITIVE, mas nem tão “POSITIVE” assim**: a discursivização do corpo no Instagram. 2020. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2020.

SHARMA, Arya M.; CAMPBELL-SCHERER, Denise L. Redefining obesity: beyond the numbers. **Obesity**, v. 25, n. 4, p. 660, 2017.

SILVA, Ana Flávia de Sousa; JAPUR, Camila Cremonezi; PENAFORTE, Fernanda Rodrigues de Oliveira. Repercussões das redes sociais na imagem corporal de seus usuários: revisão integrativa. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 36, 2021.

SILVA, Bernardo. Brasil é o segundo país do mundo que passa mais tempo nas redes sociais.

Oficina da Net, 3 Jun. 2021. Disponível em:

https://www.oficinadanet.com.br/midias_sociais/36951-brasil-e-o-segundo-pais-do-mundo-qu-e-passa-mais-tempo-nas-redes-sociais Acesso em: 4 out. 2022.

TOMIYAMA, Janet A. Weight stigma is stressful. A review of evidence for the Cyclic Obesity/Weight-Based Stigma model. **Appetite**, v. 82, p. 8–15, 2014.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

APÊNDICES

Apêndice A – Coleta do perfil Movimento Corpo Livre

Quadro 8 – Coleta completa do perfil Movimento Corpo livre

Data	Legenda	Resumo da postagem	Formato de post	Intenção do post	Tema principal	Causa principal	Interação	Hashtags
15/09/2022	"Em um país onde há 125 milhões de pessoas vivendo em insegurança alimentar e mais de 33 milhões em situação de fome, chamar comida de lixo é extremamente desrespeitoso e nada empático. Esse estereótipo de que pessoas gordas só fazem "gordices" e comem alimentos super calóricos faz com que a gente desenvolva uma relação nada saudável com a comida. E não é sobre saúde que vocês tanto falam?" #corpolivre	Caio mostra um comentário gordofóbico ("Está assim porque só come lixo") e depois o vídeo mostra ele servindo um prato de comida saudável	Vídeo - Colaboração	Ativista	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	10.059 curtidas e reações - 97.384 reproduções - 278 comentários	#corpolivre
15/09/2022	Já ouviu alguma dessas frases? Comenta aqui embaixo o que você já tá cansada de ouvir 🙄 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Carrossel com frases fitness motivacionais opressoras e com explicações de porque elas são gordofóbicas: - Eu treino pra poder comer; - Foca no projeto verão; - Sem dor sem ganho, etc	Texto ¹ - Conteúdo Próprio	Ativista	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	35 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
16/09/2022	O recado foi dado! 🙄 Tenta lembrar dessa na próxima!!! #lgbt #corpolivre	Recado para críticos e agressores gordofóbicos.	Vídeo - Colaboração		Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	2.767 curtidas e reações - 64.996 reproduções - 74 comentários	#lgbt #corpolivre
16/09/2022	Quais dessas vocês já ouviram? Comenta aqui embaixo 🗣️	Coisas absurdas que pessoas fora do padrão já ouviram na academia - Parte 1	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia	Ativismo gordo	89 comentários	#TimeCorpoLivre

	Segue o @timecorpolive pra acompanhar todos os conteúdos que estão saindo por lá ✨ #TimeCorpoLivre				sobre gordofobia			
17/09/2022	“O nanismo não nos aprisiona mas sim nos impulsiona de maneira incrível a me tornar livre dos olhares e achismos alheios.” Uma mensagem inspiradora por @looklittle e @mcdivertida #corpolive	Mensagem da @looklittle e @mcdivertida, duas influenciadoras digitais com nanismo	Vídeo - Conteúdo próprio*	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Anticapacitista	3.708 curtidas e reações - 43.602 reproduções - 25 comentários	#corpolive
17/09/2022	Vamos de parte 2? Segue mais frases sem noção nesse post! 🧑‍🤝‍🧑 Quais dessas você já cansou de ouvir? #TimeCorpoLivre	Coisas absurdas que pessoas fora do padrão já ouviram na academia - Parte 2	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	126 comentários	#TimeCorpoLivre
18/09/2022	O que você gostaria de dizer pro espelho hoje? #CorpoLivre via @kjuliak	Influenciadora Julia falando sobre autoperdão, amor-próprio e autoaceitação	Vídeo - Repost	Motivacional	Autoestima/ Amor-próprio	Autoestima	5.595 curtidas e reações - 80.263 reproduções - 52 comentários	#corpolive
18/09/2022	E esse discurso da @badgalriri? Deu o nome, Riri! #CorpoLivre via @trechosads #movimentocorpolive #rihanna	Rihanna em discurso ativista sobre direitos humanos (machismo, racismo....)	Vídeo - Repost		Outros	Outros	6.470 curtidas e reações - 93.352 reproduções - 12 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolive #rihanna
19/09/2022	O que você mais gosta de fazer na academia? 😊✨ #TimeCorpoLivre	Carrossel com frases engraçadas sobre o que as pessoas fazem na academia sem ser malhar	Texto - Conteúdo Próprio	Engraçado/ meme	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	23 comentários	#TimeCorpoLivre
19/09/2022	Já ouviu alguma dessas frases? Eu já ouvi todas 😊 Posso dizer que gabaritei... #lgbt #corpolive	Caio fala de frases homofóbicas e de mau gosto que pessoas LGBTQI+ sempre escutam	Vídeo - Colaboração	Ativista	Outros	Ativismo LGBTQIAP+	2.678 curtidas e reações - 54.747 reproduções - 44 comentários	#lgbt #corpolive
19/09/2022	Kim Kardashian e as famosas estão emagrecendo e o culto à magreza parece não ter ido embora. Bora conversar sobre?	Alexandra Gurgel fala sobre o novo momento em que Kim Kardashian e as irmãs aparecem mais magras e outras iniciativas da indústria de moda e do emagrecimento *da qual	Vídeo - Conteúdo próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/	Ativismo gordo	96.336 curtidas e reações - 1.081.520 reproduções -	#padraodebeleza #kimkardashian #corpolive #y2k

	#padraodebeleza #kimkardashian #corpolivre #y2k	as Kardashian são garotas propagandas) trazendo de volta a cultura do corpo muito magro e sem curvas dos anos 2000. E as consequências dessas imagens e discursos, e pressões por um novo padrão corporal na vida das mulheres e meninas.			denúncia sobre a indústria performativa da magreza		1509 comentários	
20/09/2022	Compartilha se você sabe que tem alguém que precisa entender esse recado! #CorpoLivre #TimeCorpoLivre Segue o @timecorpolivre e aproveita pra já maratona todos os conteúdos do perfil! ✨	Carrossel com texto: Gorda não é xingamento, é característica física. Magra não é elogio é característica física.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	9 comentários	#CorpoLivre #TimeCorpoLivre
20/09/2022	A arte de se ver uma vida em segundos! Vídeo via @filosofia_arte_literatura	Vídeo de quadro em galeria de arte.	Vídeo - Repost	Motivacional	Outros	Antietarismo	8.933 curtidas e reações - 127.660 reproduções - 66 comentários	
21/09/2022	Você já parou pra pensar que durante o dia a gente acaba se alongando sem perceber? #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Carrossel sobre alongamentos que fazemos no dia a dia.	Texto - Conteúdo Próprio	Educativo	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	5 comentários	#CorpoLivre #TimeCorpoLivre
21/09/2022	Um recado pra vocês sobre o Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência! ❤️ #CorpoLivre via @rafabrunelli	Mensagem sobre Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência	Vídeo - Colaboração	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Anticapacitista	640 curtidas e reações - 10.733 reproduções - 5 comentários	#corpolivre
22/09/2022	Quais outras situações vocês considerariam uma atividade física? Comenta aqui embaixo 😊💕 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Situações do dia a dia que também são atividade física	Texto - Conteúdo Próprio	Engraçado/meme	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	97 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
23/09/2022	Bora acordar nesse mood hoje? #corpolivre Vídeo da fofíssima @charlotte.a.tucker ✨	Mensagem inspiradora com garotinha de 2 anos.	Vídeo - Repost	Engraçado/meme	Outros	Outros	2.628 curtidas e reações - 78.901 reproduções - 12 comentários	#corpolivre
23/09/2022	Caso você ainda precise ouvir isso: não fale do corpo dos outros. Compartilha essa mensagem se você já está cansada de ouvir preconceito	Texto: Não fale do corpo dos outros.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/	Ativismo gordo	12 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre

	disfarçado de "opinião". #TimeCorpoLivre #CorpoLivre				denúncia sobre a indústria performativa da magreza			
23/09/2022	Solteira ou sozinha? #corpolivre	Trecho de uma novela: "Solteira... não sozinha..."	Vídeo - Repost	Engraçado/ meme	Feminismo	Feminismo	23 comentários	#corpolivre
24/09/2022	Marca aqui uma amiga que faria esse treino com você! 🥰🥰 Obs: diquinhas recheadas de humor #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Micro série de exercícios...	Texto - Conteúdo Próprio	Educativo	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	36 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
24/09/2022	Como a bilheteria de um único filme pode ajudar a dar espaço para novos protagonistas que irão liderar as bilheterias do cinema? Vem que a @violadavis te explica 😊 #CorpoLivre via @eolor #amulherrei #feminismo	Viola Davis fala sobre o filme #amulherrei, #feminismo e negritude.	Vídeo - Repost	Ativista	Feminismo	Feminismo	9.741 curtidas e reações - 118.236 reproduções - 61 comentários	#corpolivre #amulherrei #feminismo
25/09/2022	Diz aqui nos comentários: por quanto tempo? #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Por quanto tempo vc deixou de se exercitar por medo de não conseguir?	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	5 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
25/09/2022	Pra você se emocionar com a gente! ❤️ #CorpoLivre via @mclomaofficial #maternidade #maternidadereal	MC Loma amamentando pela primeira vez.	Vídeo - Repost	Motivacional	Outros	Outros	12.504 curtidas e reações - 119.556 reproduções - 116 comentários	#CorpoLivre #maternidade #maternidadereal
25/09/2022	E se o feminismo fosse igual ao machismo? Como seria? #CorpoLivre via @claudiacampolina	Influenciadora @claudiacampolina fazendo uma crônica do machismo.	Vídeo - Repost	Ativista	Feminismo	Feminismo	8.751 curtidas e reações - 147.601 reproduções - 84 comentários	#corpolivre
26/09/2022	Tem forma melhor de começar a semana do que se movimento e fofocando? Então vem que hoje o carrossel é feito pra você que ama fofocar durante o treino! 🥰🧠 #TreinoCorpoLivre #CorpoLivre	Momentos no treino bons para fofocar.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	6 comentários	#TreinoCorpoLivre #CorpoLivre

26/09/2022	Esse caso aconteceu hoje, e o gatilho de já ter escutado que a luta anticapacitista é rasa e sem fundamento veio com tudo. #PraTodosVerem Deives é um homem branco com cabelos e bigode castanhos. Está vestindo uma camiseta verde clara e atrás dele, um mapa em uma parede azul com uma planta do lado esquerdo.	Influenciador Deives falando sobre caso de ataque capacitista e luta anticapacitista	Vídeo - Colaboração	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Anticapacitista	3.581 curtidas e reações - 238.471 reproduções - 168 comentários	#PraTodosVerem
26/09/2022	Hoje, no Dia Nacional do Surdo, vamos relembrar esse vídeo da atriz Margot Robbie que viralizou essa semana quando ela se comunicou com um fã por meio da língua de sinais. Maravilhosa, né? ✨💖 E vale ressaltar a importância de estudarmos essa língua para que possamos nos comunicar com todos! Fica a dica e o incentivo! #diamundialdosurdo #linguadesinais #CorpoLivre	Vídeo da atriz Margot Robbie que viralizou, no qual ela se comunica com um fã por meio da língua de sinais.	Vídeo - Repost	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Anticapacitista	13.289 curtidas e reações - 109.658 reproduções - 158 comentários	#diamundialdosurdo #linguadesinais #CorpoLivre
27/09/2022	Manda esse conteúdo pra quem está se exercitando com o objetivo de emagrecer! 😊 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #exerciciofísico	Texto falando sobre se exercitar em busca de um padrão inalcançável e maltratar seu corpo x se exercitar para se cuidar, por amor ao seu corpo.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	10 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #exerciciofísico
27/09/2022	O nosso corpo é errado ou a sociedade não é estruturada pra gente? A verdade mesmo é que por anos foi perpetuado que o corpo gordo não é um corpo digno. Por ser uma cultura que atravessa décadas e gerações, acabamos desse jeito: não cabendo mais na sociedade. Ela foi estruturada por pessoas magras, para pessoas magras.	Caio Revela fala da gordofobia estrutural da indústria da moda e vestuário.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	4.577 curtidas e reações - 75.373 reproduções - 200 comentários	#corpolivre

	Comprar uma simples peça de roupa sempre é um desespero. Nunca tem o tamanho, passamos situações de humilhação por parte dos vendedores, e por aí vai... Mas cá estamos nós resistindo a cada dia que passa! Me conta alguma situação que você já passou na hora de comprar roupa? #corpolivre							
27/09/2022	Um pequeno lembrete pra você que pode estar precisando receber essa mensagem hoje! ✨❤ #Corpolivre via @kerenpaiva #acne #semfiltro #pelereal	Sobre aceitação da beleza real, pele real, com acne, sem filtros.	Vídeo - Repost	Motivacional	Feminismo	Feminismo	1.338 curtidas e reações - 27.186 reproduções - 9 comentários	#Corpolivre #acne #semfiltro #pelereal
27/09/2022	Até quando situações como essas vão continuar acontecendo? Até quando quem é preto vai ser visto como feio? Até quando bullying e racismo vão continuar sendo "piada"?	Menino negro chamado de cocô pergunta para mãe se um dia ele vai ficar branco.	Vídeo - Repost	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Antirracista	3.543 curtidas e reações - 60.389 reproduções - 315 comentários	
28/09/2022	Nem sempre a gente consegue dar a resposta que tá na nossa cabeça, né? Mas que dá vontade de falar, dá 😊 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Sugestões de respostas espirituosas a comentários gordofóbicos.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	25 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
28/09/2022	Um vídeo para todas as lobas de plantão! 🐾❤🔥 #CorpoLivre via @mariacandidatv	Jornalista Maria Candido dançando e mostram os cabelos grisalhos.	Vídeo - Repost	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Antietarismo	3.842 curtidas e reações - 69.069 reproduções - 61 comentários	#corpolivre
28/09/2022	Você precisa entender que não vai agradar todo mundo e tá tudo bem! Eu sei que não é fácil entender isso, mas vamos praticar? #corpolivre	Caio aparece de sunga se abraçando e falando sobre autoamor.	Vídeo - Colaboração	Motivacional	Exposição do corpo gordo	Ativismo gordo	5.721 curtidas e reações - 89.082 reproduções - 141 comentários	#corpolivre
29/09/2022	E aí, me conta quantos dedos sobrou?	Video sobre situações que as pessoas gordas enfrentam no dia a dia	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia	Ativismo gordo	15.026 curtidas e reações -	#corpolivre

	Relembrando esse vídeo que gravei com o maravilhoso @klebiodamas! #corpolivre				sobre gordofobia		217.589 reproduções - 390 comentários	
29/09/2022	Você sabe por que a gente não resiste de falar mal da aparência dos outros? #corpolivre	A Cofundadora do movimento Corpo Livre Beta Boechat (mulher trans) fala sobre questões de aceitação corporal	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	9.049 curtidas e reações - 200.441 reproduções - 138 comentários	#corpolivre
29/09/2022	Qual desses 4 exercícios vocês acham que merece levar a medalha de ouro? 🏆 Obs: Se você se exercita ou tem vontade de se exercitar, segue o @timecorpolivre para receber inspirações diárias de corpos livres em movimento! 💖 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #exerciciofisico	Exemplos de bons exercícios que merecem levar uma medalha de ouro.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	23 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #exerciciofisico
29/09/2022	Preparando o corpinho pra curtir a liberdade de um país para todos 💖 Mais alguém nesse mood pra domingo? 🔥💖🔥	Lula fazendo exercicios fisicos numa academia e sorrindo.	Vídeo - Repost	Motivacional	Outros	Outros	63.575 curtidas e reações - 734.675 reproduções - 1470 comentários	
30/09/2022	O seu corpo é lindo, do jeito que ele é agora! A real beleza vai além do que o “padrão” impõe pra gente. Todos os corpos merecem ser amados e tratados com carinho. Já fez algo pelo seu corpo hoje, por amor a ele? Me conta! #corpolivre	Caio fala do conflito com o corpo e os sofrimentos que passou para ter o corpo "ideal".	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	11.720 curtidas e reações - 143.259 reproduções - 279 comentários	#corpolivre

30/09/2022	Qual desses motivos já te impediu ou ainda te impede de se exercitar? Conta pra gente! #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Carrossel com frases dizendo para as pessoas não deixarem de se exercitar por razões gordofóbicas.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	9 comentários	#TreinoCorpoLivre #CorpoLivre
30/09/2022	Essa semana eu falei nos stories sobre a importância de desistir de ser magra, para o nosso processo. É como se fosse uma barreira que você precisa derrubar para conseguir passar de fase (real). Digo isso com tanta convicção porque foi o que fez o meu processo começar de verdade. Claro, às vezes nós temos que nos lembrar do porque desistimos desse sonho e acolher a frustração. Mas posso falar uma coisa? VALE MUITO A PENA! 💖 Meu amor, desista desse sonho bizarro que colocaram na sua cabeça... Sonhe em ser livre, em ser feliz, em ser rica, viajada, estudada, sonhe em ser VOCÊ! Faz sentido? 💖 Ps: Gente, vale lembrar que vocês podem sonhar com o que quiserem! Aqui eu compartilho minha visão e minha experiência e nesse vídeo especificamente falo para mulheres que sofrem de auto ódio, dismorfia corporal, transtorno alimentar.... E a obsessão pela magreza só intensifica tudo isso! Tenham seus objetivos mas ponham sua saúde em primeiro lugar! 😊💖	Laura Cunha falando sobre a idealização da magreza e a frustração constante das mulheres.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	11.731 curtidas e reações - 176.533 reproduções - 163 comentários	

30/09/2022	Discurso forte e inspirador para lembrar a você que o seu corpo PODE! ✨ Pode dançar, treinar, ser amado, cuidado e mais infinitas possibilidades. Não deixe que limitem seus sonhos pelo tamanho do seu corpo. Vai lá, e corre pra realizar isso! Sempre é tempo para vivermos o que sonhamos. #CorpoLivre via @learnwithhuraيرا #dança #meucorpopode #movimentocorpolivre	@learnwithhuraيرا contando sua história com a dança.	Vídeo - Repost	Motivacional	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	43.242 curtidas e reações - 381.245 reproduções - 309 comentários	#CorpoLivre #dança #meucorpopode #movimentocorpolivre
01/10/2022	Tudo de mais valioso que aprendi (e aprendo) nesse caminho de autoconhecimento é que meu corpo não é errado 😊 Desde criança lido com questões de acessibilidade e não é fácil entrar nessa discussão porque quando se trata do corpo gordo as pessoas não estão nem dispostas a ouvir. Quando a gente substitui o medo por força a gente percebe o quanto é importante nos posicionar. O quanto precisamos marcar uma barreira até onde as pessoas podem chegar. @historiasdeterapia #corpolivre	Caio fala de acessibilidade, amor próprio e empoderamento gordo.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	4.156 curtidas e reações - 55.541 reproduções - 106 comentários	#CorpoLivre
01/10/2022	Lembrete do dia: Compartilha o lembrete que mais te representa hoje! ✨ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #lembretedodia	Lembretes motivacionais do Time Corpo Livre com o claro objetivo de serem compartilhados: "Nao critique... "Nao se compare... etc."	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	- comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #lembretedodia
01/10/2022	A Lorena Eltz postou nas suas redes esse vídeo falando da importância de entendermos sobre a nossa saúde mental. Bora conversar sobre? #CorpoLivre via @lorenaeltzz	Lorena Eltz em vídeo falando da importância de entendermos sobre a nossa saúde mental.	Vídeo - Repost	Ativista	Saúde & bem-estar	Saúde Mental	5.200 curtidas e reações - 82.332 reproduções - 16 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #saudemental

	#movimentocorpolivre #saudemental							
02/10/2022	Treinar pensando em qualquer outra coisa? Quem nunca? 😊😊 O que mais passa na sua cabeça durante o treino? Conta tudooooo! #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Frases engraçadas sobre episas que passam na cabeça durante o treino.	Texto - Conteúdo Próprio	Engraçado/meme	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	2 comentários	#TreinoCorpoLivre #CorpoLivre
03/10/2022	Crianças gordas também precisam de amor, carinho e acolhimento 🌻 Já passou por algo parecido? Me conta aqui! #corpolivre	Caio falando sobre a gordofobia que sofreu na infância e suas consequências.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	3.071 curtidas e reações - 54.045 reproduções - 114 comentários	#corpolivre
03/10/2022	“Corpo livre é se amar onde você está na sua vida!” Precisa dizer mais? E mulheres, lembrem-se: vocês não precisam debater sobre os seus corpos com homem nenhum! #CorpoLivre via @karamoshow #bodypositivity #amorproprio #movimentocorpolivre	Vídeo do Programa do Karamo (EUA) em que uma mulher fala sobre o que é um corpo livre, enquanto é atacada por um homem gordofóbico.	Vídeo - Repost	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	23.973 curtidas e reações - 403.326 reproduções - 208 comentários	#CorpoLivre #bodypositivity #amorproprio #movimentocorpolivre
03/10/2022	Mood debochada ativada ✅ para essas perguntas ultrapassadas que nem deveriam ser ditas! E você, responderia o que pra uma audácia dessa? 🤔😊 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Sugestões para perguntas ultrapassadas que nem deveriam ser ditas como: "Você é tão bonita de rosto..."	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	19 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
04/10/2022	Tem algo no seu corpo que te incomodava e agora não mais? Eu demorei pra entender que as manchas nas minhas pernas são apenas características do meu corpo. Fazem parte da minha história. Mas por muito tempo me privei de viver uma	Caio mostra as manchas do interior das coxas dele devido ao atrito.	Foto - Colaboração	Ativista	Exposição do corpo gordo	Ativismo gordo	190 comentários	#CorpoLivre

	vida mais livre e confiante por sentir vergonha ou achar “feio”. É um processo, mas você vai chegar nesse lugar de amar o seu corpo também. #corpolivre							
04/10/2022	A maravilhosa mamãe do momento, @claudiairaia deixando bem claro pra todo mundo que mulher aos 50 pode tudo! A idade é só um número. Viva o seu melhor agora! É como ela mesma disse: “Porque fazer planos é estar vivo!” E não errou! Falou tudo, Claudia! Muitas bênçãos nessa nova etapa que se inicia! #CorpoLivre via @tvglabo #movimentocorpolivre #maternidade	@claudiairaia (grávida) falando que a mulher aos 50 pode tudo! A idade é só um número.	Vídeo - Repost	Motivacional	Feminismo	Antietarismo	28.643 reproduções 2213 curtidas e reações 24 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #maternidade
05/10/2022	Pelo o que você quer se perdoar? Conta pra mim! #corpolivre	Caio pedindo perdão a si mesmo por todas as vezes que se feriu, machucou e levou seu corpo ao limite para se adequar ao padrão e emagrecer.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	60.442 reproduções 4329 curtidas e reações 271 comentários	#CorpoLivre
05/10/2022	Sabe quando você fica toda dolorida depois de malhar? Então, isso é algo natural ou você deve se preocupar? Vem com a gente nesse carrossel que a gente te explica algumas coisas que podem e que não podem quando se fala de exercício físico! #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #exerciciosemcasa #exerciciofisico	Explicações e inforções sobre exercício físico.	Texto - Conteúdo Próprio	Educativo	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	16 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #exerciciosemcasa #exerciciofisico

05/10/2022	Bruna Linzmeyer perguntou e queremos saber de vocês: Quanto custa pra caber? Vale a pena? Conta aqui pra gente se você já passou por coisa parecida e lembre-se: Não existe corpo perfeito, porque perfeito mesmo é viver amando cada curva do seu corpo. #CorpoLivre via @brunalinzmeyer Na foto: @michaelastark @charlihoward #movimentocorpolivre #padraodebeleza	Repost do repost... De uma exposição de arte sobre o padrão de beleza.	Fotos - Repost	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	85 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #padraodebeleza
06/10/2022	'Autoestima': qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, consequentemente, confiança em seus atos e julgamentos. Ou seja, a autoestima é única e exclusivamente sobre você! #CorpoLivre via @paracomissoficial #movimentocorpolivre #autoestima	Influenciadora @paracomissoficial (Paty) falando que autoestima não é para os outros mas sim para a gente.	Vídeo - Repost	Motivacional	Saúde & bem-estar	Saúde Mental	31298 reproduções 1658 curtidas e reações 10 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #autoestima
06/10/2022	Me diz aqui embaixo: porque você treina e coloca seu corpo em movimento? E se você ainda não se exercita, tá aí alguns motivos pra você começar a treinar! ✨💖 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Vídeos com pessoas gordas ou fora do padrão se exercitando e alguns motivos para começar a se exercitar.	Vídeo+Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	24 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
07/10/2022	A verdade mesmo é que o mundo não é feito para nós. Não cabemos nos lugares e isso gera um sentimento de não pertencimento gigantesco. Estamos aqui lutando para que você entenda que o errado nessa história não é você, é a sociedade. #corpolivre	Caio falando sobre acessibilidade, o problema das cadeiras que não comportam corpos gordos em todos os lugares, escritórios, cinemas, restaurantes, etc. > MUITAS MULHERES COMENTANDO	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	74289 reproduções 3322 curtidas e reações 121 comentários	#corpolivre

07/10/2022	Bora amar os nossos fios brancos? A Tháta Menezes contou nesse vídeo sobre a sua relação com os fios, que são "indesejados" por muitas. #CorpoLivre via @thatamnz #movimentocorpolivre #fiosbrancos #autoestima	Tháta Menezes fala sobre a sua relação de aceitação dos fios brancos.	Vídeo - Repost	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Antietarismo	46049 reproduções 2673 curtidas e reações 59 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #fiosbrancos #autoestima
07/10/2022	O que você responderia para essa pergunta? Comenta aqui embaixo a sua resposta 🌟🗣️ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Respostas para a pergunta gordofóbica : "Eu acho que você não vai conseguir fazer isso", na academia ou na vida...	Texto - Conteúdo Próprio	Engraçado/meme	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	8 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
08/10/2022	u quero saber o que vocês acharam dessa novidade... 🤔 A insatisfação que a sociedade nos faz sentir é tão grande que coisas como essas estão ficando cada vez mais normalizadas, infelizmente. #corpolivre	Caio fala sobre a normalização de comportamentos abusivos em busca do corpo ideal, como as roupas/corpos de silicone musculosos vendidos na internet.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	198.822 reproduções 9.399 curtidas e reações 212 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #autoestima
08/10/2022	Por que o padrão de beleza é algo inatingível? Vem que a gente te explica essa história! ✨ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #padrãodebeleza	Texto sobre por que o padrão de beleza é algo inatingível.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	17 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #padrãodebeleza
08/10/2022	Oprah Winfrey aos 23 foi demitida. Aos 30 Harrison Ford era carpinteiro. Ou seja, não existe idade limite para realizar seus sonhos. Se conheça, entenda suas vontades e se joga! #CorpoLivre #movimentocorpolivre #sonhos	Atriz americana falando sobre sonhos.	Vídeo - Repost	Motivacional	Outros	Outros	110.948 reproduções 5534 curtidas e reações 28 comentários"	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #sonhos
09/10/2022	A cantora Pabllo Vittar fez um show ontem que contou com a participação da incrível	Explicação do comportamento da cantora com um jovem com Down	Vídeo - Repost	Motivacional	Educação política sobre	Ativismo Anticapacitista	75368 reproduções	#CorpoLivre #pabllovittar

	Joana, uma fã de Pablo que tem Síndrome de Down e estava comemorando seu aniversário na noite do show. Pablo convidou Joana para cantar e dançar a música “Parabéns” no palco, e a vibe não podia ser outra além dessa que foi maravilhosa! #CorpoLivre #pablovittar				diversidade corporal		7548 curtidas e reações 113 comentários"	
09/10/2022	Diz aqui pra gente: qual outro diálogo saudável seria TUDO em um mundo ideal?  #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Exemplos de diálogos saudáveis sobre corpo e exercícios.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	14 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
10/10/2022	Hoje eu sei que meu corpo não é um problema, hoje eu sei da importância de estar rodeado de pessoas que gostam e torcem por mim do jeito que sou. Hoje eu sei a importância de me enaltecer e não de me autodepreciar ❤️ #corpolivre	Caio fala dos problemas de aceitação e exclusão social enfrentados pelas pessoas gordas e as incentiva.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	124055 reproduções 9529 curtidas e reações 320 comentários"	#corpolivre
10/10/2022	“Um gordo se amar é romantizar a obesidade.” Sério? Sou constantemente bombardeada por essas afirmações, não só do meu conteúdo, como também de amigos gordos criadores aqui da plataforma. Leio que eu romantizo sim a obesidade, apenas por estar aqui me amando e inspirando outras pessoas a se amarem também. Enquanto isso ainda temos aqui no Instagram aos montes o exato contrário do	Alexandra, fundadora do perfil, fala sobre a questão da legenda.	Fotos + texto - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	450 comentários	#corpolivre

	amor-próprio: dietas milagrosas, remédios que podem engatilhar transtornos alimentares e um universo de coisas em torno do emagrecimento a todo custo. Como pode isso ser normal, e nós nos amarmos não? O que vocês acham disso? #corpolivre							
11/10/2022	Ao sempre dizer sim, você até que evita desagradar alguém, mas tudo tem um custo, né? #corpolivre	Sobre falar não.	Vídeo - Colaboração	Motivacional	Saúde & bem-estar	Saúde Mental	37.616 reproduções 2042 curtidas e reações 56 comentários"	#corpolivre
11/10/2022	Meu corpo pode TU-DO! E o seu também, viu? ❤️😏 Conta pra gente algo que você se permitiu fazer e que antes não fazia. #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #padraodebeleza	Coisas que o corpo gordo pode.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	9 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #padraodebeleza
11/10/2022	Kanye West relaciona o amor-próprio a algo "demoníaco" e ataca a cantora Lizzo. Bora falar sobre? #corpolivre #bodypositive #lizzo #kanyewest	Alexandra Gurgel, fundadora do perfil, falando sobre episódio em que Kanye West é gordofóbico com cantora Lizzo e pessoas gordas em geral.	Vídeo - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	446.434 reproduções 40931 curtidas e reações 556 comentários"	#corpolivre #bodypositive #lizzo #kanyewest
12/10/2022	Um rabaaaun passando pela sua timeline nessa manhã de quarta-feira 🍎 #corpolivre	Caio responde ao comentário: "Sua sunga é do tamanho de um cobertor..."	Vídeo - Colaboração	Engraçado/meme	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	260.544 reproduções 20.659 curtidas e reações 685 comentários	#corpolivre

12/10/2022	E a debochada ataca novamente respondendo essas benditas frases MEGA inconvenientes! 🤔😬🌀 Paciência, viu? #TimeCorpoLivre #corpolivre	Respostas para: "Eu tenho uma dieta que você vai amar"....	Texto - Conteúdo Próprio	Engraçado/meme	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	13 comentários	#TimeCorpoLivre #corpolivre
13/10/2022	Final de semana está chegando, e com ele diquinhas de filmes #CorpoLivre para assistir sem sair de casa! Prepara a pipocaaaa! 🍿 #TimeCorpoLivre #dicasdefilmes	Dicas de filmes com protagonistas gordas.	Fotos + texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	8 comentários	#TimeCorpoLivre #dicasdefilmes
13/10/2022	Por que as pessoas sentem que as outras devem satisfação de suas vidas? Se cada um viver a sua, fica todo mundo feliz. Bora praticar? ✨ #CorpoLivre via @anacontti50mais #movimentocorpolivre #idade	Gloria Maria falando sobre os outros quererem saber sua idade.	Vídeo - Repost	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Antietarismo	26.925 reproduções 2084 curtidas e reações 26 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #idade
13/10/2022	Alguém mais nesse mood por aí? 😊 #CorpoLivre via @elizianeberberian #movimentocorpolivre #frasesmotivacionais	Video engraçado da @elizianeberberian	Vídeo - Repost	Engraçado/meme	Outros	Outros	78963 reproduções 3784 curtidas e reações 19 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #frasesmotivacionais
14/10/2022	Anota aí pra não esquecer! 😊 Deixa aqui nos comentários uma frase que te ajuda no dia-a-dia! #corpolivre #movimentocorpolivre #lembreteodia	Frase motivacional/ bem-estar.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Saúde Mental	- comentários	#corpolivre #movimentocorpolivre #lembreteodia

14/10/2022	Dançando com o amor-próprio ❤️ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #amorproprio	Video de moça dançando sozinha.	Vídeo - Repost	Motivacional	Autoestima/ Amor-próprio	Autoestima	53.601 reproduções 52985 curtidas e reações 31 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #amorproprio
14/10/2022	E tá errada? 🤔 #CorpoLivre via @cinematologia #movimentocorpolivre #amor #carencia	Frame do filme Angela, sobre carencia afetiva.	Foto - Repost	Motivacional	Autoestima/ Amor-próprio	Autoestima	13 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #amor #carencia
15/10/2022	Responde pra gente: o que faz o seu corpo ser um #CorpoLivre? Por aqui, uma das várias coisas, é se exercitar por amor ao próprio corpo. ✨ #movimentocorpolivre #timecorpolivre	Reforçando que para ter um corpo livre basta ter um corpo e aprender a ama-lo.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	7 comentários	#movimentocorpolivre #timecorpolivre
15/10/2022	Cuidado ao basear sua vida no que a outra pessoa mostra na internet. A atriz Giovanna Antonelli já avisou: Nem tudo é o que parece ser! #CorpoLivre via @giovannaantonelli #movimentocorpolivre #redessociais	A atriz manda um recado sobre as redes sociais.	Vídeo - Repost	Educativo	Outros	Outros	105994 reproduções 6207 curtidas e reações 4 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #redessociais
17/10/2022	E tá dado o recado 🗣️ #CorpoLivre via @cleo #movimentocorpolivre #tatuagens	Cleo fala sobre ser velha e tatuada.	Vídeo - Repost	Ativista	Autoestima/ Amor-próprio	Antietarismo	139.089 reproduções 7882 curtidas e reações 43 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #tatuagens
17/10/2022	Bora desafiar nós mesmas a encontrar um novo hobbie que faça nosso corpo estar em movimento? Qual desses você escolheria fazer? Me: TODOS! 🤪 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre #hobbies	Ideias de atividades físicas.	Video+Texto - Conteúdo Próprio (videos com mulheres gordas)	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	6 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre #hobbies

18/10/2022	Por muito tempo achei que o suor fazia o meu corpo ser errado. Pessoas gordas vivem isso diariamente. Alguma vez você já se sentiu assim? Me conta! #corpolivre	Caio fala sobre o suor e a aversão/gordofobia que as pessoas gordas enfrentam.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	49437 reproduções 3223 curtidas e reações 71 comentários	#corpolivre
18/10/2022	Quem nunca quis dar uma resposta parecida? Comenta aqui embaixo qual dessas situações já aconteceu com você e qual seria a sua resposta! 🥰✨ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Respostas para falas sem nenhum bom senso, gordofóbicas ou sobre o padrão de beleza.	Video+Texto - Conteúdo Próprio	Engraçado/meme	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	3 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
18/10/2022	O quão a opinião dos outros já te impediu de ser você mesma? Divide com a gente! ✨ #CorpoLivre via @josemicardteixeira.coach #movimentocorpolivre #opinioao	Gabriela Priori fala sobre não viver segundo a opiniao dos outros.	Vídeo - Repost	Motivacional	Autoestima/Amor-próprio	Autoestima	30215 reproduções 1530 curtidas e reações 5 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #opinioao
19/10/2022	Será que realmente não somos dignos de respeito? Não cabemos na sociedade porque ela foi pensada para pessoas magras. Essa é a verdade. Assista ao vídeo e comenta aqui! Vamos conversar sobre. #corpolivre	Caio fala sobre o caso de gordofobia da You Tuber contra duas pessoas gordas no vôo da American Airlines e a convivência da companhia e sociedade.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	177928 reproduções 12774 curtidas e reações 485 comentários	#corpolivre
19/10/2022	A regata branca voltou na moda! Mas essa moda veste todo mundo? #CorpoLivre via @guilherminalibanio #movimentocorpolivre	@guilherminalibanio fala sobre a nova moda no corpo que não é padrão.	Vídeo - Repost	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia	Ativismo gordo	50813 reproduções 4283 curtidas e reações 93 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre

					sobre a indústria performativa da magreza			
20/10/2022	Eu ouvi playlist Corpo Livre? Vem com a gente nesse carrossel que hoje a gente trouxe algumas músicas pra você ouvir no seu treino enquanto se sente uma grande gostosa! 🍷🏃♀️ Aproveita e comenta aqui embaixo se vocês querem essa playlist completa que o time já produz e disponibiliza pra vocês! ✨ #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	Sugestões de músicas para se sentir uma "grande gostosa".	Video+Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	22 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
20/10/2022	Alguém mais já postou, ou ainda posta, foto de rosto pra esconder o corpo que tem? Me conta sua relação com isso! Bora conversar! #corpolivre	Caio fala sobre autoaceitação corporal.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	46237 reproduções 3364 curtidas e reações 121 comentários	#corpolivre
20/10/2022	É o que sempre falamos, magreza não é sinônimo de saúde, nem de felicidade! Dismorfia corporal e transtornos alimentares não tem cara, nem corpo específico, estamos TODOS suscetíveis. Vocês sabiam desse caso? Me conta aqui!! 💖	Lara Cunha fala sobre o caso de disformia corporal da cantora Natalie Imbruglia.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	23984 reproduções 1257 curtidas e reações 22 comentários	
21/10/2022	Quando entendi que eu tenho os mesmos direitos que qualquer outra pessoa que está no mesmo ambiente que eu, tudo mudou. Já passou por alguma situação dessas? Me conta!	Texto do vídeo: POV: VC é uma pessoa gorda que não tem mais vergonha de pedir cadeiras sem braços nos restaurantes.	Vídeo - Colaboração	Educativo	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	131768 reproduções 10082 curtidas e reações 112 comentários	#corpolivre #pov

	#corpolivre #pov							
21/10/2022	Um sorriso vale mais que mil palavras! ✨💖 #CorpoLivre	Video mostrando alegria de criança transgenera.	Vídeo - Repost	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo LGBTQIAP+	197287 reproduções 15470 curtidas e reações 448 comentários	#corpolivre
21/10/2022	Final do ano tá chegando e todo mundo já começa a preparar quais vão ser as metas pra 2023. Então bora aproveitar esse momento pra botar em prática algumas metas possíveis e saudáveis? Comenta aqui embaixo qual você já vai anotar no seu caderninho! ✨💖 #TimeCorpoLivre #CorpoLivre	5 metas possíveis e saudáveis para 2023.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Saúde Mental	10 comentários	#TimeCorpoLivre #CorpoLivre
22/10/2022	O que falta para que pessoas g0rda! possam receber atendimento digno e empático? Alguma vez você já se sentiu assim? Me conta! #corpolivre	Caio fala sobre gordofobia médica (POV).	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	164972 reproduções 12777 curtidas e reações 344 comentários	#corpolivre
22/10/2022	Preconceito disfarçado de opinião que chama, né?#CorpoLivre via @santanath#movimentocorpolivre #cabelo #opinio	@santanath falando sobre cabelo afro.	Vídeo - Colaboração	Engraçado/meme	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Antirracista	50536 reproduções 3842 curtidas e reações 42 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #cabelo #opinio
22/10/2022	Manda pra alguém que precisa ser lembrada disso ✨ #timecorpolivre #corpolivre #lembrete	Lembrete diario sobre produtividade.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Saúde Mental	- comentários	#timecorpolivre #corpolivre #lembrete
23/10/2022	Um sorriso maravilhoso desse passando na timeline muda a vibe do dia, né? #CorpoLivre via @_bristylez_ #movimentocorpolivre #afro	Menina com lace de tranças.	Vídeo - Repost	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo Antirracista	33311 reproduções 3647 curtidas e reações 28 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #afro
23/10/2022	E você, já disse algum “não” hoje?	@khalilhana fala sobre a importância do não para uma mulher	Vídeo - Repost	Ativista	Feminismo	Feminismo	53975 reproduções	#CorpoLivre

	#CorpoLivre via @khalilhana #movimentocorpolivre #nao						3152 curtidas e reações 8 comentários	#movimentocorpolivre #nao
24/10/2022	E é como eu sempre digo: quem gosta de beleza interior é decorador! #corpolivre	Caio reage à comentário sobre "beleza interior".	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	100072 reproduções 4354 curtidas e reações 119 comentários	#corpolivre
24/10/2022	“Pra que academia? Você podia pensar em fazer uma cirurgia...” Alguém por aí se identifica com essa frase ou alguma dessas do carrossel? Conta pra gente! #CorpoLivre #TimeCorpoLivre #Academia	Frases gordofóbicas sobre o corpo e exercício físico.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	22 comentários	#CorpoLivre #TimeCorpoLivre #Academia
24/10/2022	Bryanna participou do programa Casos de Família e conversou sobre um episódio da sua vida onde pediu para Deus a fazer “normal”. Relato forte e necessário dessa maravilhosa para inspirar. Alguém aí quer dividir uma história parecida? Conta pra gente! #CorpoLivre via @bryannanasck #movimentocorpolivre #lgbt #trans	A Influenciadora Bryanna (mulher trans) participou do programa Casos de Família e conversou sobre um episódio da sua vida onde pediu para Deus a fazer “normal”. Relato forte e necessário dessa maravilhosa para inspirar.	Vídeo - Repost	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo LGBTQIAP+	37504 reproduções 2275 curtidas e reações 15 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #lgbt #trans
25/10/2022	Fui obrigado a entender que, para que as pessoas não me machucassem, eu precisava fazer isso comigo mesmo primeiro. Alguém por aí também passou por coisa parecida? #corpolivre	POV – Caio sendo "engraçado"	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização sobre o padrão ideal corpóreo impossível/denúncia sobre a indústria performativa da magreza	Ativismo gordo	259360 reproduções 11.969 curtidas e reações 193 comentários	#corpolivre
25/10/2022	A animação “Reflexo” faz parte de um projeto do Disney+ que reúne uma série de curtas experimentais feitos por talentos que trabalham no estúdio.	Primeira protagonista gorda em uma animação (curta-metragem) da Disney.	Ilustração + Texto - Conteúdo Próprio	Informativo	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo gordo	76 comentários	#movimentocorpolivre #corpolivre #disney

	Nessa segunda temporada, o tema abordado é o que chamamos por aqui de dismorfia corporal e ainda trata sobre a importância de encontrar sua identidade e a proteção da autoestima. “Reflexo” está disponível agora no Disney+! Que tal separar uns minutinhos pra ir lá assistir? #movimentocorpolivre #corpolivre #disney							
25/10/2022	Não dá pra tolerar gordofobia mais! @jojotodynho e @danirudz estiveram no Fantástico, no último domingo, falando sobre o tema. Arrasta pro lado pra assistir trechos das entrevistas! #CorpoLivre via @showdavid #movimentocorpolivre #corpolivre #fantastico	Materia sobre gordofobia no Fantástico, trazendo depoimentos de gordofobia e gordofobia médica e processos jurídicos abertos por esse motivo.	Fotos + texto - Conteúdo Próprio	Informativo	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	38 comentários	#CorpoLivre #movimentocorpolivre #corpolivre #fantastico
26/10/2022	As unhas pintadas e a roupa que vestimos são apenas formas de se expressar ✨ Por mais artistas como o @euxama! #MovimentoCorpoLivre #CorpoLivre #liberdade	Xamã responde à mãe de menino agredido por estar com as unhas pintadas.	Vídeo - Repost	Ativista	Autoestima/Amor-próprio	Ativismo LGBTQIAP+	95920 reproduções (oculto) curtidas e reações 72 comentários	#MovimentoCorpoLivre #CorpoLivre #liberdade
26/10/2022	Por mais que eu fale muito sobre sermos fortes, essas situações ainda são muito difíceis de viver. Dói muito ver os olhares das pessoas, ouvir os comentários. Vocês não estão sozinhos, essa luta é nossa! ❤️ A verdade é que enquanto isso tem gente recebendo dinheiro de companhia aérea porque ficou espremida entre duas pessoas gordas. Seguimos por aqui!	POV: Caio fala sobre a gordofobia numa viagem de avião.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	228564 reproduções (oculto) curtidas e reações 464 comentários"	#corpolivre

	#corpolivre							
26/10/2022	PLAYLIST DO TIME CORPO LIVRE NO AR Corre nos nossos stories e destaque para ter acesso ao link e já salvar a nossa playlist para curtir bastante no seu treino de gostosa (e também em qualquer momento que quiser, né? Até porque quem não ama dar uma geral na casa curtindo uma boa música?) 💪✨ E conta pra gente aqui nos comentários, você utiliza outra plataforma de streaming? Onde gostaria de ter a playlist do time? #timecorpolivre #corpolivre #playlist	PLAYLIST DO TIME CORPO LIVRE	Video+Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	6 comentários	#timecorpolivre #corpolivre #playlist
27/10/2022	“Como Alexandra Gurgel revolucionou o mercado de influência com o movimento corpo livre” @alexandrismos, nossa fundadora, estampa capa da @voguebrasil e fala sobre a importância de se ter uma rede de apoio para melhorar sua autoconfiança e que uma vida saudável não está relacionada ao corpo magro. É com muito orgulho que divulgamos a Xanda sendo capa da maior revista de moda do Brasil! Você merece! ❤️ Link da matéria completa nos stories!	@alexandrismos, fundadora do perfil, estampa capa da @voguebrasil e fala sobre a importância de se ter uma rede de apoio para melhorar sua autoconfiança e que uma vida saudável não está relacionada ao corpo magro.	Fotos+Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo gordo	114 comentários	#voguebrasil
27/10/2022	Conhece alguém assim? Se eu começar a contar quantas pessoas já vi fazendo isso... vai me faltar dedo! #corpolivre	Caio fala da rejeição amorosa às pessoas gordas.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	72778 reproduções (oculto) curtidas e reações 67 comentários"	#corpolivre

27/10/2022	A Alexandra faz parte do meu processo, foi graças a ela que tudo começou. Se eu estou aqui hoje sendo inspiração e acolhimento para muitas mulheres é porque em 2017 ela foi inspiração e acolhimento para mim. Muito obrigada Xanda! Você merece todo o sucesso do mundo! Hoje é um dia muito feliz para o Movimento Corpo Livre! 💖💖💖💖💖	Lara fala sobre a importancia da história da Alexandra e de sua capa na vogue.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo gordo	65186 reproduções (oculto) curtidas e reações 86 comentários"	
28/10/2022	A falta de estrutura para pessoas g0rdas ainda é um ponto muito sensível pra mim. Eu esperava trabalhar e descansar um pouco nessa viagem mas acabei batendo de frente com o que mais temo... o desconforto. É claro que dói muito passar por isso, mas dói ainda mais ver @betaboechoat vivendo a mesma coisa. As dores são incontáveis, a vontade de ficar em casa pra sempre é grande, por medo de viver situações como essa. Mas por aqui seguimos, com lágrima nos olhos, mas a cabeça erguida por acreditar que em um futuro - espero que não tão distante - essas situações não ocorram mais com ninguém! #corpolivre	Caio tentando sentar numa cadeira, apreensivo.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	217066 reproduções (oculto) curtidas e reações 249 comentários"	#corpolivre
28/10/2022	Alguém por aí precisando melhorar a soneca ou botar a cabeça no lugar? Arrasta pro lado pra conferir mais razões para se exercitar! ➡️✨ Por qual razão você começou ou quer começar a se exercitar?	5 razões para se exercitar.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	10 comentários	#corpolivre #movimentocorpolivre #timecorpolivre

	#corpolivre #movimentocorpolivre #timecorpolivre							
28/10/2022	Foram aqui que pediram mais #CorpoLivre em capa de revista? Pequena Lo, Luana Xavier e Rachel Maia estrelam capas da @voguebrasil no Especial Influência e esbanjam representatividade ao mostrar que é possível um corpo fora do padrão ser capa de uma revista de moda. Sentiram o impacto? ❤️🔥 #vogue #capaderevista	Pequena Lo, Luana Xavier e Rachel Maia nas capas da @voguebrasil do Especial Influência	Fotos - Repost	Motivacional	Educação política sobre diversidade corporal	Outros	26 comentários	#vogue #capaderevista
28/10/2022	Até quando a hipocrisia e a homofobia vão andar lado a lado na mídia? Apesar de uma atriz renomada, as falas e pronunciamentos de Cássia Kiss mostram pra gente como devemos nos atentar e perceber que nem sempre todos estão lutando e apoiando a mesma causa. #movimentocorpolivre #corpolivre #lgbt	Texto da foto comenta falas homofóbicas de Cássia Kiss.	Fotos + texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Outros	Ativismo LGBTQIAP+	227 comentários	#movimentocorpolivre #corpolivre #lgbt
29/10/2022	O medo de ser julgado e a insegurança com o meu próprio corpo já cansaram de me fazer entrar na piscina desse jeito do vídeo: de blusa preta. A intenção era ficar invisível e não comentarem sobre o meu corpo, mas o exato oposto acontece: Eu sigo sendo o centro das atenções, seja sem blusa ou com blusa. Hoje eu amo cada parte do meu corpo e não sinto vergonha nenhuma dele. Afinal, é o corpo que eu tenho hoje. Não dá pra esperar ter um corpo magro pra viver. Essa é a verdade. Se você faz isso, não se sinta mal. Eu também vivi anos assim e to aqui pra segurar sua mão para seguirmos juntos nessa desconstrução!	Caio fala sobre o medo de entrar na piscina enquanto pessoa gorda.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Conscientização/denúncia sobre gordofobia	Ativismo gordo	136002 reproduções (oculto) curtidas e reações 173 comentários"	#corpolivre

	 #CORPOLIVRE							
29/10/2022	Já ouviu dizer que o seu corpo não é capaz?    SPOILER ALERT: Um #CorpoLivre pode TUDO! ✨💖 #timecorpolivre	Coisas que um corpo livre (gordo ou magro) pode fazer.	Texto - Conteúdo Próprio	Ativista	Saúde & bem-estar	Ativismo gordo	1 comentário	#CorpoLivre #timecorpolivre
29/10/2022	Christina Aguilera deu de presente pros seus fãs na última semana um clipe necessário, representativo e que serve pra gente refletir sobre a pressão estética e a influência que os jovens de hoje dia estão tendo pelas redes sociais. O que vocês acharam dessa nova versão do hino atemporal? ✨ #corpolivre #Beautiful #christinaaguilera	Sobre versão atualizada de Beautiful, musica de Christina Aguilera.	Fotos + texto - Conteúdo Próprio	Informativo	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo gordo	13 comentários	#corpolivre #Beautiful #christinaaguilera
31/10/2022	Me conta aqui nos comentários: Qual outra frase você adicionaria nessa lista? Já ouviu alguma dessas? #corpolivre	Top 4 frases que voce nunca deve dizer sobre o corpo de alguém.	Vídeo - Colaboração	Ativista	Exposição do corpo gordo	Ativismo gordo	79107 reproduções (oculto) curtidas e reações 77 comentários"	#corpolivre
31/10/2022	Você se critica demais? Bora começar a exercitar o amor próprio? Comece parando de se criticar. Você é maravilhosa! ✨💖 #corpolivre #timecorpolivre #autocritica	Frases sobre autocritica.	Texto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Autoestima/ Amor-próprio	Autoestima	3 comentários	#corpolivre #timecorpolivre #autocritica
31/10/2022	“Não é fácil, né, ter uma filha trans” Será? Vem conhecer a história dessa mãe e sua filha, e se emocionar com a gente! 💖✨ #CorpoLivre via @historiasdeterapia	Mãe fala sobre sua relação com a filha trans.	Vídeo - Repost	Ativista	Educação política sobre diversidade corporal	Ativismo LGBTQIAP+	30556 reproduções (oculto) curtidas e reações 32 comentários"	#corpolivre

Legenda: O código "texto" utilizado aqui se refere aos "Cards", materiais de comunicação chamados dessa forma por profissionais de marketing digital, comunicação e publicidade que trabalham com redes sociais.

Apêndice B – Coleta do perfil Vai ter Gorda

Quadro 9 – Coleta completa do perfil Vai ter Gorda

Data	Legenda	Resumo da postagem	Formato de post	Intenção do post	Tema principal	Causa principal	Interação	Hashtags
24/09/2022	Vem aí Toalhas para Todes! E vc quer ser parceiro? Venha apoiar essa causa!     #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda O Coletivo VAITERGORDA, liderado pela ativista social Adriana Santos @adriladyplus, lança coleção de toalhas de banho com o tema: TOALHAS PARA TODES! O projeto Toalhas para TODES foi um dos premiados pelo Edital Empodera, em parceria com o fundo ELAS, instituto Lojas Renner e ONU Mulheres. O projeto Toalhas para Todes pretende lançar uma coleção de toalhas de banho sustentáveis, que vai desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais.	Descrito na legenda.	Texto¹- Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	30 comentários	#toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda

	Realizaremos um workshop e desfile de moda Inclusiva com as peças produzidas pelas mulheres do coletivo Vai Ter Gorda, em que a diversidade corporal será representada em cores, estampas e frases de empoderamento, mostrando para a sociedade que todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas.							
28/09/2022	 #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda Você é nossa(o) convidada(o)! O projeto Toalhas para TODES foi um dos premiados pelo Edital Empodera, em parceria com o fundo ELAS, instituto Lojas Renner e ONU Mulheres. O projeto Toalhas para Todes pretende lançar uma coleção de toalhas de banho sustentáveis, que vai desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Realizaremos um workshop com palestras, oficinas e desfile de moda Inclusiva com as peças produzidas pelas mulheres do coletivo Vai Ter Gorda, em que a diversidade corporal será representada em cores, estampas e frases de empoderamento, mostrando para a sociedade que todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas. Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores! @onumulheresbr @fundoelas @toalhasparatodes @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha	Descrito na legenda.	Texto-Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	7 comentários	#toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda

	@annyleitebuffet @gleicesillva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @pauloarcanjofc @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno							
04/10/2022	 #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda O projeto Toalhas para TODES foi um dos premiados pelo Edital Empodera, em parceria com o fundo ELAS, instituto Lojas Renner e ONU Mulheres. O projeto Toalhas para TodeS lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Realizamos um workshop com palestras, oficinas e desfile de moda Inclusiva com as peças produzidas pelas mulheres do coletivo Vai Ter Gorda, em que a diversidade corporal foi representada em cores, estampas e frases de empoderamento, mostrando para a sociedade que todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas. Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores!@onumulheresbr @fundoelas @institutolojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adrialdyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet	Nas fotos mulheres gordas de varios tamanhos (a maioria sendo gorda grande), pretas, bancas e uma mulher cadeirante de biquini com as toalhas grandes.	Fotos - Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	7 comentários	#toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda

	@gleicesillva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @pauloarcanjofc @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes							
05/10/2022	O projeto Toalhas para Tódes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Conheça a coleção de toalhas de banho 100% algodão com detalhes em croche, fuxico, bordado, serigrafia e abraça verdadeiramente o seu corpo! Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores! @onumulheresbr @fundoelas	Nas fotos mulheres gordas de varios tamanhos (a maioria sendo gorda grande), pretas, bancas, uma mulher e um homem cadeirante de biquíni com as toalhas grandes.	Fotos - Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	32 comentários	#toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma

@institutolojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adriladyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesillva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes 							
--	--	--	--	--	--	--	--

	#toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma #gorda #modaparatodes #salvador #toalhasplus							
05/10/2022	Roupões para todes! O projeto Toalhas para Todes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Conheça a coleção de toalhas de banho 100% algodão com detalhes em croche, fuxico, bordado, serigrafia e abraça verdadeiramente o seu corpo! Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores! @onumulheresbr @fundoelas @institutolojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adriadyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesillva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante	Descrito na legenda.	Fotos - Conteúdo Próprio	Informativo	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	20 comentários	#toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma

	@tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes  #toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma #gorda #modaparatodes #salvador #toalhasplus							
06/10/2022	Todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas. O projeto Toalhas para Todes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores!  #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda #modaquetransforma #representatividade @onumulheresbr @fundoelas @institutoojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adriadyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves	Nas fotos mulheres gordas de varios tamanhos (a maioria sendo gorda grande), pretas, bancas e uma mulher cadeirante de biquini com as toalhas grandes.	Fotos - Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	4 comentários	#toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda

	@lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesillva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @pauloarcanjofc @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmenes							
07/10/2022	Todos os corpos são dignos de um banho com toalhas que transformam vidas. O projeto Toalhas para Todes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais.	Nas fotos, mulher gorda com deficiência física (cadeirante) de biquini, como modelo.	Fotos - Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	1 comentário	#toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda

Agradecimento a todos os parceiros e apoiadores!  #toalhasparatodes #modaparatodes #vaitergorda #modaquetransforma #representatividade @onumulheresbr @fundoelas @institutolojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adriladyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesillva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart @raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial							
---	--	--	--	--	--	--	--

	@nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes							
13/10/2022	Somos várias mãos! Gratidão a todas as colaboradoras, apoiadoras, parceiras e simpatizantes! #ubuntu O projeto Toalhas para Todes lançou uma coleção de toalhas de banho e roupões sustentáveis, que vão desde a criação à confecção (produção própria), através de uma moda democrática e inclusiva, em tamanhos de corpos reais. Conheça a coleção de toalhas de banho 100% algodão com detalhes em croche, fuxico, bordado, serigrafia e abrace verdadeiramente o seu corpo! Look @lilasmodasplus_liberdade @onumulheresbr @fundoelas @institutolojasrenner @toalhasparatodes @vaitergorda @adriladyplus @anaclaudiaportugal @catiarochaalves @lilasmodasplus_liberdade @xarmomodapraia @gabriellablanco @filhadorei.sobrancelha @annyleitebuffet @gleicesilva_studio @polpa_cupuacu @jane.ferrao @franca9108 @hilo.hilook.fotografia @seth_bruno @mmbmeiga @ayashoesoficial @nillmalu.bijuart	Foto do coletivo apresentando o projeto no palco	Fotos - Conteúdo Próprio	Ativista	Democratização de acessos/inclusão de corpos gordos na sociedade	Ativismo gordo	5 comentários	#toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma

	@raissafadigas @negrasilacessorios @nina.c.rocha @louise_sampaio2 @lariih_bomfiim @jailsoncadeirante @tatipeltier @laudiceiaempoderada @sheilavulcao @shyrra13 @danielapenhapl @pauloarcanjofc @malu_mascarenhas_ @ventinaoficial @nillmalu @blendaalmeidaof @lorranymanthelleamor_a_vida_ @camaradesalvador @amavia.nordeste @anaritaportugalmendes  #toalhasparatodes #vaitergorda #modaquetransforma #gorda #modaparatodes #salvador #toalhasplus							
21/10/2022	Está chegando em Salvador-BA a maior feira de moda do Nordeste. Garanta seu stand e leve sua marca para o mundo! Vagas Limitadas! #vaitergorda #bahiafashionplussize #plussize #bahiaplusizefashion	Convite para lojistas e confeccionistas, para a Bahia Plus Size Fashion, segundo o perfil a maior reunião de empresas plus size do Nordeste.	Texto - conteúdo próprio	Informativo	Outros	Ativismo gordo	4 comentários	#vaitergorda #bahiafashionplussize e #plussize
25/10/2022	Seu corpo é seu abrigo, por isso não deixe de cuidar dele com muito amor. Faça o autoexame e previna-se contra o câncer de mama. Modelo: @catiarochaalves	Mulher gorda nua com o corpo pintado.	Foto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Exposição do corpo gordo	Ativismo gordo	9 comentários	#outubrorosa #cancerdemama #saude

	Artista: @corporalarts Foto: @rs_raisilva #outubrorosa #cancerdemama #saude #outubro #mulher #cancer #autoexame #prevencao #rosa #amor #autoestima #autocuidado #qualidadedevida #setoque #saudedamulher #vaitegorda #plussizebahia #plussizesalvador #cancerdemamatemcura #oncologia							
25/10/2022	Cuidar da sua saúde é ser poderosa. Conscientizar nossas Amigas é ser poderosa. Lutar contra o câncer de mama é ser poderosa. 💕 Apoie o Outubro Rosa sendo uma mulher poderosa! 🌸💕💕 Modelo: @adriladyplus Artista: @corporalarts Foto: @rs_raisilva #outubrorosa #cancerdemama #saude #outubro #mulher #cancer #autoexame #prevencao #rosa #amor #autoestima #autocuidado #qualidadedevida #setoque #peito #saudedamulher #vaitegorda #plussizebahia #plussizesalvador #cancerdemamatemcura #oncologia	Mulher gorda nua com o corpo pintado.	Foto - Conteúdo Próprio	Motivacional	Exposição do corpo gordo	Ativismo gordo	4 comentários	#outubrorosa #cancerdemama #saude

Legenda: O código "texto" utilizado aqui se refere aos conhecidos "Cards", chamados dessa forma por profissionais de marketing digital, comunicação e publicidade que trabalham com redes sociais.